

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO**

ALEXANDRE DAL MOLIN WISSMANN

**OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS
MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO**

Porto Alegre

2024

ALEXANDRE DAL MOLIN WISSMANN

OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS
MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO

Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em
Administração da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial do curso de
Doutorado em Administração na área de Gestão de
Pessoas e Relações de Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiane Quadrado Closs

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Wissmann, Alexandre Dal Molin
OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE
CARREIRA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA
ANÁLISE A PARTIR DA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO
MICROEMPREENDEDORISMO / Alexandre Dal Molin Wissmann.
-- 2024.
160 f.
Orientadora: Lisiane Quadrado Closs.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de
Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Aprendizagem. 2. Carreira. 3. Empreendedorismo.
4. Microempreendedor Individual. 5. Transição. I.
Quadrado Closs, Lisiane, orient. II. Título.

Alexandre Dal Molin Wissmann

**OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS
MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Administração.

Porto Alegre, 9 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lisiane Quadrado Closs – Orientadora (PPGA/UFRGS)

Profa. Dra. Claudia Simone Antonello – (PPGA/UFRGS)

Profa. Dra. Lucia Barbosa de Oliveira – (EBAPE/FGV)

Profa. Dra. Heliani Berlatto dos Santos – (ESALQ/USP)

AGRADECIMENTOS

A jornada para a conclusão deste doutorado foi repleta de desafios e conquistas, e neste momento, gostaria de expressar meu agradecimento a todos que fizeram parte dessa caminhada.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Liane Dal Molin Wissmann e Luis Fernando Vontobel Wissmann, pelo amor e educação que me proporcionaram.

À minha noiva, Laísa Pithan da Silva, cujo apoio foi essencial para que eu pudesse manter o equilíbrio entre as exigências do doutorado e a vida pessoal.

Aos meus familiares e familiares de minha noiva, que sempre estiveram ao meu lado e ofereceram suporte em momentos desafiadores.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Lisiane Quadrado Closs, minha gratidão pela paciência e sabedoria compartilhada ao longo desse processo. Às membras da banca, Prof.^a Dr.^a Claudia Simone Antonello, Prof.^a Dr.^a Lucia Barbosa de Oliveira e Prof.^a Dr.^a Heliani Berlato dos Santos, meu sincero agradecimento pela participação neste momento tão importante.

Aos colegas do PPGA e aos colegas de trabalho na Unisc, agradeço pela parceria, pelas discussões e apoio mútuo.

Um agradecimento especial também aos participantes da pesquisa, que generosamente dedicaram seu tempo para compartilhar suas experiências e conhecimentos.

Por fim, agradeço à agência de fomento, Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concedeu a bolsa durante o curso, permitindo dedicação ao projeto.

A todos vocês, o meu sincero e profundo agradecimento.

RESUMO

O objetivo geral desta tese é compreender como ocorrem os processos de aprendizagem nas construções de carreira de trabalhadores que vivenciaram a transição do emprego formal ao microempreendedorismo. Partimos de uma abordagem teórica integrada, tendo como bases os conceitos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem vistos sob um olhar ontoepistêmico onde indivíduo e contexto estão conectados, interagindo entre si e com os demais elementos que compõem o cenário de pesquisa. Por meio da articulação desses três conceitos, fomos capazes de apresentar uma estrutura teórica que colocou à disposição seis elementos: tempo, contexto, indivíduo, relações sociais, experiências e ferramentas. Adotamos uma abordagem de investigação qualitativa, utilizando como estratégia a pesquisa qualitativa básica envolvendo três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevista narrativa. Participaram do estudo seis MEIs de estratos econômicos inferiores, que atuam em regiões urbanas periféricas do município de Santa Cruz do Sul (RS), em atividades com baixa especialização. A tese é estruturada em quatro artigos. O primeiro objetivou realizar uma interlocução entre os quadros conceituais de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, buscando elementos que colaboram para o estudo da aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores. O segundo apresenta as contribuições que um percurso metodológico de pesquisa qualitativa pode oferecer a estudos que se proponham à investigação dos MEIs. O terceiro artigo explora as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo, analisando as trajetórias a partir do espaço social da pesquisa, contemplando elementos objetivos e subjetivos, bem como as interações existentes nessas trajetórias. Por fim, o quarto artigo objetivou compreender os processos de aprendizagem envolvidos na carreira dos trabalhadores que experienciaram a transição do emprego formal ao MEI. Os achados da tese descortinam trajetórias semelhantes, envolvendo, sobretudo, aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos relacionais de suporte e ausência de planejamento na transição analisada. Também identificamos que tópicos como o desenvolvimento constante, agência, ou a procura de significado não foram elementos centrais para explicarmos essas transições. Os dados mostram que os processos de aprendizagem estão ligados ao passado dos trabalhadores, onde estão presentes questões como a fragilidade socioeconômica de suas famílias, o afastamento dos estudos escolares e as ocupações operacionais. Além disso, encontramos carreiras onde os ambientes de trabalho aparecem com protagonismo nos processos de aprendizagem dos trabalhadores, carregando as experiências mais significativas, levando a um cenário onde a trajetória e as interações do MEI com o contexto não permitiram uma qualificação adequada para o exercício das atividades como empreendedor. Entre as contribuições que permitem sublinhar a originalidade da pesquisa, estão a articulação entre os distintos quadros teóricos da pesquisa, a análise de uma transição de carreira ainda inexplorada, o reconhecimento dos processos de aprendizagem na transição emprego-MEI e a identificação de espaços para a construção de políticas públicas ou institucionais que beneficiem o MEI. Desse modo, nesta tese partimos do processo de deslocamento da atividade do emprego formal, associada ao direcionamento dos trabalhadores rumo ao microempreendedorismo contemporâneo, para defender que as construções de carreira e as dinâmicas de aprendizagem vivenciadas na transição do emprego formal ao MEI pelos trabalhadores, dados seus perfis profissionais e em face dos quadros contextuais (micro e macro) experienciados, não oferecem condições de mudança (agência) aos mesmos, levando a projeções de continuidade de suas frágeis conjunturas socioeconômicas e de precarização no trabalho. O trabalho traz contribuições teóricas e práticas que atravessam os conceitos utilizados no estudo e o campo dos MEIs, permitindo ainda a continuidade das investigações a partir de perguntas não respondidas e campos que podem ser explorados.

Palavras-chave: Aprendizagem. Carreira. Empreendedorismo. Microempreendedor Individual. MEI. Emprego formal. Transição. Abordagem qualitativa.

ABSTRACT

The general objective of this thesis is to understand how learning processes occur in the career constructions of workers who have experienced the transition from formal employment to microentrepreneurship. We start from an integrated theoretical approach, based on the concepts of entrepreneurship, career and learning seen from an onto-epistemic perspective where the individual and context are connected, interacting with each other and with the different elements that make up the research scenario. By articulating these three concepts, we could present a theoretical structure that made six elements available: time, context, individual, social relationships, experiences and tools. We adopted a qualitative research approach, using basic qualitative research as a strategy involving three data collection techniques: documentary research, observation and narrative interview. Six MEIs from lower economic strata participated in the study, operating in peripheral urban regions of the municipality of Santa Cruz do Sul (RS), in activities with low specialization. The thesis is structured into four articles. The first aimed to create a dialogue between the conceptual frameworks of entrepreneurship, career and learning, seeking elements that contribute to the study of learning in the career constructions of entrepreneurs. The second presents the contributions that a qualitative research methodological path can offer to studies that investigate MEIs. The third article explores the career constructions of people who experienced the transition from formal employment to microentrepreneurship, analyzing trajectories from the social space of research, covering objective and subjective elements, as well as the interactions that exist in these trajectories. Finally, the fourth article aimed to understand the learning processes involved in the careers of workers who experienced the transition from formal employment to MEI. The findings of the thesis reveal similar trajectories, involving, above all, aspects related to economic barriers, relational support bonds and lack of planning in the analyzed transition. We also identified that topics such as constant development, agency, or the search for meaning were not central elements in explaining these transitions. The data show that the learning processes are linked to the workers' past, where issues such as the socioeconomic fragility of their families, withdrawal from school studies and operational occupations are present. Furthermore, we find careers where work environments play a leading role in the workers' learning processes, carrying the most significant experiences, leading to a scenario where the MEI's trajectory and interactions with the context did not allow for adequate qualification for the exercise of tasks. activities as an entrepreneur. Among the contributions that highlight the originality of the research are the articulation between the different theoretical frameworks of the research, the analysis of a career transition that is still unexplored, the recognition of learning processes in the employment-MEI transition and the identification of spaces for construction of public or institutional policies that benefit the MEI. Therefore, in this thesis we start from the process of displacement of formal employment activity, associated with the direction of workers towards contemporary micro-entrepreneurship, to argue that the career constructions and learning dynamics experienced in the transition from formal employment to MEI by workers, given their professional profiles and in view of the contextual conditions (micro and macro) experienced, do not offer conditions for change (agency) to them, leading to projections of continuity of their fragile socioeconomic situations and precarious work conditions. The work brings theoretical and practical contributions that cross the concepts used in the study and the field of MEIs, also allowing the continuity of investigations based on unanswered questions and fields that can be explored.

Keywords: Learning. Career. Entrepreneurship. Individual Microentrepreneur. MEI. Formal employment. Transition. Qualitative approach.

Sumário

Raízes da Pesquisa.....	9
Trajetória doutoral	12
1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Problematização e objetivos da pesquisa.....	20
1.2 Espaços para contribuição científica	23
2 APRESENTAÇÃO DA TESE E ARTICULAÇÃO DOS CAPÍTULOS	27
ARTIGO 1 - INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE EMPREENDEDORISMO, CARREIRA E APRENDIZAGEM	30
ARTIGO 2 - CONTRIBUIÇÕES DE UM PERCURSO METODOLÓGICO QUALITATIVO PARA ESTUDOS SOBRE O MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI)	48
ARTIGO 3 - AS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA NA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO	71
ARTIGO 4 - PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO	102
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
3.1 Contribuições e originalidade da tese.....	142
3.2 Limitações e possibilidades de investigações futuras.....	145
Referências	149
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	157
Apêndice B – Questões exmanentes utilizadas na entrevista narrativa.....	158
Apêndice C – Modelo de nota de campo utilizado na etapa de coleta	160

Raízes da Pesquisa

As raízes de nossos pensamentos refletem escolhas durante uma investigação, determinando caminhos teóricos, relações e modos de obtenção do conhecimento. A reflexão sobre nossos modos de pensar e pesquisar representa um exercício de olhar para dentro de nosso próprio ser, portanto, quando indagamos nossos métodos de pesquisa, nos indagamos (Zaccur, 2003). Os modos de ser e fazer podem ser observados como um sistema de crenças sobre a natureza da realidade (ontologia), sobre a relação entre o pesquisador e o participante (epistemologia) e sobre o modo que podemos obter o conhecimento desta realidade (metodologia) (Guba & Lincoln, 1994; Denzin & Lincoln, 2018). Assim, estes modos vão além de questões sobre método ou contexto de investigação, eles caminham ao lado das crenças básicas do pesquisador de maneira ontológica e epistemológica.

Em razão da relevância do vínculo entre pesquisa e pesquisador, entendo ser importante dedicar um breve momento para tratar destas questões e dissertar sobre crenças básicas, ou como a seção é intitulada: raízes da pesquisa. Creio que essa consideração inicial sobre minha perspectiva seja necessária, primeiro, para a construção reflexiva do trabalho e do eu-pesquisador; segundo, em função da envergadura de uma tese; e terceiro, para contemplar os leitores e as leitoras, esclarecendo ideias e bases de conhecimento que percorrem esse estudo.

Como ponto de partida, gostaria de pontuar que, nesse espaço, as raízes vinculadas aos sentidos de ver o mundo e como esse pode ser acessado não limitarão o trânsito de ideias, tampouco serão protagonistas para a renúncia de diferentes pontos de vista (Burrell, 2007). No entanto, é importante realizar uma consideração. Valendo-se da analogia proposta por Crotty (1998), inspirada na obra de William Shakespeare, entre flechas e estrutura de pesquisa, não tenho a intenção de lançar flechas em todas as direções ou de romper barreiras incomensuráveis. Apenas, como as próprias noções contemporâneas já o fazem, aproximar as concepções de ideias mais dinâmicas e fluídas, em detrimento de categorizações rígidas e intransponíveis (Lewis & Grimes, 2005).

Diante dessas breves considerações, ao observar as perspectivas paradigmáticas em seu conjunto (Lincoln & Guba, 2005), reconheço maior distância de noções como o positivismo e o pós-positivismo. Por outro lado, percebo maior aproximação com ideais de perspectivas como a teoria crítica, construtivista e participativa, reconhecendo que estas noções estão, sob diversos pontos, próximas de minhas crenças de realidade, relações e obtenção de conhecimento. Defronte tal panorama, apoio-me em uma perspectiva construtivista para, na sequência, tratar sobre o reconhecimento e a aproximação com meu modo de perceber o mundo, dissertando,

principalmente sobre os campos ontológico e epistemológico que caminham ao lado dessa pesquisa (Denzin & Lincoln, 2018).

O campo ontológico do qual parto observa a realidade como múltipla, relativa e em constante construção, e também posiciona a perspectiva subjetiva como essencial para as descobertas científicas (Schwandt, 1994). Sob este pensamento, as construções são fundadas a partir de contextos específicos, onde o espaço físico e social, os participantes envolvidos (e suas vozes) e a composição histórica do contexto são elementares no processo. Em paralelo, as atribuições ou explicações da ação são vistas a partir da constante interação entre indivíduos, instituições e contexto, um agindo sobre o outro e moldando suas ações, papéis e percepções (Guba & Lincoln, 1982).

Essa concepção torna a apreensão da realidade um desafio e, por este motivo, uma das preocupações que parte junto deste trabalho é a descrição densa da realidade. Isso possibilita uma análise que envolva todos os aspectos relacionados ao fenômeno (Guba & Lincoln, 1982).

Ainda do ponto de vista ontológico, as noções de transferibilidade não são substanciais, tampouco pautam a trajetória da pesquisa. No entanto, a preocupação por uma descrição densa e uma análise que considere todos os aspectos envolvidos no estudo busca contemplar possíveis futuros interesses ao fenômeno. Assim, mesmo que a realidade não seja a mesma, detalhes de uma construção podem contribuir para outras incursões investigativas.

Do ponto de vista epistemológico, a posição adotada acerca do processo de obtenção do conhecimento é entendida por meio de (re)construções que temos da realidade em conjunto com os participantes da pesquisa, e também pela transformação das ideias que construímos por meio de um processo dinâmico, influenciado pelas nossas experiências e interações (Castañon, 2015).

Avançando nesta direção, na relação entre pesquisa e pesquisador, entendo que a história de vida e as crenças básicas do investigador estão intimamente relacionadas ao seu trabalho. Além disso, acredito que crenças como senso de justiça e a busca pela igualdade entre as pessoas em diferentes aspectos se encontram em minhas raízes como ser humano.

Por estas razões, ao me deparar com um objeto de estudo no qual há espaço para redução de desigualdades em nível social, para avanços técnicos e para construção de conhecimento, vejo a necessidade de envolvimento e contribuição (Wickert, Post, Doh, Prescott, & Prencipe, 2021). Diante disto, enquanto pesquisador da área de ciências sociais, creio que essas concepções me levam ao envolvimento com o fenômeno.

Ao mesmo tempo, acerca da relação entre pesquisador e participantes da pesquisa, parto da ideia de que há uma natural interação entre essas partes, onde mutuamente um influencia o

outro. E longe de omitir esta interatividade, entendo que essa relação é um ponto de construção do estudo e oferece ao pesquisador a possibilidade de aprimorar a condução da pesquisa em razão de sua sensibilidade aos eventos (Guba & Lincoln, 1982). No entanto, considero que não é apenas a interatividade que faz parte dessa construção, a voz dos participantes é essencial para os resultados, pois carrega sua representatividade e deve compor o desenvolvimento do estudo.

Diante desses posicionamentos, é possível notar uma ideia acolhedora de pensamento, onde o diálogo é uma premissa de destaque nesse espaço e uma crença deste autor. Acredito que no universo acadêmico há um grande potencial para o entrelaçamento de pontos de vista e para a incorporação de perspectivas. Assim, o espaço intelectual, teórico e prático oferecido por esse trabalho deve ser percebido como um ponto à espera de outros pensamentos e esforços que possam, em diálogo, avançar em múltiplas direções.

Trajetória doutoral

Esta seção dedica-se a apresentar minha trajetória no curso de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), exibindo os momentos relevantes ao longo desse percurso. No entanto, para compreendermos a trajetória doutoral é preciso olhar para o passado, resgatando os elementos que agiram para definição deste caminho e estiveram interseccionados com a escolha pela temática da tese.

Refletindo sobre o passado de minha carreira, percebo que a opção pela área acadêmica esteve ligada a existência de pessoas que me influenciaram através de seus bons exemplos e me encorajaram para tal escolha. Cresci em um contexto social onde o ensino e a pesquisa estavam presentes de diferentes maneiras. Minha mãe, Liane Dal Molin Wissmann, apesar de não exercer a docência, trabalhou durante 21 anos na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e sempre esteve envolvida nas atividades acadêmicas da Instituição. Hoje ela é minha colega de trabalho na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Já meu pai, Luis Fernando Vontobel Wissmann, é professor da rede pública estadual e se dedica às atividades de ensino em tempo integral há mais de 10 anos.

Também devo mencionar três nomes que foram exemplos durante a minha trajetória acadêmica antes do ingresso no doutorado. O primeiro nome é o da pessoa que me apresentou os caminhos da pesquisa, Profa. Dra. Enise Barth-Teixeira, minha orientadora à época de bolsista de iniciação científica na graduação. O segundo é daquele que me provocou a buscar uma continuidade na formação acadêmica, Prof. Dr. Gustavo Arno Drews, meu orientador no trabalho de conclusão de curso na graduação. O terceiro nome é o da pessoa que me despertou um olhar crítico aos estudos organizacionais, Profa. Dra. Anne Pinheiro Leal, minha orientadora no mestrado.

Assim como a inclinação pela trajetória acadêmica, a temática da tese foi delineada muito antes do ingresso na UFRGS. Foi durante a graduação, momento do primeiro contato com os Microempreendedores Individuais (MEIs), que o campo para essa pesquisa foi semeado. Em um projeto realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em parceria com Instituições de Ensino Superior (IES), trabalhei em um programa denominado Negócio à Negócio, cujo objetivo principal era o auxílio empresarial para pequenas empresas.

Tendo em vista tal propósito, atuei em mais de 10 municípios da região noroeste do Rio Grande do Sul disseminando boas práticas administrativas aos pequenos empreendedores, entre os quais estavam os MEIs. Os três anos trabalhando no programa foram suficientes para despertar o interesse por temas como o empreendedorismo, as pequenas empresas, a aprendizagem e as relações de trabalho.

Desde então, minha trajetória, especialmente no papel de pesquisador, se entrelaça ao universo desses trabalhadores. Ao longo deste período muitos temas chamaram minha atenção e tornaram-se objetos de investigação em minhas pesquisas científicas. Dentre esses estudos, posso citar as discussões propostas acerca das qualificações e competências dos MEIs, dos vínculos formados por eles, das dificuldades enfrentadas e das diferenças produzidas a partir dos seus gêneros. O envolvimento com microempreendedores a partir destas análises, por sua vez, sempre abria caminhos para novos temas dentro do contexto de trabalho destes indivíduos, mostrando a fertilidade desse campo de pesquisa.

Ao analisar o panorama recente de pesquisas acerca dos MEIs, é possível ver novos traços do conjunto social ganhando espessura. Como exemplo das questões que emergem do contexto de trabalho do microempreendedor e que requerem investigações, podem ser mencionadas as novas relações de trabalho, disputas trabalhistas e, até, o alargamento do discurso empreendedor. No entanto, o que chamou minha atenção, especialmente durante a escrita da minha dissertação, que tratou sobre a qualificação e as relações de trabalho do MEI, foi o movimento de trabalhadores saindo do emprego formal rumo ao microempreendedorismo.

Apresentando este fenômeno como ponto central do anteprojeto de pesquisa de tese de doutorado, obtive a aprovação na subárea de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da UFRGS, um dos mais conceituados no país. Assim, em março de 2019, ingresso no curso e, deste ponto em diante, muitos momentos importantes aconteceram, os quais destaco, a partir de agora, em um breve resumo de minha trajetória doutoral:

- Registro como primeiro momento, em abril de 2019, meu ingresso no Observatório Internacional de Carreiras (OIC), grupo de pesquisa da UFRGS. A coletividade foi fundamental para subsidiar minhas reflexões acerca das concepções de carreira, um dos eixos da tese.

- Ainda no primeiro semestre do curso, em maio de 2019, fui aprovado em um processo seletivo para atuar como Gestor de Projetos e Serviços no Zenit – Parque Científico e Tecnológico da UFRGS, exercendo atividades na área do empreendedorismo. Durante essa experiência, sob a coordenação da Profa. Dra. Aurora Carneiro Zen, trabalhei em diferentes projetos de extensão, dos quais posso citar os programas Empresas Associadas Não Residentes – Rede Zenit, o AcelerEA e o Inovação nas Telas.
- Em agosto de 2019, iniciei meu primeiro estágio docente no doutorado, na disciplina de Empreendedorismo e Inovação, onde tive a oportunidade de trabalhar conjuntamente com a Profa. Aurora em temáticas relacionadas ao campo do empreendedorismo.
- No mesmo período, em agosto de 2019, aceitei um convite para trabalhar na disciplina de novos negócios e empreendedorismo em uma IES como professor no curso de Administração. Sendo essa minha primeira experiência docente ao nível de graduação, destaco esse momento como significativo em minha trajetória formativa no curso.
- Em outubro de 2019, participei do XLIII Encontro da ANPAD (EnANPAD 2019) em São Paulo – SP, apresentando o trabalho “A Qualificação do Microempreendedor Individual: Uma Análise no Município de Rio Grande”. Resultado da dissertação do mestrado, o estudo teve a coautoria de minha orientadora à época, Profa. Anne Pinheiro Leal, e foi um dos pontos de partida para a construção da tese.
- Em novembro de 2019 fui contemplado com uma bolsa de doutorado concedida pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, permitindo maior dedicação ao curso nas dimensões de pesquisa e extensão.
- De julho de 2020 até o final de 2021, participei como voluntário de um projeto de extensão denominado SOS-PME – Rede de Assessoria Empresarial, auxiliando pequenas e médias empresas no enfrentamento da crise gerada pela pandemia do COVID-19. O apoio ocorreu através de orientações remotas na área de gestão dos negócios. Destaco essa etapa, uma vez que ela está vinculada ao campo de pesquisa da tese e a uma atuação performativa junto aos MEIs.
- Em agosto de 2020, na modalidade on-line em razão da pandemia, iniciei meu segundo estágio docente no doutorado, na disciplina de Avaliação e Retribuição do Trabalho, onde tive a oportunidade de trabalhar conjuntamente com o eterno Prof. Dr. Sidinei Rocha-de-Oliveira (*in memoriam*) em tópicos da área de gestão de pessoas.

- No mês de outubro de 2020, também na modalidade on-line, apresentei dois trabalhos no Congresso Internacional de Administração – ADM 2020. O primeiro artigo intitulado “As Marcas do Gênero na Carreira do Microempreendedor Individual (MEI)” teve a coautoria dos colegas Jair Jeremias Junior, Jhony Pereira Moraes e Arthur Gehrke Martins Andrade. Já o segundo estudo teve como título “Desconstrução e Discursos sobre a figura do Microempreendedor Individual (MEI)”. Ambos os trabalhos foram resultados de pesquisas realizadas em disciplinas do primeiro semestre do curso de doutorado e receberam ricas contribuições nas discussões do evento, tendo em vista o aprimoramento dos estudos.
- Também estive mais uma vez participando do EnANPAD, no mês de outubro de 2020, em sua 44ª edição, onde apresentei dois trabalhos na modalidade on-line. O primeiro, “Interlocuções entre Carreira e o Movimento do Emprego Formal ao Microempreendedorismo”, que teve a coautoria de minha orientadora, Profa. Dra. Lisiane Quadrado Closs, representou um dos primeiros esforços analíticos de aproximação entre o fenômeno investigado na tese e o conceito de carreira. Cabe destacar que o estudo apresentado foi o resultado parcial da etapa de qualificação do ensaio teórico, sendo o evento significativo em razão das contribuições para o aprimoramento teórico da tese. O segundo, “Trabalhadores do Batuque: A Carreira em uma Religião Afro-Gaúcha” teve a coautoria dos colegas Jhony Pereira Moraes, Arthur Gehrke Martins Andrade e Jair Jeremias Junior. Para a trajetória doutoral, o trabalho possui significância em razão da imersão no conceito de carreira, um dos eixos centrais da tese. Além disso, o evento foi importante em razão das discussões emergidas a partir do artigo acerca da concepção de carreira.
- Em novembro de 2020 fui nomeado como representante discente do PPGA na Escola de Administração, função que exerci até outubro de 2022, desempenhando um papel de apoio às demandas estudantis.
- Em novembro de 2020, publicamos no livro Trabalho e Carreira: perspectivas contemporâneas, o capítulo intitulado “As Marcas do Gênero na Carreira do Microempreendedor Individual (MEI)”, fruto de pesquisa realizada na disciplina de Gênero e Sexualidade, cursada no primeiro semestre do doutorado. O estudo representou mais um passo na caminhada envolvendo as reflexões acerca dos participantes centrais da tese.

- No mês de setembro de 2021 publicamos, na revista Cadernos EBAPE.BR, o artigo “Trabalhadores do Batuque: A Carreira em uma Religião Afro-Gaúcha”. O trabalho também foi resultado de uma pesquisa realizada em uma disciplina – Mercado, Formação e Carreira – cursada no primeiro semestre do doutorado.
- Ainda em setembro de 2021 obtive a aprovação na qualificação do ensaio teórico, intitulado “Interloquções entre Carreira e o Movimento do Emprego Formal ao Microempreendedorismo”. Os questionamentos das avaliadoras, Profa. Dra. Angela Beatriz Busato Scheffer e Profa. Dra. Lucia Barbosa de Oliveira, iluminaram diferentes pontos do trabalho e contribuíram para a construção da pesquisa.
- Para completar a série dos estudos publicados frutos de disciplinas cursadas no primeiro semestre do doutorado, em outubro de 2021, o artigo “Discursos e Desconstrução sobre a Figura do Microempreendedor Individual (MEI)” foi publicado na Revista Pretexito (Online). Interseccionando os microempreendedores com conteúdos da disciplina de Teoria da Administração, o ensaio teórico objetivou apresentar uma visualização sobre a figura do MEI que contemplasse as diferentes características desse conjunto social.
- Iniciando o ano de 2022, em janeiro, defendi o projeto da tese intitulado “O Movimento de Transição do Emprego Formal ao Microempreendedorismo: Aprendizagem nas Construções de Carreira dos Microempreendedores Individuais”. Além da aprovação do projeto diante da banca, composta pelas Profas. Dras. Lisiane Quadrado Closs, Claudia Simone Antonello, Lucia Barbosa de Oliveira e Heliani Berlatto dos Santos, houveram significativas contribuições que auxiliaram na consolidação da pesquisa.
- Em março de 2022 comecei minha trajetória na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) como Gestor do Tecnounisc, atuando à frente das atividades do Parque Científico e Tecnológico Regional da UNISC – Tecnounisc, ambiente de empreendedorismo e inovação da Universidade. Destaco esse momento em razão da proximidade da função com o empreendedorismo, eixo central da tese.
- Em julho de 2022 ingressei no Grupo Interdisciplinar de Estudos da Inovação e do Trabalho (GINEIT). Sob a coordenação da Profa. Lisiane, o grupo de pesquisa atua na produção científica e na formação de pesquisadores das áreas de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho.
- No mês de dezembro de 2022, originado de meu ensaio teórico, o artigo que compõe o primeiro capítulo da tese, “Interloquções teóricas entre empreendedorismo, carreira e aprendizagem”, foi publicado na Desenvolve – Revista de Gestão da Unilasalle. O estudo teve como coautoras Lisiane Quadrado Closs e Amanda Ribeiro da Luz.

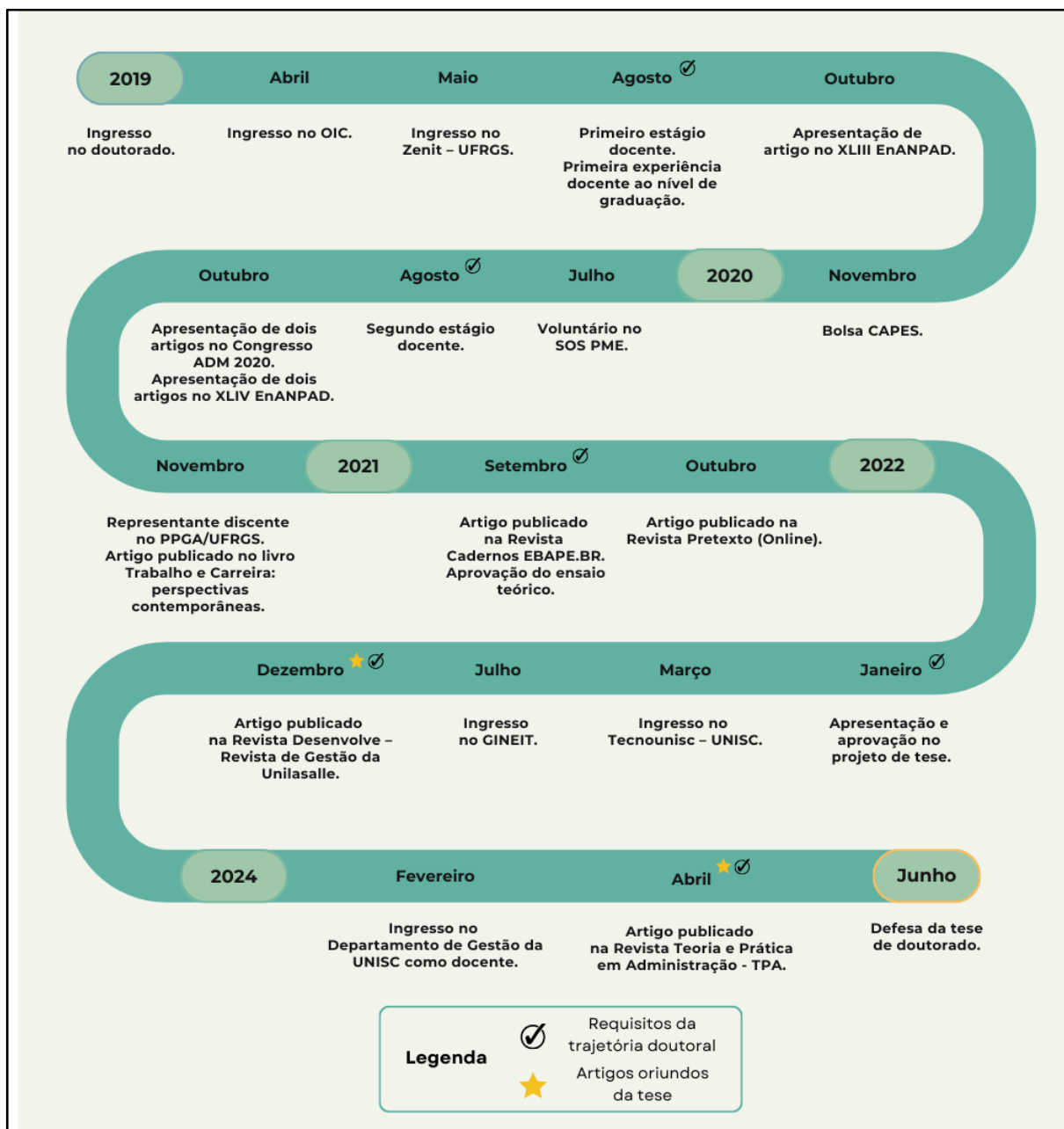
- Em 2024, no mês de fevereiro, iniciei minha trajetória como docente no Departamento de Gestão de Negócios e Comunicação (DGNC) da UNISC. Após ser aprovado no processo seletivo realizado no ano anterior, tive a oportunidade de retornar à sala de aula e entrelaçar minha atuação no Tecnounisc com a dimensão de ensino na Universidade.
- No mês de abril de 2024 publicamos, na revista Teoria e Prática em Administração - TPA, o artigo “Contribuições de um Percurso Metodológico Qualitativo para estudos sobre o Microempreendedor Individual (MEI)”. O trabalho foi resultado do segundo capítulo da tese e teve a coautoria da Profa. Lisiane Quadrado Closs.

Ressalto ainda que, além dos momentos destacados (resumidos na Figura 1), ao longo da jornada doutoral, diversas outras atividades, momentos e publicações envolvendo outras áreas de pesquisa fizeram parte desta caminhada. Dentre elas, poderia citar as outras publicações em periódicos e revistas, as atividades profissionais de ensino, os cursos de curta duração realizados, a atuação como revisor de periódicos, as representações em conselhos, as participações em eventos e os projetos de inovação e extensão.

Mais importante do que exibir a aceitação dos conteúdos que envolvem a tese pela comunidade acadêmica, a descrição dessa trajetória permite uma reflexão sobre o processo de amadurecimento e crescimento de uma pesquisa e do eu-pesquisador ao longo do curso. Reviver estes momentos através da escrita permite voltar ao passado e lembrar de cada um dos passos vivenciados até o momento de defesa da tese, celebrando o conjunto de todas estas pequenas conquistas.

Figura 1

Trajетória doutoral: resumo dos principais acontecimentos



1 INTRODUÇÃO

“Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.” (Lya Luft)

O número de pessoas trabalhando de forma independente, fora das organizações, vem crescendo significativamente nos últimos anos (Ashford, Caza, & Reid, 2018). O cenário produtivo, que carrega em sua bagagem as relações flexíveis de trabalho, traz para a discussão a redução do número de empregos e o consequente aumento do número de trabalhadores atuando, de diferentes formas, em busca de trabalho e renda.

No cenário dos estudos organizacionais já existe uma visão consolidada sobre o direcionamento das empresas para uma flexibilização em suas estruturas (Krein, Abílio, Freitas, Borsari, & Cruz, 2018; Tessarini-Junior & Saltorato, 2020). Esse movimento reduz o número de pessoas com uma relação de emprego formal e aumenta o número de pessoas atuando sob diferentes tipos de vínculos com as empresas e, também, o contingente de pessoas no mercado de trabalho em busca de alternativas de ocupação.

Embora esse cenário não tenha sido desencadeado pela pandemia causada pelo Covid-19, que teve início no Brasil no ano de 2020, os efeitos provocados por ela aceleraram algumas tendências já em curso, tais como a queda do número de pessoas com um emprego formal, o aumento do número de acordos de trabalho flexíveis e o contingente de trabalhadores atuando por conta própria (Eaton & Heckscher, 2021; Muzio & Doh, 2021).

No Brasil, em resposta às transformações na estrutura produtiva, que traçam novos contornos ao mercado de trabalho e às demandas sociais, o Estado vem criando políticas públicas, desde a década de 1990, fomentando o empreendedorismo nacional (Silva, Paiuca, & Schmidt, 2020). Nesse contexto, onde se estimula o espírito e as habilidades empreendedoras, nenhuma ação foi tão impactante e ganhou tanta visibilidade nos últimos anos como a **figura jurídica e tipologia organizacional do Microempreendedor Individual**, também conhecido como **MEI**.

Criada pelo Estado como uma política pública em 2008, a medida teve como principais objetivos: reduzir a informalidade, aumentar a arrecadação tributária, incentivar o empreendedorismo e facilitar a criação dos pequenos negócios (Wissmann & Leal, 2018). Desde a criação desse enquadramento, o número de indivíduos que buscam a categoria para formalizar suas atividades de trabalho só aumenta. Em maio de 2024, o número de MEIs

registrados em todo o País já havia ultrapassado a marca dos quinze milhões de pessoas, mostrando sua notoriedade, além de seu impacto econômico e social (Portal do Empreendedor, 2024).

Os relatórios divulgados pelo Sebrae (2016, 2019, 2022) oferecem traços dos microempreendedores: pessoas que criaram sua empresa buscando independência ou uma fonte de renda; não possuem o conhecimento necessário para a organização de seu negócio e, mesmo assim, não costumam procurar ajuda para desenvolverem suas atividades; a maior parte deles tem o ensino médio completo e localizam-se em estratos econômicos inferiores, com renda per capita familiar de até um salário mínimo; trabalham em sua própria residência; não costumam fazer negócios com outras empresas; e não geram nenhuma inovação em seus produtos e serviços.

Afora isso, atentamos para a **principal ocupação anterior ao registro como MEI: o emprego formal** (Sebrae, 2022). Dentre as ocupações anteriores citadas pelos MEIs, o trabalho formal e assalariado apresentou o maior número de respondentes no ano de 2022, sendo que mais da metade dos pesquisados provinha deste tipo de relação contratual. Indo além e observando estes dados em um panorama temporal, entre 2013 e 2022, nota-se uma curva ascendente na taxa de pessoas migrando do emprego formal para o microempreendedorismo (Sebrae, 2016, 2019, 2022).

Diante desse cenário inicial, apresentamos o conjunto social dos MEIs como protagonista desse trabalho, mais especificamente aqueles que estão localizados em estratos econômicos inferiores, e levamos ao centro, como objeto para a problematização do presente estudo, o **movimento de transição do emprego formal ao microempreendedorismo**, movimento que será denominado a partir de agora pela sigla EF-MEI.

1.1 Problematização e objetivos da pesquisa

Mas por quais motivos há relevância em estudar o movimento de transição dos trabalhadores do EF-MEI? Para introduzir a reflexão a respeito das diferentes perspectivas que fundamentam a importância dessa discussão, primeiro, sublinhamos as implicações ao trabalhador decorrentes dessa mudança de ocupação para, em seguida, apontarmos dados preliminares sobre os trabalhadores que vivenciaram essa experiência e discorrermos sobre os efeitos dessa movimentação ao nível das relações de trabalho.

Analisando as transformações decorrentes da passagem do emprego formal ao empreendedorismo, é possível notar que esta última modalidade de trabalho, embora possibilite

maior autonomia, requer maior número de horas trabalhadas, enfraquece as fronteiras entre vida privada e profissional, possui menor proteção social, assim como instabilidade nos rendimentos em relação à ocupação anterior, traços de uma precarização das configurações de trabalho (Rosenfield, 2015).

Diferentemente do microempreendedorismo, Rosenfield (2015) sublinha que o emprego formal ou a relação de emprego caracteriza-se pelos seguintes elementos: pessoalidade, podendo ser feito apenas por uma pessoa física; não eventualidade; dependência ou subordinação, onde há critérios de trabalho estabelecidos pelo empregador e sob sua direção; e onerosidade, estabelecendo um preço para o serviço.

A individualidade provocada pelo empreendedorismo intensifica os desafios dentro do trabalho (Ashford et al., 2018; Martins & Costa, 2014). Para o indivíduo, a transição dispara transformações que ele precisa enfrentar, tais como os elementos que constituem o conteúdo de sua atividade, os novos papéis desempenhados e os relacionamentos necessários para sua ação (Souza & Borges, 2020; Tran et al., 2019).

Do ponto de vista quantitativo, as taxas de MEIs que nunca capitanearam anteriormente seu próprio negócio é próxima dos 80% e daqueles que passaram por uma descontinuidade em suas atividades, ou seja, mudança de área de trabalho, é perto dos 60% (Sebrae, 2016, 2019, 2022). Isto quer dizer que a introdução ao empreendedorismo somada à mudança, muitas vezes repentina ou em atividades distintas das anteriormente realizadas, remete a características de trabalho diferentes daquelas vivenciadas pelo indivíduo em sua trajetória.

Sob o ponto de vista trabalhista e social, na medida em que o enquadramento do MEI possibilita a inclusão social destes indivíduos através dos efeitos produzidos pelo registro – como a cobertura previdenciária e a abertura de contas empresariais – permite também o desdobramento dentro das relações de trabalho estabelecidas (Ansiliero, Costanzi, & Fernandes, 2020). Estudos apontam que empresas, sobretudo as menores, estão utilizando o enquadramento para substituir relações de trabalho assalariado pela contratação temporária de microempreendedores (Krein et al., 2018; Oliveira, 2013). Embora esta seja uma das direções visualizadas, o enquadramento possibilita outras configurações de trabalho, como por exemplo, a contratação de MEIs pelos próprios MEIs como funcionários permanentes e também a formação de relações associativas entre eles – sobretudo entre familiares – formando pequenos estabelecimentos e diluindo a tributação em registros diferentes (Wissmann & Leal, 2018).

Esse panorama inicial mostra como a transição do emprego assalariado ao microempreendedorismo implica em transformações em diversos aspectos para o trabalhador,

tais como nos conteúdos das atividades realizadas e nas relações trabalhistas, e que por sua vez, envolvem os níveis individual, organizacional e social.

Objetivando adentrar na compreensão do fenômeno de transição do EF-MEI, partimos de uma abordagem teórica e disciplinar integrada, utilizando como base os conceitos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem vistos sob um olhar ontoepistemológico construtivista onde indivíduo e contexto estão conectados, interagindo entre si e com os demais elementos que compõem o cenário de pesquisa.

Diante dessa base reflexiva, julgamos ser importante apresentar nosso entendimento sobre os conceitos centrais do trabalho. Primeiro, tendo como base a vertente teórica sociológica (Gartner, 1985; Weber, 1999), visualizamos o conceito de empreendedorismo para além dos aspectos que envolvem o trabalhador-empendedor em uma dimensão individual, busca-se uma observação longitudinal que envolve sua trajetória, a identificação dos fatores que influenciam o processo empreendedor, como também, um entendimento contextual do empreendedorismo, incluindo a compreensão da bagagem histórica do espaço (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021; Vale, 2014).

Segundo, sustentando nossa discussão a partir de uma perspectiva de ecossistema de carreira (Baruch, 2015; Tran, Baruch, & Bui, 2019), entendemos o conceito de carreira diante de seu caráter processual, histórico e contextual, o qual permite observar, com base na construção de trajetória de pessoas, um quadro amplo, integrando indivíduos, coletividades, organizações e sociedade, retratando as interações recíprocas existentes sob uma perspectiva longitudinal e territorial (Hughes, 1958; Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011; Savickas et al., 2009; Wissmann, Moraes, Andrade, & Junior, 2021).

Terceiro, partindo de uma perspectiva da aprendizagem situada (Gherardi, Nicolini, & Odella, 1998; Lave & Wenger, 1991), assumimos que o conceito de aprendizagem está inserido na interseção entre pessoas, cultura, materiais e contexto (Hansman, 2001). Dentro deste diálogo, visualizamos a aprendizagem presente na trajetória da pessoa, considerando suas experiências e práticas, e na sua bagagem construída de modo temporal em interação com o espaço social (Gherardi, 2008; Jarvis, 2012; Santos & Moura, 2021).

Entendemos que os três quadros conceituais, através de seus elementos teóricos, nos propiciam observar fenômenos distintos, sob diferentes ângulos, sobretudo entrelaçando níveis contextuais e individuais. À vista do que foi apresentado, o problema de investigação é delimitado por meio da seguinte questão de pesquisa: como ocorrem os processos de aprendizagem nas construções de carreira de trabalhadores que vivenciaram a transição do EF-MEI?

Isto posto, a presente tese tem como objetivo **compreender como ocorrem os processos de aprendizagem nas construções de carreira de trabalhadores que vivenciaram a transição do EF-MEI**. Tendo em vista a busca do objetivo geral, alguns objetivos específicos são definidos para o seu alcance:

- a) Articular os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem para o estudo dos processos de aprendizagem na carreira de empreendedores;
- b) Construir um percurso metodológico qualitativo que contribua para a investigação de MEIs;
- c) Analisar as construções de carreiras de indivíduos que experienciaram a transição do EF-MEI;
- d) Analisar os processos de aprendizagem vivenciados pelos indivíduos no movimento de transição EF-MEI.

Diante dos caminhos propostos, nesta tese, partimos do processo de deslocamento da atividade do emprego formal, associada ao direcionamento dos trabalhadores rumo ao microempreendedorismo contemporâneo, para defender que as construções de carreira e as dinâmicas de aprendizagem vivenciadas na transição do EF-MEI pelos trabalhadores, dados seus perfis profissionais e em face dos quadros contextuais (micro e macro) experienciados, não oferecem condições de mudança (agência) aos mesmos, levando a projeções de continuidade de suas frágeis conjunturas socioeconômicas e de precarização no trabalho.

1.2 Espaços para contribuição científica

Tomando como base a natureza dos quadros teóricos mencionados anteriormente e compreendendo a relevância dos impactos do movimento do EF-MEI, no nível individual e também nos âmbitos organizacional e social, o estudo oferece, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico, diferentes espaços para contribuição científica.

Acerca do empreendedorismo, ao passo que a importância do tema para o desenvolvimento social e econômico é destacada, as pesquisas enfatizam a necessidade de perspectivas com viés social (Nogueira, 2019), contemplando incursões teóricas que abracem história, contexto e interações existentes (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021; Gartner, 2007; Vale, 2014). Desse modo, há necessidade de maior discussão sobre o empreendedorismo

de pequeno porte, visualizando o contexto destas pessoas e buscando aproximação de suas práticas e do cotidiano de suas atividades.

Do ponto de vista acadêmico, o número de pesquisas sobre o MEI ainda é modesto, sendo que a maior parte limita-se à análise de relatórios do Sebrae, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Portal do Empreendedor, tornando raras as iniciativas que submergem no cotidiano do MEI. Isto ressalta a necessidade de aprofundar a investigação, principalmente com pesquisas que adentrem ao campo e mantenham proximidade com os microempreendedores (Colbari, 2015; Souza & Borges, 2020), permitindo a visualização de traços que fogem das pesquisas voltadas à análise de dados estatísticos (Benatti, Silva, & Prearo, 2021), especialmente quanto ao deslocamento da atividade de trabalho do EF-MEI, englobando a análise de elementos relacionados ao trabalho e gerados pela nova ocupação, tais como interações existentes e processos de aprendizagem (Ansiliero et al., 2020; Telles, Rocha, Siqueira, Hourneaux Junior, & Cardoso, 2016).

Internacionalmente, embora o MEI não seja assunto nas agendas de pesquisa, os trabalhadores denominados *self-employed* ou *own account* são objeto de estudo de diversos pesquisadores. Tais estudos apontam a importância de reconhecer as condições de trabalho de formas emergentes do empreendedorismo de pequeno porte, evidenciando sua relação com o emprego formal (Cho, Robalino, & Watson, 2016; De Jager, Kelliher, Peters, Blomme, & Sakamoto, 2016; Millán, Millán, & Caçador-Rodrigues, 2019; Todolí-Signes, 2017).

Sob a ótica as concepções de carreira, é tarefa dos pesquisadores questionar a qualidade de novas configurações de trabalho e, concomitantemente, seus novos padrões de carreira (Hirschi, 2018; Tran et al., 2019; Vaclavik, Rocha-de-Oliveira, Oltramari, 2021). Além disso, entendemos que as transições são eventos marcantes na carreira da pessoa e que, no entanto, poucos são os estudos que investigam a transição entre ocupações identificando os processos de ajuste na trajetória do indivíduo integrando a uma análise contextual (Brown, 2015; Chudzikowski et al., 2009), sobretudo em conjuntos sociais distantes dos tradicionalmente analisados (Briscoe et al., 2018), como é o caso dos MEIs.

O trabalho também tem como intuito oferecer uma perspectiva alternativa sobre a noção de agência que predomina em grande parte dos modelos contemporâneos de carreira (Rummel, Akkermans, Blokker, & Van Gelderen, 2019). Tais propostas consideram o indivíduo como capaz de gerenciar sua trajetória e também colocam sob a sua responsabilidade os resultados decorrentes de suas ações (Hall, Yip, & Doiron, 2018). Sob essa ótica, o indivíduo seria capaz de flutuar em diferentes espaços e optar por diversos caminhos em sua vida (Duarte, Machado, & Silva, 2018).

O presente trabalho questiona essa posição ao direcionar a análise para grupos que se localizam em estratos econômicos inferiores, o que muitas vezes faz com que sua ação, por si só, não contenha força suficiente para promover mudanças ou direcionamentos profissionais esperados. Por esse caminho, buscamos suprir uma lacuna no que tange à investigação das construções de carreira, sobretudo na transição EF-MEI, envolvendo configurações não tradicionais de trabalho e grupos subrepresentados nos debates acadêmicos, procurando alternativas à tradicional noção de agência e integrando uma análise contextual ao cenário de trabalho da pessoa.

Sob o quadro teórico da aprendizagem, o estudo visa contribuir com a linha de trabalhos que adotam uma visão para além do indivíduo, de suas atividades e capacidades cognitivas, ampliando o retrato analítico da aprendizagem para o contexto de atuação da pessoa, envolvendo seu espaço social, interações e experiências (Santos & Moura, 2021; Wenger, 2018).

Cabe destacar que são escassos os estudos acerca da aprendizagem que observam conjuntos sociais semelhantes às características do microempreendedor por meio de uma lente de análise que enlace indivíduo e contexto (Igwe, Newbery, Amoncar, White, & Madichie, 2018; Stoyanov & Stoyanova, 2021). Em bases de dados de artigos nacionais não foram identificados estudos sobre a aprendizagem que tragam os traços do enquadramento do MEI como parte de uma análise em contexto.

Considerando as características de trabalho do MEI e a imersão ao contexto de atuação do trabalhador, entendemos que a pesquisa, ao partir de uma perspectiva indivíduo-social de aprendizagem, aproxima as noções relacionais, materiais e situacionais de um ambiente e de uma configuração de trabalho que estão à sombra das luzes acadêmicas (Arnau, Martí, & Estivalis, 2020; Beech, Brown, Coupland, & Cutcher, 2021).

Ao observar o objeto de estudo sob a lente da aprendizagem situada a investigação ainda pode contribuir em diferentes territórios, envolvendo a (i) identificação dos elementos contextuais relevantes ao aprendizado (Beech et al., 2021), no (ii) reconhecimento das experiências no ambiente a partir das interações entre os atores envolvidos (Bispo & Mello, 2012; Santos & Moura, 2021; Wenger, 2018), e na (iii) análise situada da aprendizagem na transição do EF-MEI a partir dos elementos que fazem parte da história-contexto da pessoa e influem nessa transição (Gherardi, 2018; Merriam, Caffarella, & Baumgartner, 2007).

Entendemos também que, do ponto de vista teórico, uma proposta de interlocução entre os três conceitos, que busca trabalhar de modo integrado e holístico (Muzio & Doh, 2021), pode desafiar dominações (*mainstream*) conceituais e avançar analiticamente em direções que

contemplem aspectos macro e microsociais. Conceber a pessoa como um ser social, adotar uma perspectiva histórica, refletir a partir do elemento espaço-tempo e das dimensões objetiva e subjetiva, são formas de ampliar o corpo teórico e aprofundar o conteúdo dos conceitos.

Nesse momento também é somado o **valor da pesquisa ao longo do tempo** (Alvesson & Sandberg, 2013). Considerando um cenário de solidificação do microempreendedorismo e até mesmo perpetuidade de seu crescimento, em grande parte associado ao envio de trabalhadores oriundos dos quadros de emprego formal, investigações propostas ao estudo da transição EF-MEI e direcionadas à busca de elementos que contribuam para a redução dos desafios impostos aos trabalhadores envolvidos nesse processo de mudança, possuem um valor presente e futuro para o campo prático.

Portanto, entendemos que a problematização do objeto de estudo sob as lentes interdisciplinares dos três quadros teóricos apresentados torna-se importante tanto para o avanço conceitual das áreas, como na perspectiva de desenvolver modelos teóricos e práticos que respondam à realidade brasileira do microempreendedorismo contemporâneo.

2 APRESENTAÇÃO DA TESE E ARTICULAÇÃO DOS CAPÍTULOS

“Mas ter (ou não ter) determinados talentos é realmente resultado de nossa própria ação?”
(Michael J. Sandel)

O alcance dos objetivos desta tese envolveu a construção de um caminho progressivo, apresentado através de quatro artigos entrelaçados, cada um ligado a um dos objetivos específicos de nosso estudo. O **primeiro artigo** constituiu-se como um ensaio teórico, tendo como propósito a interlocução entre os quadros conceituais de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, buscando elementos de contribuição para o estudo dos processos de aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores. Atentando ao propósito da investigação, nosso trabalho está dividido em três seções e estruturou-se da seguinte maneira: a primeira seção apresenta os pontos de partida de nossa reflexão, contemplando os espaços de contribuição teórica e os elementos de sintonia existentes entre os conceitos; a segunda desenvolve a interlocução entre os três conceitos e se dedica à construção de um quadro teórico tendo em vista o propósito do trabalho; e, por fim, como resultado, argumentamos que o estudo da aprendizagem alinhado às construções de carreira consegue transpor domínios e dominações conceituais ao propor uma reunião entre os elementos de tempo, contexto, indivíduo, relações sociais, experiências e ferramentas, oferecendo uma estrutura flexível e hospitaleira para analisar as dinâmicas de aprendizagem ao longo da trajetória de vida do empreendedor.

O **segundo artigo** é igualmente teórico e teve como objetivo apresentar as contribuições que um percurso metodológico de pesquisa qualitativa pode oferecer a estudos que se proponham à investigação dos MEIs. Para isso, inicialmente, refletimos sobre as características do enquadramento jurídico do MEI e o universo heterogêneo que configura esse grupo. Na sequência, fundamentamos o estudo em traços conceituais da abordagem qualitativa e das técnicas de pesquisa adotadas: entrevista narrativa, observação e pesquisa documental. Em seguida, apoiados na literatura, exibimos um percurso metodológico experienciado e construído a partir do contexto de pesquisa e das características dos participantes. Ao final, discorremos sobre as contribuições que a abordagem metodológica e as técnicas de pesquisa adotadas podem oferecer aos estudos que envolvam o MEI, apontando seus benefícios para o campo empírico e à literatura que trata sobre o tema.

O **terceiro artigo** objetivou compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo individual, exercendo atividades que exigem baixa especialização em uma região urbana

periférica. Partindo de uma investigação do microespaço social da pesquisa e do seu contexto ampliado, analisamos as carreiras de seis MEIs, contemplando elementos objetivos e subjetivos, os atores envolvidos em suas trajetórias, bem como as interações existentes entre esses aspectos. Os achados descortinaram trajetórias semelhantes entre os participantes, envolvendo, sobretudo, aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos relacionais de suporte e ausência de planejamento nessa mudança de posição laboral. Ao mesmo tempo, aspectos como o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores ou a procura de significado, elementos importantes na literatura de carreira, não foram centrais nas transições do EF-MEI, especialmente em razão das frágeis conjunturas socioeconômicas dos participantes.

O **quarto artigo** teve como objetivo compreender os processos de aprendizagem envolvidos na carreira de trabalhadores que experienciaram a transição do EF-MEI. Para tanto, levamos em consideração os resultados do trabalho anterior referente às construções de carreira desses trabalhadores e buscamos analisar as aprendizagens envolvidas nesse processo, destacando a constituição interativa entre aprendizagem e contexto, bem como os seus reflexos sobre os MEIs participantes. Os dados mostram processos de aprendizagem marcados por aspectos do passado dos participantes, tais como a fragilidade econômica das famílias de origem, o afastamento dos estudos escolares e suas ocupações operacionais. A linearidade das carreiras dos participantes, em termos de cargos e áreas de trabalho, constrói um quadro de saberes voltados à execução operacional e distancia o trabalhador de outras experiências capazes de somar conhecimentos voltados ao microempreendimento. Como resultado, os processos de aprendizagem ocorridos ao longo da sua carreira não propiciam uma qualificação adequada para a transição do EF-MEI e, conseqüentemente, para o exercício das atividades como microempreendedor, produzindo desafios, especialmente no gerenciamento do negócio.

Tendo em vista sistematizar nosso percurso de trabalho, a Tabela 1 apresenta a relação entre os objetivos específicos da tese e os quatro artigos que a constituem.

Tabela 1

Relação entre objetivos específicos e artigos da tese

	Objetivos específicos	Artigos
a	Articular os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem para o estudo dos processos de aprendizagem na carreira de empreendedores.	Interloquções teóricas entre empreendedorismo, carreira e aprendizagem
b	Construir um percurso metodológico qualitativo que contribua para a investigação de MEIs.	Contribuições de um percurso metodológico qualitativo para estudos sobre o microempreendedor individual (MEI)

c	Analisar as construções de carreiras de indivíduos que experienciaram a transição do EF-MEI.	As construções de carreira na transição do EF-MEI
d	Analisar os processos de aprendizagem vivenciados pelos indivíduos no movimento de transição EF-MEI	Processos de aprendizagem nas construções de carreira dos microempreendedores individuais: uma análise a partir da transição do EF-MEI

Segue-se, assim, para a apresentação dos quatro artigos que compõem esta tese.

ARTIGO 1

INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE EMPREENDEDORISMO, CARREIRA E APRENDIZAGEM

THEORETICAL INTERLOCUTIONS BETWEEN ENTREPRENEURSHIP, CAREER AND LEARNING

Alexandre Dal Molin Wissmann
Lisiane Quadrado Closs

Resumo

Este ensaio teórico tem como objetivo realizar uma interlocução entre os quadros conceituais de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, buscando elementos de contribuição para o estudo da aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores. Como resultado, por meio da elaboração dessa estrutura teórica, argumentamos que o estudo da aprendizagem alinhado às construções de carreira consegue transpor domínios e dominações conceituais ao propor uma reunião entre os elementos de tempo, contexto, indivíduo, relações sociais, experiências e ferramentas, oferecendo uma estrutura flexível e hospitaleira para analisar os processos de aprendizagem ao longo da trajetória de vida do empreendedor. Como contribuição a esses campos conceituais, entendemos que a estrutura teórica proposta possa ser utilizada como ponto de partida para estudos que tragam em suas bagagens, em conjunto ou isoladamente, as noções de empreendedorismo, carreira e aprendizagem.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Carreira. Aprendizagem. Ensaio.

Abstract

This theoretical essay aims to create a dialogue between the conceptual frameworks of entrepreneurship, career and learning, seeking elements of contribution to the study of learning in the career constructions of entrepreneurs. As a result, through the elaboration of this theoretical structure, we argue that the study of learning aligned with career constructions can transpose conceptual domains and dominations by proposing a meeting between the elements of time, context, individual, social relations, experiences and tools, offering a flexible and hospitable framework for analyzing learning processes throughout the entrepreneur's life trajectory. As a contribution to these conceptual fields, we understand that the proposed theoretical structure can be used as a starting point for studies that bring together or separately, the notions of entrepreneurship, career and learning.

Keywords: *Entrepreneurship. Career. Learning. Essay.*

1 PONTOS DE PARTIDA

Empreendedorismo, carreira e aprendizagem são conceitos históricos e multidisciplinares, que carregam bagagens repletas de conteúdos e transformações ao longo do tempo. Embora historicamente os conceitos tenham se movimentado em diferentes espaços e sido discutidos em inúmeros contextos, aproximando os traços de cada concepção, seja por meio de elementos teóricos ou temáticas sobre o campo empírico, é possível notar pontos de sintonia entre suas discussões.

Cada um dos conceitos possui uma área tradicional na qual sua construção teórica foi fundada, como a economia, no caso do empreendedorismo (Schumpeter, 1997), e a psicologia, no caso da carreira e da aprendizagem (Piaget, 1966; Super, 1957). Ao mesmo tempo, no percurso de suas trajetórias as concepções se dispuseram em vários domínios do conhecimento, tais como sociologia, antropologia, educação, ciência política, história e geografia. Isso ressalta uma propriedade construtiva, onde o diálogo faz parte do desenvolvimento dos três quadros teóricos.

A começar pelo empreendedorismo, observando a origem das discussões sobre o conceito, nota-se como característica o diálogo entre diferentes perspectivas de pesquisa (Cantillon, 2011; Say, 2001). Hoje, esse traço pode ser visto por meio da integração entre abordagens mais próximas do indivíduo, como a comportamental, mais ligadas ao ambiente organizacional, como a gerencial, e mais próximas do contexto, como a sociocultural e econômica (Vale, 2014). As contribuições oferecidas pelo quadro teórico contemplam a compreensão histórica e contextual do empreendedorismo, a identificação dos fatores a ele ligados e que o influenciam, a observação processual e longitudinal da trajetória empreendedora, e os atributos associados à figura do empreendedor.

Por sua vez, as concepções de carreira permitem reunir pessoas, grupos, organizações e sociedade em uma investigação. A constituição interdisciplinar desse corpo teórico oferece um campo de análise onde estão presentes elementos como a construção histórica, a dimensão temporal, componentes constitutivos objetivos e subjetivos, bem como as interações existentes entre os envolvidos nesse processo (DeLuca, Rocha-de-Oliveira, & Chiesa, 2016; Moore, Gunz, & Hall, 2007). Em conjunto, as concepções proporcionam a exploração de grupos sociais periféricos e de novos contextos (Briscoe et al., 2018; Hughes, 1937).

Para completar esse panorama teórico, o conceito de aprendizagem dispõe de raízes ligadas ao indivíduo, explorando temas como os processos de aprendizagem da pessoa, suas atividades, formas de trabalho e experiências vivenciadas (Jarvis, 2012; Merriam, 2018). A trajetória de construção do conceito também mostra espaços teóricos que vão além dos aspectos individuais, estendendo a análise para elementos como a história do espaço social,

relacionamentos, grupos e organizações, condições externas, bem como as interações existentes entre pessoas e os aspectos que envolvem o contexto (Gherardi & Nicolini, 2001; Lave & Wenger, 1991; Santos & Moura, 2021).

Partindo de uma perspectiva construtivista, assumimos neste trabalho que as concepções de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, são fundadas nas relações entre pessoas e localizadas em um mundo culturalmente e historicamente estruturado. Esse mundo é marcado por diferentes contextos socialmente constituídos, onde estão presentes, em diálogo e em transformação, formas objetivas e sistemas de atividades, assim como as decorrentes interpretações subjetivas pelas pessoas que fazem parte destes sistemas.

Diante dessa base reflexiva, julgamos ser importante apresentar nosso entendimento sobre os conceitos centrais do trabalho. Primeiro, tendo como base a vertente teórica sociológica (Gartner, 1985; Weber, 1999), visualizamos o conceito de empreendedorismo para além dos aspectos que envolvem o trabalhador-empendedor em uma dimensão individual, busca-se uma observação longitudinal que envolve sua trajetória, a identificação dos fatores que influenciam o processo empreendedor, bem como um entendimento contextual do empreendedorismo, incluindo a compreensão da bagagem histórica do espaço (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021; Vale, 2014).

Segundo, sustentando nossa discussão a partir de uma perspectiva de ecossistema de carreira (Baruch, 2015; Tran, Baruch, & Bui, 2019), entendemos o conceito diante de seu caráter processual, histórico e contextual, o qual permite observar, com base na trajetória de pessoas, um quadro amplo, integrando indivíduos, coletividades, organizações e sociedade, retratando as interações recíprocas existentes sob uma perspectiva longitudinal e territorial (Hughes, 1958; Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011; Wissmann, Moraes, Andrade, & Junior, 2021).

Terceiro, partindo de uma perspectiva da aprendizagem situada (Gherardi, Nicolini, & Odella, 1998; Lave & Wenger, 1991), assumimos que o conceito de aprendizagem está inserido na interseção entre pessoas, cultura, materiais e contexto (Hansman, 2001). Dentro deste diálogo, visualizamos a aprendizagem presente na trajetória da pessoa, considerando suas experiências e práticas, e na sua bagagem construída de modo temporal em interação com o espaço social (Gherardi, 2008; Jarvis, 2012; Santos & Moura, 2021).

Diante da tal base, entendemos que os quadros conceituais de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, através de seus elementos teóricos, são capazes de observar fenômenos distintos, sob diferentes ângulos, sobretudo entrelaçando níveis contextuais e individuais. A harmonia entre as abordagens teóricas, dinâmica natural em razão de suas constituições

históricas interdisciplinares, é um aspecto relevante exibido pelos quadros e favorece a análise por meio de uma lente integrativa.

Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo **realizar uma interlocução entre os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, buscando elementos de contribuição para o estudo dos processos de aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores**. Para isso, a partir de um resgate histórico das três concepções e do entendimento sobre as características dos quadros conceituais, utilizando como modo de construção reflexiva o ensaio teórico e a teorização a partir de semelhanças (Hoon & Baluch, 2020; Jaakkola, 2020; Meneghetti, 2011), este trabalho tem o propósito de aproximar tais concepções, encontrando pontos de interlocução entre esses diferentes corpos teóricos.

À face dos vestígios de uma sintonia entre os quadros teóricos e da indicação um trajeto favorável às incursões reflexivas, junto às discussões particulares de cada uma das concepções, é possível notar lacunas e *mainstreams* que permeiam os conceitos e desafiam os pesquisadores a elaborarem alternativas que apontem novos caminhos para explorações teóricas e empíricas (Alvesson & Sandberg, 2013).

Com relação ao estudo do empreendedorismo, ao passo que as pesquisas sublinham a importância do tema para o desenvolvimento social e econômico, enfatizam a necessidade de uma perspectiva de análise que incorpore um viés social (Nogueira, 2019). As pesquisas apontam que as incursões teóricas carecem de uma visão que abrace a bagagem histórica, o contexto, as interações existentes, evocando uma interdisciplinaridade no estudo do tema, de forma que, assim, permitam visualizar a figura do empreendedor por meio de diferentes traços (Carmo et al., 2021; Gartner, 2007; Vale, 2014).

Considerando as concepções de carreira no contexto do empreendedorismo, é preciso uma abordagem que não defina *a priori* características de uma trajetória apenas a partir do seu enquadramento produtivo, sendo necessário um questionamento sobre a qualidade de novas configurações de trabalho e, concomitantemente, seus novos padrões de carreira (Hirschi, 2018; Tran, Baruch, & Bui, 2019; Vaclavik, Rocha-de-Oliveira, & Oltramari, 2021). Há necessidade de uma aproximação teórica que possibilite um olhar amplo, considerando os diversos níveis (individual, organizacional e contextual), os respectivos agentes e os elementos (objetivos e subjetivos) que fazem parte da carreira do trabalhador (Baruch, 2015; Briscoe et al., 2018; Arthur, Hall, & Lawrence, 1989; Mayrhofer et al., 2007).

Sob o quadro teórico da aprendizagem, o estudo visa contribuir com a linha de trabalhos que adota uma visão para além do indivíduo, de suas atividades e capacidades cognitivas, ampliando o retrato analítico para o contexto de atuação da pessoa, envolvendo seu espaço

social, interações e experiências (Santos & Moura, 2021). Dessa maneira, o trabalho abre espaço para a construção de um quadro ampliado e flexível acerca do mundo social e das diferentes dimensões que fazem parte dos processos de aprendizagem (Bispo & Mello, 2012; Lave & Wenger, 1991; Wildemeersch, Jansen, Vandenabeele, & Jans, 2000).

Entendemos também que, do ponto de vista teórico, uma proposta de interlocução entre os três conceitos, que busca trabalhar de modo integrado e holístico (Muzio & Doh, 2021), pode avançar analiticamente em direções que contemplem aspectos macro e microssociais. A pessoa como indivíduo-social, a perspectiva histórica, o elemento espaço-tempo, dimensões objetiva e subjetiva, são formas de ampliar o corpo teórico e aprofundar o conteúdo dos conceitos.

Com base nas reflexões construídas ao longo desse trabalho, argumentamos que o posicionamento do conceito de aprendizagem no quadro teórico de carreira, em conjunto com a aproximação dos traços teóricos relativos ao conceito de empreendedorismo, pode contribuir na visualização acerca da aprendizagem nas construções de carreiras que envolvem o empreendedorismo.

As articulações teóricas apontam para uma perspectiva de estudo das **aprendizagens nas construções de carreiras empreendedoras**, não como uma definição concisa, mas como um terreno fértil capaz de abrigar múltiplas interconexões, entre pessoas, conhecimentos, trabalho, carreiras, experiências e contexto. A exploração dessas interlocuções oferece ao campo teórico-prático a possibilidade de investigar o que ocorre na interseção entre o individual com o social.

Atentando ao propósito do estudo, o trabalho está dividido em três capítulos e estruturou-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo corresponde à presente introdução; o segundo desenvolve a interlocução entre os três conceitos e se dedica à construção de um quadro teórico; e por fim, o terceiro capítulo apresenta as contribuições do ensaio.

2 ELEMENTOS DO DIÁLOGO TEÓRICO ENTRE EMPREENDEDORISMO, CARREIRA E APRENDIZAGEM

Mais que aproximar os três conceitos e encontrar elementos de intersecção que possam contribuir teoricamente para a discussão, esse esforço intenta trazer uma ideia acolhedora de pensamento, onde o diálogo é uma premissa e uma crença destes autores. Acreditamos que no espaço acadêmico há um grande potencial para o entrelaçamento de pontos de vista e para a incorporação de perspectivas. Assim, o espaço intelectual oferecido por esse trabalho deve ser

percebido como um ponto à espera de outros pensamentos e esforços, que possam, em diálogo, avançar em múltiplas direções.

Importante destacar nesse momento que, embora o resgate histórico da origem, das abordagens e das perspectivas teóricas de cada um dos conceitos não esteja exibido neste trabalho, a discussão realizada é fundamentada a partir de um olhar para o passado dos conceitos e também com base em suas discussões contemporâneas. Dessa maneira, partimos dos quadros de discussão de cada um dos conceitos e seguimos em direção ao coração dessa proposta: a interlocução entre os conceitos.

Dito isso, entendemos que empreendedorismo, carreira e aprendizagem não só são, ao nível teórico, conceitos fundamentados no ambiente social, como suas construções ao nível prático estão situadas de maneira inexorável em seu contexto e em relacionamentos sociais. Assim, os quadros teóricos colocam à disposição elementos que constituem o cenário onde residem as construções de carreira de pessoas que possuem suas atividades de trabalho ligadas ao empreendedorismo, o que torna possível, por sua vez, compreender os processos de aprendizagem de tais indivíduos. Sob essa associação e de posse de um fôlego ensaístico, buscamos refletir sobre os pontos de diálogo entre os conceitos, e que ao mesmo tempo, podem constituir-se como elementos de análise e contribuir para o campo em questão.

Para iniciar a discussão dos elementos teóricos derivados dos quadros conceituais, entendemos que empreendedorismo, carreira e aprendizagem possuem como confluência o elemento **tempo**. É na análise da linha temporal da pessoa, que podemos observar onde estas três concepções se aproximam, se reúnem, se distanciam ou voltam a se encontrar. O tempo possui uma natureza integrativa, não apenas reunindo passado, presente e futuro, mas diferentes níveis de análise e também conceitos e conteúdos.

A compreensão de que estes conceitos devem ser observados ao longo da vida do indivíduo, contemplando todos os momentos que fazem parte da trajetória, é comum dentro das discussões das bases teóricas em tela (Hughes, 1937; Hoselitz, 1957; Merriam, 1999). Refletindo a partir dessa conjunção, a linha temporal torna-se uma janela pela qual podemos compreender as transformações relacionadas ao indivíduo e ao contexto, contemplando seus traços constitutivos. Nesse sentido, a dimensão temporal tem a capacidade de colocar em paralelo – e em diálogo – diferentes tipos de tempos, como o histórico, contemplando os níveis econômico, político e social; o de vida, caracterizado pela idade cronológica do indivíduo; e o social, que envolve possíveis períodos do ciclo de vida das pessoas, onde emergem papéis sociais, *status*, comportamentos e responsabilidades.

O **contexto** é outro elemento presente entre as discussões dos conceitos, podendo ser encontrado por meio de várias denominações, tais como ecossistema, espaço, lugar, cenário ou estrutura social (Barcuh, 2015; Cuervo, Ribeiro, & Roig, 2007; Hansman, 2001; Hughes, 1937; Mayrhofer et al., 2007; Merriam, 2018; Weber, 1999). Incursões investigativas que levam tais conceitos em suas bagagens jamais podem ser trabalhadas sem o entendimento do espaço social onde estão inseridas. O contexto é o espaço que envolve e associa todas as dinâmicas ligadas aos quadros em discussão, sendo constituído por uma série de dimensões, instituições e atores.

Do ponto de vista da aprendizagem, o cenário externo pode ser observado por meio de dois níveis, o primeiro diz respeito ao cenário ampliado (macro), onde se encontram as matérias que possuem maior amplitude, tais como a demográfica, econômica, política, social, cultural, legal e tecnológica (Gherardi et al., 1998; Jarvis, 2012; Merriam, Caffarella, & Baumgartner, 2007). O segundo nível é o micro cenário, que aproxima a lente investigativa dos espaços sociais onde a atividade humana é exercida, e constitui-se pelos diferentes ambientes por onde passa a vida do indivíduo, como por exemplo, o ambiente de trabalho, de moradia, sua rua, seu bairro, sua comunidade, entre outros. Todas estas questões perpassam o ambiente e produzem as particularidades que envolvem o contexto de aprendizagem (Cuervo et al., 2007).

Os estudos de carreira sob a perspectiva da interação entre indivíduo e contexto, igualmente, consideram as estruturas sociais, normas culturais, instituições e o seu papel sobre a ação das pessoas em um nível social, buscando verificar as forças que impactam os indivíduos e determinam ações e comportamentos diante de experiências ao longo de sua vida (Lent, 2020; Moore et al., 2007; Savickas et al., 2009). Em conjunto, o estudo do empreendedorismo pressupõe a observação do espaço social da pesquisa, levando em conta fatores ambientais relacionados às mudanças econômicas e políticas, cultura e valores da sociedade, motivações e comportamentos dos indivíduos.

É possível notar uma sintonia entre as reflexões e um direcionamento de análise que encaminha as pesquisas à compreensão do contexto ampliado e do espaço específico onde estão localizados os objetos sob investigação, observando as relações entre fenômenos e mudanças contextuais. Assim, por meio das diferentes esferas do contexto – econômica, política, social, cultural, tecnológica e ambiental – abre-se a possibilidade de verificar o papel das estruturas sobre a ação das pessoas em um nível social, examinando as forças que impactam os indivíduos e contribuem na determinação de atividades, comportamentos e experiências ao longo da vida.

Investigações envolvendo empreendedorismo, carreira e aprendizagem também são interseccionadas pelo **indivíduo**. A conjunção acontece na vida da pessoa, onde seu trabalho, sua trajetória e seus conhecimentos se encontram. Como protagonista ou coadjuvante, os

aspectos individuais sempre participam dessas discussões teóricas. Os quadros trazem elementos em comum e também traços particulares de suas linhas de estudo, no entanto, sempre próximos de alguma forma.

Como ponto compartilhado pelos conceitos, há uma visão sobre os variados contornos existentes no indivíduo e sua importância para a investigação (Gartner, 1985; Gunz, et al., 2011; Jarvis, 2012). Os contornos se referem à bagagem histórica da pessoa, seus traços pessoais, experiências, conhecimentos e toda a sua subjetividade. Estas particularidades podem ser analisadas por meio de características como idade, gênero, raça, classe, escolaridade, regionalidade, religião e estrutura familiar, bem como por papéis sociais, identidade, valores, experiências de trabalho, emoções, conhecimentos, entre outros. Todos estes aspectos compõem o que podemos denominar de atmosfera individual, onde a heterogeneidade reina entre os seres humanos, bem como a noção de indivíduo-social, que determina e é determinado pelo mundo a sua volta.

Em meio a tais reflexões, as noções conceituais se aproximam. Ao pensarmos no conceito de aprendizagem, visualiza-se uma congregação de mente, corpo, atividade, experiências e ambiente (Gallon et al., Wilson, 1993). Nesse sentido, as noções de empreendedorismo contribuem ao discutir a personalidade dos indivíduos, valores e comportamentos, bem como as habilidades e competências, que possuem, por sua vez, estreita relação com a atividade desempenhada, nesse caso, o empreendimento em questão (Costa, Barros, & Carvalho, 2011).

Ao mesmo tempo, a movimentação da carreira pode abrir pontos de investigação sobre o indivíduo para além dos traços comuns anteriores. Questões objetivas, como histórico de trabalho e elementos formais e informais das atividades exercidas, assim como aspectos subjetivos, tais como papéis sociais, conflitos, motivações, necessidades, percepções de liberdade e identidade (Arthur et al., 1989; Dyer, 1995), podem auxiliar em uma visão complementar sobre o indivíduo-empendedor e seu processo de aprendizagem.

Buscando o encadeamento teórico com os elementos apresentados, para compreender a dimensão subjetiva em sua devida profundidade, assim como sua relação com empreendedorismo, carreira e aprendizagem, é essencial sintonizá-la com o tempo e contexto. A linha temporal da pessoa precisa estar atrelada aos aspectos internos e subjetivos para que se possa visualizar as transformações ao longo do transcurso. Do mesmo modo, os traços pessoais precisam ser considerados para além do seu sentido individual e restrito, eles requerem uma compreensão de significado contextual e de marcadores sociais.

Entendendo os papéis teóricos da dimensão temporal, das condições externas e dos aspectos individuais, é possível observar os primeiros indícios referentes às estruturas teóricas que compreendem a interligação entre os três conceitos em pauta. Neste sentido, nossa análise avança em busca de maior profundidade sobre os aspectos que fazem parte dessas dinâmicas e reflete sobre outros elementos integrantes desta conjunção.

Como parte dessa estrutura, a ligação entre as esferas conceituais eleva as **relações sociais** como parte fundamental do estudo da temática. Pode parecer simplório dizer que o empreendedorismo, a carreira e a aprendizagem estão permeados de relacionamentos ao longo de suas dinâmicas. No entanto, o ponto-chave desse argumento não é o simples entendimento de sua existência, mas o avanço da análise para o conteúdo e a significância desses vínculos.

É na natureza do vínculo entre indivíduos que os conceitos em tela podem se encontrar. Tanto o empreendedorismo, como a carreira e a aprendizagem inexistem sem os relacionamentos do empreendedor, sem os vínculos construídos na sua trajetória e os processos de aprendizagem ocorridos por meio do contato entre as pessoas (Gherardi 2019; Lawrence, 2011; Low & MacMillan, 2007). Ao focar as interações, é necessário sublinhar dois pontos: os atores que fazem parte do contexto de vida da pessoa, principalmente aqueles que possuem relevância ao objeto de estudo; e os papéis exercidos por cada um dentro da interação, abrindo espaço para diferentes tipos de relacionamentos que podem ser significativos para a temática.

Os vínculos estão dispostos no cotidiano, na interação entre indivíduos, na atividade empreendedora, na carreira, sendo assim, seus desdobramentos podem estar associados aos processos de aprendizagem. As diferentes disposições dos relacionamentos sociais podem residir em vínculos como a família, amigos, vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho, agentes institucionais, agentes públicos, professores, instrutores, dentre outras ligações que podem ser estabelecidas.

Cabe destacar ainda que os fatores que habitam as relações são perpassados, em diferentes graus, por marcadores sociais, tais como classe social, gênero e idade (Jarvis, 2012). Estes traços agem dentro das relações, influenciando tanto a subjetividade do indivíduo como a das pessoas com quem ele se relaciona, sendo assim, os marcadores levam à diferenciação entre as pessoas e agem de diferentes maneiras, objetivas ou subjetivas, sobre as situações.

Outro ponto importante que pode contribuir para essa reflexão são as **experiências**, percorrendo o entendimento de que vivenciar uma experiência pode representar ao empreendedor um momento importante, tanto em sua carreira, como para sua aprendizagem.

Do ponto de vista teórico de carreiras, uma experiência pode representar um *turning point*, um momento significativo, de mudança, de transição ou de aprendizado (Hodkinson,

Sparkes, & Hodkinson, 1996). Para o empreendedor, uma experiência pode ser o ponto de partida para o início de uma trajetória, o início de uma relação, como também um ponto de reflexão de si próprio, o que pode envolver habilidades, comportamentos e valores (Dyer, 1995).

Sob as lentes teóricas da aprendizagem, o elemento conceitual da experiência ganha força e pode ser visto através da ação da pessoa em atividades, práticas, eventos, tarefas ou funções realizadas (Jarvis, 2012). Dessa forma, a aprendizagem pode ser observada através das ações exercidas pelo indivíduo em sua trajetória, compreendendo o conteúdo destas atividades e suas relações com a aprendizagem.

Partindo da compreensão que as experiências também encontram-se atreladas aos relacionamentos, as possibilidades de aprendizagem do empreendedor estão fundamentadas nas relações sociais estabelecidas ao longo de suas experiências de carreira, onde estão presentes elementos objetivos e subjetivos que envolvem as estruturas sociais (Gherardi, 2019; Gherardi et al., 1998).

Outro tópico importante da discussão e que pode contribuir para a convergência dos conceitos são as **ferramentas** atreladas às experiências e interações, e envolvidas nas atividades dos indivíduos. O tema é amplamente discutido nas bases teóricas sobre aprendizagem, onde há o entendimento de que as relações sociais ocorrem mediante a utilização de ferramentas técnicas, tais como máquinas ou equipamentos, ou ferramentas psicológicas, onde são consideradas linguagem, escrita ou estratégias de aprendizagem (Hansman, 2001; Merriam & Bierema, 2008). Neste caso, o ponto central é que as ferramentas inserem a dimensão material à discussão da aprendizagem.

Para entender como ferramentas podem estar na interseção entre os conceitos, é importante sublinhar o seu sentido cultural, onde elas produzem significado dentro das dinâmicas de interação dos indivíduos (Gherardi et al., 1998), trazendo à tona sua natureza relacional entre indivíduo e contexto. Nesse sentido, para além da aprendizagem disposta nessa relação (Lave & Wenger, 1991), as ferramentas se relacionam com a atividade desenvolvida pelo empreendedor por meio de suas características constitutivas e podem ter impacto sobre a relação entre o trabalhador e temas como a gestão do negócio, suas habilidades e seus relacionamentos. Nesse contexto, a partir da observação das ferramentas é possível compreender os tipos de atividades desempenhadas, os reflexos sobre a organização do empreendimento, a forma como elas impactam os conhecimentos do empreendedor e também como elas influenciam os relacionamentos do mesmo.

Ao mesmo tempo, ao quadro de carreiras, as ferramentas podem trazer componentes importantes para a compreensão da trajetória do indivíduo. O uso de determinadas ferramentas materiais pode desempenhar determinações sobre o percurso do trabalhador, ao passo que ferramentas psicológicas também influem nas relações e estão atreladas aos passos da pessoa em sua carreira.

O cenário analítico apresentado oferece um quadro teórico capaz de sustentar pesquisas acerca dos processos de aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores. A Figura 1 tem o intuito de reunir os elementos de intersecção explorados e apontar, de um modo concentrado, os conteúdos de cada elemento em pauta, bem como os autores que nos ofereceram a base de referência.

Figura 1

Elementos de diálogo dos quadros teóricos para análise dos processos de aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores

Elementos	Conteúdo da intersecção	Autores
Tempo	O tempo reúne passado, presente e futuro. O entendimento de modo temporal da pessoa e do espaço social permite a visualização da história em sua totalidade, contemplando todos os momentos que fazem parte da investigação.	Hughes (1937); Hoselitz (1957); Merriam (1999).
Contexto	O contexto localiza o objeto, contemplando o cenário macro, onde se encontram as matérias que possuem maior amplitude, e o cenário micro, onde estão os espaços sociais por onde passa a vida do indivíduo.	Hansman (2001); Baruch (2015); Weber (1999).
Indivíduo	O indivíduo, como ser social, é visto através dos variados contornos existentes em seu perfil, tais como traços pessoais, marcadores sociais, conhecimentos, experiências e toda sua subjetividade.	Gunz et al. (2011); Gartner (1985); Nicolini (2012).
Relações sociais	As relações sociais estão dispostas na vida do indivíduo. Sua análise é feita pela observação dos atores e dos papéis desempenhados por cada um deles, bem como pela natureza e os fatores constituintes dessas interações.	Low & MacMillan, (2007); Lawrence (2011); Santos (2018).
Experiências	As experiências constituem-se pelos momentos relevantes vivenciados pelo indivíduo em sua trajetória, compreendendo o conteúdo destas atividades e suas relações com o objeto.	Dyer (1995); Gallon et al., (2016); Jarvis (2012); Nicolini (2012).
Ferramentas	As ferramentas estão atreladas às experiências e interações. São produtoras de significado e seu conteúdo pode trazer à tona elementos referentes ao objeto.	Gherardi et al. (1998); Lave e Wenger (1991).

O panorama de análise, embora traga uma estrutura que, à primeira vista, possa ser associada em algum grau à noção de engessamento, busca escapar dessa concepção (Ferraço, 2007). Isso porque, a conjunção dos elementos procura, primeiro, considerar a realidade como heterogênea; segundo, deixar claro que a pesquisa parte de uma noção de complexidade do campo; e terceiro, dar a possibilidade às investigações de capturar o imprevisível que desponta da aproximação com os objetos (Accioly, 2011). Além disso, cabe destacar aos leitores que o quadro apresenta uma ideia inicial sobre elementos de interlocução dos conceitos, o que não encerra a análise. Pelo contrário, esse esforço analítico fica à espera de outros diálogos que possam avançar, recuar ou contrapor a discussão, para que, por consequência, surjam novos caminhos de pesquisa.

3 CONTRIBUIÇÕES E DIREÇÕES FUTURAS

Este ensaio teve como objetivo realizar uma interlocução entre os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, em busca de elementos de contribuição para o estudo da aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores. Em paralelo, o trabalho buscou trazer uma estrutura teórica que pudesse ser utilizada como ponto de partida para estudos que tragam em suas bagagens, em conjunto ou isoladamente, tais noções conceituais. Entendemos que a conjunção desses quadros reforça a importância dos elementos para o campo, abre espaço para incursões científicas em diferentes cenários investigativos e não restringe novos elementos de se aproximarem.

A interlocução também sustenta um desafio aos *mainstreams* dos conceitos, onde a figura do empreendedor ainda é predominantemente tratada como um sinônimo de inovação, a carreira ainda é discutida principalmente sob as noções de agência e ênfase na realização pessoal, e na aprendizagem ainda prevalecem as observações restritas ao indivíduo.

Para a concepção de empreendedorismo, embora possamos notar um conjunto de construções adjacentes sobre a figura teórica do empreendedor, esse ensaio pode contribuir ao reforçar o papel de elementos como o tempo, o contexto e as estruturas sociais, para que as investigações não cometam o erro de atribuir determinadas qualidades ao indivíduo ou à sua carreira apenas a partir do seu enquadramento produtivo. O quadro apresentado sublinha a importância de elementos teóricos que possibilitam um olhar amplo, considerando os diversos níveis (individual, organizacional e social), seus respectivos atores e os elementos (objetivos e subjetivos) que fazem parte da carreira do trabalhador.

De modo semelhante, a construção reflexiva permite avançar na discussão sobre as concepções de carreiras. É importante ressaltar que as teorias sobre carreiras, embora possuam enfoques distintos, em sua maioria, são elaboradas a partir de contextos econômicos desenvolvidos, distintos ao brasileiro (Briscoe et al., 2018). Isto significa que algumas noções, como a agência ou a realização pessoal, naturalmente refletem os traços do campo empírico, onde a liberdade, a autonomia e a busca pela realização do trabalhador encontram-se em sua trajetória e podem ser retratadas por meio de suas decisões e resultados da carreira. No entanto, elevando os elementos teóricos apresentados anteriormente, sobretudo o elemento contextual, é simples imaginar que existem grupos que estão distantes da tradicional noção de agência e localizam-se em estratos econômicos inferiores, o que muitas vezes os impede de encontrar sua realização profissional. Por esses motivos, o quadro proposto reforça o papel de tópicos que não podem passar despercebidos nos estudos de carreira, sobretudo em solo brasileiro.

Para além da ampliação contextual, a interlocução proposta pode significar, ao menos, dois passos importantes do ponto de vista teórico para o estudo do empreendedorismo e das carreiras. Estes passos estão relacionados à utilização da concepção de relações sociais e das experiências, advindas do quadro teórico da aprendizagem. A noção de relações sociais, através de sua disposição para observar todas as interações no cotidiano do indivíduo e levar em consideração os diferentes atores e seus papéis, pode ampliar o panorama e oferecer maior flexibilidade no estudo da atividade empreendedora e da carreira da pessoa. Por sua vez, a noção de experiências pode constituir-se como um meio de investigação dos momentos relevantes para a ocupação como empreendedor e também para análise de momentos significativos para a trajetória da pessoa. A noção ainda pode representar um olhar para o conteúdo deste evento e quais são os desdobramentos e relacionamentos com o objeto de estudo, associando as dimensões objetivas e subjetivas dentro da análise.

Ao quadro teórico da aprendizagem, a construção ensaística e interlocutiva estende uma literatura, amplamente vinculada ao indivíduo ou atenta a elementos específicos do contexto, tais como as organizações e as comunidades, para formas alternativas de visualização do espaço social da aprendizagem. O estudo da aprendizagem a partir das construções de carreira consegue transpor esses domínios ao propor uma reunião entre os elementos temporal, contextual e individual, que em conjunto com as relações sociais, as experiências e as ferramentas, oferecem uma estrutura flexível e hospitaleira para analisar os processos de aprendizagem ao longo da trajetória de vida da pessoa.

Para fundamentar o entendimento sobre essa série de elementos teóricos, que julgamos ser essenciais para o propósito do trabalho, primeiro sublinhamos a importância de observar o

empreendedor, sua carreira e a sua aprendizagem através da dimensão temporal. Em seguida, debatemos a importância de contextualizar o espaço da carreira e da aprendizagem do empreendedor. Na sequência, discutimos o olhar sobre o indivíduo, considerando todos os seus contornos sociais, objetivos e subjetivos, assim como defendemos a relevância das relações sociais, das experiências e das ferramentas para pesquisas sobre o empreendedor e sua trajetória, que, por sua vez, impactam em suas aprendizagens, tal como são impactados pelas mesmas.

Para finalizar, entendemos que as noções de empreendedorismo, carreira e aprendizagem nos oferecem uma base importante para refletirmos sobre a figura do empreendedor em seus diferentes traços e sobre as características da atividade empreendedora. Ao mesmo tempo, as noções solidificam elementos importantes para a sua análise, como a visão temporal, contextual, relacional e dinâmica.

Referências

- Accioly, C. B. da C. (2011). Territorialidades e saberes locais: muros e fronteiras na construção do saber acadêmico. *Caderno CRH*, 24(63), 679-692. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000300014>
- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: Sage Ltd <https://www.doi.org/10.4135/9781446270035>
- Arthur, M. B., Hall, D. T., & Lawrence, B. S. (Eds.) (1989). *Handbook of career theory*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511625459>
- Baruch, Y. (2015). Organizational and labor markets as career ecosystem. In A. De Vos & B. Van der Heijden (Eds.), *Handbook of Research on Sustainable Careers* (pp. 164-180). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Bispo, M. D. S., & Mello, A. S. D. (2012). A miopia da aprendizagem coletiva nas organizações: existe uma lente para ela?. *Gestão & Planejamento*, 13(3), 728-745.
- Briscoe J., Dickmann M., Hall T., Parry E., Mayrhofer W., & Smale A. (2018). Career Success in Different Countries: Reflections on the 5C Project. In M. Dickmann, V. Suutari, & O. Wurtz (Eds.), *The Management of Global Careers* (pp. 117-148). Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-76529-7_5
- Cantillon, R. (2011). *Essai sur la nature du commerce en général*. Paris: Institut Coppet.
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Costa, A. M. Da, Barros, D. F., & Carvalho, J. L. F. (2011). A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 179-197. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200002>

- Cuervo, Á., Ribeiro, D., & Roig, S. (Eds.) (2007). *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective*. New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- DeLuca, G., Rocha-de-Oliveira, S., & Chiesa, C. D. (2016). Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(4), 458-476. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016140080>
- Dyer, W. G. Jr. (1995). Toward a theory of entrepreneurial careers. *Entrepreneurship theory and practice*, 19(2), 7-21. <https://doi.org/10.1177%2F104225879501900202>
- Ferraço, C. E. (2007). Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, 28(98), 73-95. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>
- Gallon, S., Magalhães, B., Viana, D. D., & Antonello, C. S. (2016). Formas de aprendizagem e saberes no trabalho de manicures. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(1), p. 96-112.
- Gartner, W. B. (1985). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of management review*, 10(4), 696-706. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4279094>
- Gartner, W. B. (2007). Is there an elephant in entrepreneurship? Blind assumptions in theory development. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 229-243). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Gherardi, S. (2008). Situated knowledge and situated action: What do practice-based studies promise. In D. Barry & H. Hansen (Eds.), *The SAGE Handbook of New Approaches in Management and Organization* (pp. 516-525). SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.4135/9781849200394>
- Gherardi, S. (2019). Practice as accomplishment. In *How to Conduct a Practice-based Study. Problems and Methods* (2a ed.). United Kingdom: Edward Elgar. <https://doi.org/10.4337/9781788973564.00008>
- Gherardi, S., & Nicolini, D. (2001). The Sociological Foundations of Organizational Learning. In M. Dierkes, A. Berthoin Antal, J. Child, & I. Nonaka (Eds.), *Handbook of Organizational Learning and Knowledge* (pp. 35-60). New York: Oxford University Press.
- Gherardi, S., Nicolini, D., & Odella, F. (1998). Toward a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situated curriculum. *Management Learning*, 29(3), 273-297. <https://doi.org/10.1177/1350507698293002>
- Gudolle, L. S., Antonello, C. S., & Flach, L. (2012). Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13, 14-39. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712012000100002>
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620. <https://doi.org/10.1177%2F0170840611421239>

- Hansman, C. A. (2001). Context-Based Adult Learning. In S. B. Merriam (Ed.), *The New Update on Adult Learning Theory. New Directions in Adult and Continuing Education* (n. 89). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hirschi, A. (2018). The Fourth Industrial Revolution: Issues and implications for career research and practice. *Career Development Quarterly*, 66(3), 192-204. <https://doi.org/10.1002/cdq.12142>
- Hodkinson, P., Sparkes, A. C., & Hodkinson, H. (1996). *Triumphs and tears: Young people, markets, and the transition from school to work*. London: David Fulton Publishers.
- Hoon, C., & Baluch, A. M. (2020). The role of dialectical interrogation in review studies: Theorizing from what we see rather than what we have already seen. *Journal of Management Studies*, 57(6), 1246-1271. <https://doi.org/10.1111/joms.12543>
- Hoselitz, B. (1957). Noneconomic Factors in Economic Development. *The American Economic Review*, 47(2), 28-41.
- Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American journal of sociology*, 43(3), 404-413.
- Hughes, E. C. (1958). *Men and their work*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Jaakkola, E. (2020). Designing conceptual articles: four approaches. *AMS review*, 10(1), 18-26. <https://doi.org/10.1007/s13162-020-00161-0>
- Jarvis, P. (2012). *Adult Learning in the Social Context*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203802724>
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815355>
- Lawrence, B. S. (2011). Careers, social context and interdisciplinary thinking. *Human Relations*, 64(1), 59-84. <https://doi.org/10.1177/00187267110384293>
- Lent, R. W. (2020). Career development and counseling: A social cognitive framework. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development & counseling: Putting theory and research to work* (3rd ed., pp. 129–163). Hoboken, NJ: Wiley.
- Low, M. B., & MacMillan, I. C. (2007). Entrepreneurship: Past Research and Future Challenges. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 131-153). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 215- 240). Los Angeles: Sage.
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320-332.

- Merriam, S. B. (1999). Time as the Integrative Factor. In M. C. Clark, & R. S. Caffarella (Eds.), *An Update on Adult Development Theory: New Ways of Thinking About the Life Course* (n. 84, pp. 67-75). San Francisco: John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/ace.8408>
- Merriam, S. B. (2018). Adult learning theory: evolution and future directions. In K. Illeris (Ed.) *Contemporary theories of learning: Learning Theorists... In Their Own Words* (2a ed., pp. 83-96). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315147277>
- Merriam, S. B., & Bierema, L.L. (2014). *Adult learning: Linking theory and practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Merriam, S. B., Caffarella, R. S., & Baumgartner, L. M. (2007) *Learning in Adulthood: A Comprehensive Guide* (3a ed.). San Francisco, CA: John Wiley & Sons.
- Moore, C., Gunz, H., & Hall, D. T. (2007). Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 13-38). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Muzio, D., & Doh, J. (2021). COVID-19 and the Future of Management Studies. Insights from Leading Scholars. *Journal of Management Studies*. 58(5). <https://doi.org/10.1111/joms.12689>
- Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction*. London: Oxford.
- Nogueira, M. O. (2019). *Um Pirilampo no porão: um pouco de luz nos dilemas da produtividade das pequenas empresas e da informalidade no país* (2a Ed.). Brasília: IPEA.
- Piaget, J. (1966). *The origins of intelligence in children*. New York: International Universities Press.
- Santos, G. T. dos, & Moura, E. O. de. (2021, maio). Contribuições da Perspectiva Sociológica e da Aprendizagem Baseada em Prática à Aprendizagem Organizacional. *Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, On-line, 7. Recuperado de http://anpad.com.br/pt_br/event/details/111#navsidebar-1784
- Santos, G. T. dos. (outubro, 2018). A Aprendizagem dos Docentes a partir da Perspectiva Situada no contexto da Pós Graduação em Administração. *Anais do Encontro da Anpad*, Curitiba, Paraná, 42.
- Say, J. B. (2001). *A treatise on political economy*. Philadelphia: Batoche Books.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., & Van Vianen, A. E. M. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239–250. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural.
- Soares, L. C., & Bispo, M. D. S. (2017). A aprendizagem do cozinhar à luz das práticas sociais e da estética organizacional. *BBR. Brazilian Business Review*, 14(2), 247-271. <https://doi.org/10.15728/bbr.2017.14.2.6>

- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.
- Tran, H., Baruch, Y., & Bui, H. T. M. (2019). On the way to self-employment: The dynamics of career mobility. *The International Journal of Human Resource Management*. <https://doi.org/10.1080/09585192.2019.1640267>
- Vaclavik, M. C., Rocha-de-Oliveira, S., & Oltramari, A. P. (2021). Proteus looks around: agency, time and context in a Gig Economy career analysis. *BAR – Brazilian Administration Review*, 18(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2021200098>.
- Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>
- Weber, M. A (1999). *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira.
- Wildemeersch, D., Jansen, T., Vandenabeele, J., & Jans, M. (2000). Aprendizagem social: uma nova perspectiva sobre a aprendizagem em sistemas participados. *Forum*, 25, 105-127.
- Wilson, A. L. (1993). The promise of situated cognition. In S. B. Merriam (Ed.), *An Update on Adult Learning Theory. New directions for adult and continuing education* (n. 57). San Francisco: Jossey-Bass.
- Wissmann, A. D. M., Moraes, J. P., Andrade, A. G. M., & Junior, J. J. (2021). Trabalhadores do batuque: a carreira numa religião afro-gaúcha. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(4), 1003-1015. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200190>

ARTIGO 2

CONTRIBUIÇÕES DE UM PERCURSO METODOLÓGICO QUALITATIVO PARA ESTUDOS SOBRE O MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI) *CONTRIBUTIONS OF A QUALITATIVE METHODOLOGICAL PATH FOR STUDIES ON INDIVIDUAL MICROENTREPRENEURS (MEI)*

Alexandre Dal Molin Wissmann
Lisiane Quadrado Closs

Resumo

O objetivo de nosso ensaio teórico é apresentar as contribuições que um percurso metodológico de pesquisa qualitativa pode oferecer a estudos que se proponham à investigação dos Microempreendedores Individuais (MEIs). Para isso, inicialmente, refletimos sobre as características do enquadramento jurídico do MEI e o universo heterogêneo que configura esse grupo. Na sequência, fundamentamos o estudo em traços conceituais da pesquisa qualitativa e das técnicas de pesquisa adotadas: entrevista narrativa, observação e pesquisa documental. Em seguida, apoiados na literatura, exibimos um percurso metodológico experienciado e construído a partir do contexto de pesquisa e das características dos participantes. Nesse momento, discorremos sobre as contribuições que a abordagem metodológica e as técnicas de pesquisa adotadas podem oferecer aos estudos que envolvam o MEI, apontando seus benefícios para o campo empírico e à literatura que trata sobre o tema. Como resultado, além de sustentar pesquisas de campo, o estudo contribui ao fortalecer uma posição metodológica que propicia ampliar as atuais representações sobre o microempreendedorismo, auxiliando uma construção científica próxima do trabalhador, ciente de suas particularidades, imersa em suas práticas e inserida em seu contexto de atuação. Acrescentando contrastes e ampliando olhares sobre os MEIs, a metodologia explorada possibilita construir efeitos significativos performativos, ou seja, alcançando o nível de implicações sociais. Na medida em que permite aprofundar conhecimentos de determinadas realidades e das especificidades de grupos ou contextos dos MEIs, os resultados possibilitam aos agentes públicos avançarem para além das ações horizontais e homogêneas direcionadas aos mesmos.

Palavras-chave: Percurso metodológico. Abordagem qualitativa. Técnicas de pesquisa. Microempreendedor Individual. MEI.

Abstract

The objective of our theoretical essay is to present the contributions that a qualitative research methodological path can offer to studies that investigate Individual Microentrepreneurs (MEIs). To do this, initially, we reflect on the characteristics of the legal framework of the MEI and the heterogeneous universe that configures this group. Next, we base the study on conceptual traits of qualitative research and the research techniques adopted: narrative interview, observation and documentary research. Then, supported by the literature, we present a methodological path experienced and constructed based on the research context and the characteristics of the participants. At this point, we discuss the contributions that the

methodological approach and research techniques adopted can offer to studies involving the MEI, pointing out its benefits for the empirical field and the literature that deals with the topic. As a result, in addition to supporting field research, the study contributes by strengthening a methodological position that allows expanding current representations about microentrepreneurship, helping a scientific construction close to the worker, aware of their particularities, immersed in their practices and inserted in their context of performance. Adding contrasts and expanding perspectives on MEIs, the methodology explored makes it possible to construct significant performative effects, that is, reaching the level of social implications. As it allows deepening knowledge of certain realities and the specificities of groups or contexts of MEIs, the results enable public agents to move beyond horizontal and homogeneous actions aimed at them.

Keywords: *Methodological path. Qualitative approach. Research techniques. Individual Microentrepreneur. MEI.*

1 INTRODUÇÃO

O Microempreendedor Individual (MEI), figura jurídica e tipologia organizacional, foi criado pelo governo federal como uma política pública em 2008. A medida teve como objetivos reduzir a informalidade, aumentar a arrecadação tributária, incentivar o empreendedorismo e facilitar a criação dos pequenos negócios (Wissmann & Leal, 2018). Desde a criação do enquadramento, o número de pessoas que buscam a categoria para formalizarem suas atividades só aumenta, demonstrando a notoriedade do grupo, além de seu impacto econômico e social (Portal do Empreendedor, 2024).

Mas quem são esses trabalhadores? Quando apresentamos um perfil do MEI, onde estão presentes características como a falta de conhecimento para a organização do negócio, atuação na própria residência e a distância da inovação (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae], 2016; 2019), ou ainda tratamos sobre o ambiente de negócio que envolve a categoria, indicando a dificuldade no acesso ao crédito e o elevado grau de informalidade (Nogueira, 2019), estamos apenas trazendo representações individuais – ou coletivas – e contextuais semelhantes, construindo ideias sobre características.

A homogeneização dos traços, embora importante para produção de conjunturas, não contempla o universo heterogêneo dos microempreendedores, tampouco é capaz de produzir ações que atendam as singularidades desse grupo social. No contexto brasileiro, no que se refere ao quadro das Micro e Pequenas Empresas (MPEs), as ações horizontais, que partem de bases homogêneas ou construídas sob uma única dimensão, não atingem sua efetividade ao não encontrarem ressonância diante do universo heterogêneo ao qual se deparam (Nogueira, 2019).

Isto quer dizer que uma ação, ao nível nacional ou até mesmo em âmbitos regionais, encontra diferenças que perpassam uma série de aspectos, como por exemplo, marcadores sociais, cultura ou legislação. Diante disso, levantamos o seguinte questionamento: como podemos pesquisar o microempreendedorismo e alcançar elementos de contribuição teórica e prática ao campo de trabalho e para diferentes conjuntos de MEIs?

Partindo das produções existentes, sobretudo as de base quantitativa com visão universal e panorâmica, nossa resposta busca somar esforços, avançando em direção a incursões qualitativas, visando construções teóricas e práticas para o campo microempreendedor.

Ao posicionarmos a pesquisa qualitativa como um caminho para tal avanço, podemos somar diferentes modos de visualização e conhecimentos. Assim, objetivamos neste trabalho apresentar as contribuições que um percurso metodológico de pesquisa qualitativa pode oferecer a estudos que se proponham à investigação dos MEIs.

Em busca de tal propósito, utilizando o ensaio teórico como modo de construção reflexiva (Meneghetti, 2011), apresentamos um percurso metodológico experienciado e (re)construído a partir do contexto de pesquisa e das características dos participantes, sinalizando as contribuições da abordagem qualitativa e das técnicas utilizadas ao longo de nossa incursão para ampliar a compreensão sobre os MEIs.

Esse estudo é traçado em razão de diferentes espaços para contribuição, teóricos e práticos, relativos às temáticas empreendedora e microempreendedora, bem como em relação ao campo teórico-metodológico dos estudos organizacionais, especialmente na área da Administração.

Acerca do empreendedorismo, ao passo que sublinham a importância do tema para o desenvolvimento social e econômico, as pesquisas enfatizam a necessidade de perspectivas com viés social (Nogueira, 2019). Tais agendas apontam que as incursões teóricas carecem de uma visão que abrace história, contexto e interações existentes (Carmo et al., 2021; Vale, 2014).

Também temos a intenção de discutir e desafiar concepções teóricas dominantes envolvendo as noções de agência, espírito empreendedor, realização pessoal, e traços vinculados ao MEI, tais como inovação, tecnologia, crescimento e flexibilidade (Ciccarino, Teixeira, & Moraes, 2019; Salgado, 2021; Wissmann, 2021). A proposta de uma abordagem qualitativa, através de uma aproximação ao campo, permite debater tais disposições em razão dos traços individuais e contextuais dos trabalhadores.

Do ponto de vista acadêmico, o número de pesquisas sobre o MEI ainda é modesto, sendo que a maior parte limita-se à análise de relatórios do Sebrae, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Portal do Empreendedor, tornando raras as iniciativas que

submergem no cotidiano do MEI. Isto ressalta a necessidade de aprofundar a investigação, principalmente com pesquisas que adentrem ao campo e mantenham proximidade dos MEIs (Colbari, 2015; Souza & Borges, 2020), permitindo a visualização de traços que fogem das pesquisas voltadas à análise de dados estatísticos (Benatti, Silva, & Prearo, 2021).

No campo teórico-metodológico, o estudo também supre lacunas oriundas do atual cenário de produção científica, o qual enfrenta forças institucionais que pressionam e esmagam prazos de trabalhos acadêmicos, impactando a etapa de campo. Soma-se a isso um quadro produtivo onde as pesquisas qualitativas são objeto de discussão em razão de sua relevância e capacidade de mostrar impactos à sociedade (Aspers & Corte, 2019).

Esse panorama dificulta e reduz o número de estudos concentrados em incursões no cotidiano dos fenômenos (Bratich, 2018). No sentido de mostrar resultados à comunidade científica e à sociedade, bem como seguir uma direção contrária ante a maioria das incursões, chamadas de periódicos convocam estudos para dialogarem sobre a produção qualitativa (Bauer & Gaskel, 2017).

Consideramos ainda o espaço a ser preenchido por pesquisas ligadas a grupos sociais marginalizados e a busca pela justiça social, bem como a modelos metodológicos com maior proximidade entre pesquisador e participantes (Petriglieri, Ashford, & Wrzesniewski, 2019; Denzin & Lincoln, 2018). Ao carregarem em suas bagagens temas de interesse do grupo analisado, os cientistas podem gerar conhecimentos em prol dos participantes, visando emancipações e melhores condições de vida e trabalho (Rossi, 2018).

Ressalta-se ainda o esforço analítico de apresentação das contribuições de cada técnica de pesquisa que, amplamente discutidos, dificilmente vinculam-se diretamente ao campo e aos participantes da pesquisa. Essa carência também se estende à falta de estudos que discutam, especificamente, a forma como as técnicas efetivamente produzem conhecimento científico (Rossi, 2018).

Portanto, entendemos que a presente reflexão torna-se importante, tanto para o avanço conceitual da área, quanto para desenvolver modelos teórico-metodológicos que respondam à realidade brasileira do microempreendedorismo contemporâneo.

Após esta introdução, o presente trabalho inclui mais quatro capítulos: o próximo se dedica a uma discussão sobre o microempreendedorismo; o terceiro fundamenta a discussão sobre a pesquisa qualitativa; a quarta seção apresenta o percurso metodológico e aborda as contribuições do modo de pesquisa adotado; e o último capítulo apresenta as considerações finais do estudo.

2 MICROEMPREENDEDORISMO CONTEMPORÂNEO

As transformações econômicas e sociais, somadas à profundidade, à complexidade, ao dinamismo e ao espaço onde é localizado o empreendedorismo formam uma multiplicidade de olhares sobre o tema. Por estas razões, ao observar a concepção de empreendedorismo em um panorama temporal, encontramos, além de diferentes abordagens, distintos pontos de vista sobre pressupostos conceituais, objetos de investigação, objetivos e níveis de análise.

Hoje, é possível identificar abordagens de empreendedorismo mais próximas do indivíduo, como a comportamental, mais ligadas ao ambiente organizacional, como a gerencial, e outras atentas ao contexto, como a sociocultural e econômica (Vale, 2014). No entanto, embora exista um quadro multidisciplinar sobre o tema, algumas direções dominam esse campo teórico. Características como liberdade, inovação, crescimento e flexibilidade são acessórios preponderantes no discurso do empreendedorismo (Sabino, 2010). Esse cenário, além de direcionar as pesquisas para participantes e campos de investigação harmoniosos a esses traços, fazem com que as pesquisas partam de pressupostos pretensiosos, como as noções de agência, espírito empreendedor e a realização pessoal (Ciccarino et al., 2019; Salgado, 2021).

Há também uma sincronia entre esse cenário e o discurso da mídia e dos órgãos que possuem o microempreendedorismo em suas agendas. Suas manifestações enquadram o MEI como um grupo inovador, visionário de oportunidades, futuros proprietários de microempresas e motivados essencialmente pela sua liberdade (Wissmann, 2021). Embora o conjunto carregue uma imagem de autodirecionamento em razão da sua ligação ao empreendedorismo, não podemos definir *a priori* características apenas a partir do enquadramento produtivo.

Desde que a Lei Complementar nº 128 (2008) criou a modalidade, a legislação recebe contínuas alterações para adequá-la ao contexto social e econômico do país. Em 2023, o MEI podia ter um faturamento anual de até R\$ 81.000,00; dispor de até um empregado remunerado com um salário mínimo ou piso da categoria; era tributado entre R\$ 66 e R\$ 72 mensais, variando minimamente conforme a atividade exercida e estava autorizado a exercer apenas atividades econômicas previstas em constituição (Portal do Empreendedor, 2024).

Quanto aos elementos formais do trabalho, o enquadramento traz consigo a inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e seus respectivos efeitos. Embora existam registros limitados sobre o nível de aderência a estas práticas pelos trabalhadores, pode-se citar a possibilidade de abertura de contas empresariais, a contratação de empréstimos, a emissão de notas fiscais e a venda ou prestação de serviços para o governo. O registro permite ainda a

utilização da cobertura previdenciária para o indivíduo e seus dependentes, destacando-se a aposentadoria por idade ou invalidez, o auxílio-doença e o auxílio-maternidade.

Sobre as atividades exercidas pelo MEI, há predominância de trabalhadores atuando no serviço e no comércio, no entanto, o registro pode ser utilizado também no segmento industrial e agropecuário. A Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE), parâmetro utilizado para o registro da ocupação, conta mais de 600 atividades. Exemplos comuns são o comércio de roupas, salão de beleza, lanchonete, barbearia e mecânica automotiva (Portal do Empreendedor, 2024). Além da diversidade, a descrição dessas ocupações oferece uma ideia inicial dos quadros de trabalho e do contexto do conjunto social.

A necessidade de apoio coloca o grupo nas agendas de políticas públicas, programas e incentivos (Campanha et al., 2017; Hammes & Silveira, 2015). Entretanto, ainda há espaço para a discussão sobre a efetividade das ferramentas e programas pró-empresendedor, sobretudo em função do distanciamento entre os critérios análogos utilizados nas ações e a realidade heterogênea dos empreendimentos (Ciccarino et al., 2019; Nogueira, 2019).

Considerando o universo do microempresendedorismo contemporâneo, em que as características dos trabalhadores variam conforme uma diversidade de elementos, principalmente em razão do seu contexto de vida e trabalho, é preciso encontrar modos de pesquisa que abracem a heterogeneidade e alcancem a compreensão de elementos que permitam a elaboração de contribuições efetivas aos trabalhadores.

3 TRAÇOS INTRODUTÓRIOS À PESQUISA QUALITATIVA

Pesquisar qualitativamente adentra em um campo transdisciplinar, que atravessa as ciências humanas e sociais, guardando em sua natureza um traço inclusivo, multiparadigmático e próximo de diferentes raízes (Aspers & Corte, 2019). Trilhando esse caminho, estamos envoltos por uma multiplicidade de métodos e técnicas estabelecidas em uma perspectiva naturalista e interpretativa das experiências (Nassaji, 2020). Em sua essência, esse modo de investigação também carrega uma dimensão política indissociável de suas práticas (Denzin & Lincoln, 2018).

Respondendo a perguntas do tipo “como” e “por que”, as investigações qualitativas tem o poder de reunir categorias distintas e construir quebra-cabeças, descrever processos e tendências de modo detalhado, identificar motivações e circunstâncias de um evento, adentrar em cenários complexos e elaborar taxonomias e tipologias que auxiliam no avanço de um determinado assunto (Rubin, 2021). E são as técnicas de pesquisa que nos permitem coletar e

representar materiais deste complexo cenário social. Em cada uma delas estão presentes, além de características que sintonizam com objetos de estudo ou campos de pesquisa, conteúdos que solidificam valores da prática metodológica. Em nosso estudo atentamos para três técnicas: observação, entrevista narrativa e pesquisa documental.

A observação é uma das técnicas mais antigas e fundamentais das ciências (Bratich, 2018). A pesquisa observacional qualitativa constrói significados, reconhece subjetividades e atua na interatividade entre pesquisador e participante (McKechnie, 2008), sendo adequada ao estudo de processos sociais, auxiliando na compreensão profunda e completa dos fenômenos.

Marietto (2018) apresenta algumas orientações que podem ser utilizadas em observações qualitativas. Além das habilidades necessárias, o autor descreve recomendações para três diferentes etapas da pesquisa: 1) antes de ir a campo é necessário um plano sistemático e padronizado para o registro dos dados, uma investigação antecipada dos possíveis locais e uma análise da acessibilidade da população; 2) em campo, é preciso o detalhamento de situações relevantes para os objetivos da pesquisa e a identificação do contexto social dos indivíduos; 3) logo após deixar o campo, o autor sugere a revisão, expansão e análise das observações, bem como sua transcrição e digitalização.

O estudo das narrativas é construído com base em uma tradição sociológica que ilumina a interseção entre biografia, história e sociedade (Mills, 1959). O interesse pela narrativa está relacionado ao seu vínculo entre as experiências do ponto de vista do indivíduo e da constituição de fenômenos sociais (Fanton, 2011). A narratividade faz emergir o passado das pessoas, contribui com a construção histórica dos fenômenos sociais, auxilia na compreensão da realidade contemporânea e oferece pistas para projetar o futuro.

Jovchelovitch & Bauer (2008) sinalizam que a realização da entrevista narrativa compreende um conjunto de técnicas e orientações sobre a preparação para a entrevista: como ativar inicialmente a história, como estimular as narrações dos participantes, como conservar a narração após o seu início, e como concluir a entrevista. Os autores acrescentam que, ao final do diálogo, também é importante reservar um tempo para as últimas anotações, expandindo e revisando as notas.

Raiz das investigações de ciências sociais, a pesquisa documental é onipresente nessa área (Prior, 2016). Sua utilização consiste em buscar informações, interpretações e dinâmicas sobre um assunto em diferentes materiais. A técnica tem particular importância na pesquisa de fenômenos em andamento e que já se estendem por significativos períodos de tempo (Tight, 2019). Corbetta (2003) define como documento qualquer material que forneça informações sobre um determinado fenômeno e os divide em duas categorias: pessoais e institucionais. A

categoria dos documentos pessoais diz respeito àqueles materiais produzidos por indivíduos de modo privado. A segunda categoria contempla os documentos institucionais, aqueles produzidos nas esferas pública e organizacional.

O cenário digital também demanda um olhar atento ao universo *online* como uma rica fonte de dados para a pesquisa (Fielding, Lee, & Blank, 2017). Conteúdos como comportamentos e interações *online*, materiais publicados em redes sociais ou em outros domínios, podem ser elementos de investigação ao nível individual dentro desse contexto (Hewson, 2017).

Diante da riqueza das possíveis construções investigativas, utilizamos os termos “por que” e “como” para dois questionamentos centrais ao avanço das reflexões no trabalho: Como este modo de pesquisar pode contribuir para os estudos? Por que ele é importante nas investigações que envolvem o microempreendedorismo? Buscando respostas, na próxima seção apresentamos uma proposta de roteiro metodológico para estudos sobre o MEI e os valores realçados ao longo de nossa trajetória, primeiro ao nível da abordagem e depois em razão das técnicas de coleta.

4 UM PERCURSO METODOLÓGICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDOS SOBRE O MEI

Apoiados na literatura e a partir de nossas vivências em campo, apresentamos um percurso metodológico experienciado, construído e reconstruído a partir do contexto de pesquisa e das características dos participantes, evidenciando as contribuições da abordagem qualitativa para o estudo do microempreendedorismo.

A primeira etapa de nossa trajetória esteve voltada à pesquisa exploratória, onde recolhemos dados de fontes secundárias e de documentos institucionais acerca dos tópicos estabelecidos na fundamentação teórica da pesquisa que estava sendo conduzida.

A utilização das técnicas de coleta representaram a segunda etapa. Com o objetivo de prospectar espaços onde potencialmente poderiam ser encontrados os MEIs, o primeiro passo do trajeto em campo foi a aproximação aos espaços urbanos, em vias onde havia trânsito intenso de pessoas e veículos, e por consequência, maior probabilidade da existência de empreendimentos comerciais e de serviços.

Definidos os locais, iniciamos a etapa de identificação dos participantes. Nesse momento, visitamos os empreendimentos, nos apresentamos e averiguamos as condições de adequação do MEI aos requisitos da pesquisa que estava sendo realizada. Após cada

identificação, realizamos a sensibilização para a participação na pesquisa mediante a apresentação do propósito e da dinâmica de interação do estudo e, aqueles que aceitaram participar, manifestaram interesse através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

À medida que se formou um grupo de participantes, organizamos o cronograma de encontros, tendo em vista a frequência de contato necessária à pesquisa. Isso permitiu a construção de um nível de confiança favorável a um relacionamento aberto e amigável (Minayo & Costa, 2019).

Da retomada da literatura, perpassando o primeiro contato com o campo e o convívio com os participantes, até a análise dos dados, os elementos significativos da abordagem qualitativa foram emergindo. Dentre os diferentes pontos de contribuição surgidos desse modo de pesquisa, selecionamos dois pontos para ampliarmos a discussão: a descrição texturizada e a transversalidade de conceitos.

A **descrição texturizada** significa olhar a realidade de forma profunda e completa, enfatizando as interpretações em contexto e representando os diferentes pontos de vista inclusos no cenário social, inserindo vivacidade nas descrições (Ana & Lemos, 2018; Patias & Hohendorff, 2019). Como traço valorizado nos métodos qualitativos (Denzin & Lincoln, 2018; Rubin, 2021), sua riqueza está nos detalhes, circunstâncias e particularidades, tornando a abordagem capaz de ir além de simples caracterizações.

O caráter naturalístico e empírico da abordagem permite um estudo baseado no campo, onde as reflexões são construídas mediante observação e vivência das dinâmicas no ambiente onde estão situadas. A imersão no cotidiano e contexto de vida dos MEIs oportuniza uma compreensão amplificada de cenários, pessoas, objetos, dinâmicas, relações e conteúdos. Assim, a descrição texturizada pode levar a construções teóricas e iluminar temas sociais significativos, ao ponto de transformar realidades. Esse aspecto torna-se ainda mais relevante no cenário microempreendedor, uma vez que o grupo está disposto em estratos econômicos inferiores, incluindo, muitas vezes, contextos de atividades precárias.

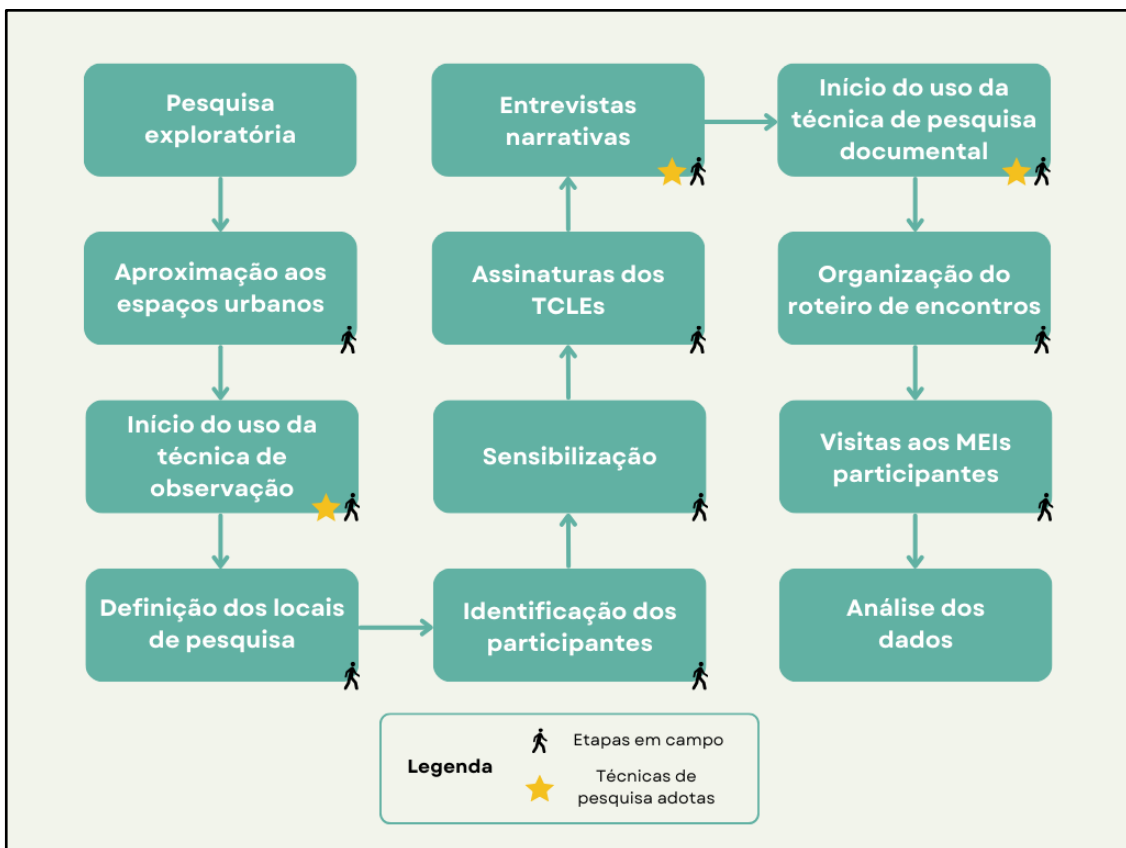
O segundo ponto refere-se ao poder de **transversalidade de conceitos** (Ana & Lemos, 2018; Rubin, 2021). Embora exista uma tendência de considerar estas pesquisas como estudos não representativos para um universo, as investigações qualitativas possuem valor semelhante. Mesmo que, em muitos casos, a representatividade não se configure como preocupação central nesse tipo de pesquisa, quanto maior o nível de densidade dos dados, maiores são as possibilidades de construção de processos e *insights* teóricos verdadeiros para outros cenários (Rubin, 2021).

Para o contexto microempreendedor, onde as ações horizontais não atingem efetividade ao não encontrarem ressonância diante da heterogeneidade a qual se deparam (Nogueira, 2019), a transversalidade reforça sua significância. Construída com base nas diferenças, como marcadores sociais, cultura ou legislação, sua importância está na criação de olhares e concepções transversais, reforçando mecanismos que contemplem as particularidades do universo microempreendedor.

Diante desse cenário de contribuições, a abordagem qualitativa nos possibilitou percorrer trajetórias distintas em busca de fontes de informação que se complementassem. Utilizando como estratégia a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 2009), empregamos três ações: observar, por meio da técnica da observação; perguntar, remetendo às narrativas; e ler, referindo-se ao uso de documentos (Corbetta, 2003). A Figura 1 apresenta os passos da pesquisa, bem como oferece uma proposta para estudos que se proponham a adentrar nessa área.

Figura 1

Percurso metodológico



Foi dessa maneira que nossa trajetória seguiu o caráter orgânico, dinâmico e processual da abordagem qualitativa (Alvesson & Sandberg, 2013), onde, embora tenhamos percorrido um caminho lógico, os processos foram se sobrepondo ao longo do roteiro metodológico. Na sequência, exploramos a etapa das técnicas de pesquisa dentro de nosso roteiro metodológico e discorremos sobre a forma como cada uma delas pode contribuir aos estudos do microempreendedor.

4.1 Técnica observacional

A técnica de observação começou antes mesmo do primeiro contato com os participantes, iniciando no momento de aproximação aos espaços urbanos, e continuou durante toda a etapa empírica. Detalhados na Figura 2, os procedimentos utilizados na técnica foram divididos em três etapas, cada qual com suas respectivas práticas (Marietto, 2018).

Figura 2

Procedimentos adotados para a observação



Como forma de registro e organização dos conteúdos, utilizamos o diário de campo. Estruturamos um modelo onde contemplamos, em paralelo, descrições objetivas e reflexivas sobre os objetos da pesquisa que estava sendo conduzida (Brodsky, 2008). Como estratégia de organização dos registros, utilizamos primeiro uma ordenação cronológica para, em seguida, executar uma organização temática dos conteúdos. A análise avançou a partir das temáticas estabelecidas, apoiada nas características retroativa e cíclica, ou seja, na medida em que as

reflexões avançavam, a análise retornava aos dados e os reexaminava a partir de uma nova perspectiva (Corbetta, 2003).

Apesar da observação ser composta por múltiplos benefícios, quatro categorias apresentaram maior relevância ao longo de nosso percurso metodológico: microcontextos, proximidade, relações sociais e dimensão material.

Analizamos as contribuições da observação ao estudo de microempreendedores inicialmente pela categoria de **microcontextos**. O ato de contextualizar algo significa promover a relação entre o fenômeno de estudo e o ambiente onde ele está situado, associando o objeto às circunstâncias de sua existência (Aspers & Corte, 2019). A contextualização promovida pela observação concentra sua atenção nos microcontextos que circundam a vida do trabalhador. Sob essa lente, cenários de trabalho, moradia, rua, bairro e comunidade onde o MEI reside, podem detalhar ambientes e subsidiar a análise.

Para os estudos que envolvem o microempreendedorismo, a contextualização torna-se uma categoria contributiva central, não apenas diante das lacunas apresentadas anteriormente, mas considerando a natureza interativa entre indivíduo e contexto. Assim, a interlocução permite que o estudo alcance os aspectos relacionais inclusos no fenômeno em investigação.

A observação também é acompanhada pela **proximidade** entre pesquisadores e participantes. O estar presente, junto das pessoas que possuem papel central na pesquisa, mesmo que pelo período disponível dos pesquisadores, é substancial para o entendimento dos objetos (Minayo & Costa, 2019). A proximidade apoia os estudos do MEI em duas direções, a primeira refere-se aos traços dos participantes. Embora nos primeiros contatos seja possível identificar aspectos como gênero, raça/etnia, idade e classe social, ou até mesmo conhecimentos, emoções e motivações, o aprofundamento das percepções é alcançada pela proximidade, sobretudo aquelas de ordem subjetiva e que vão além da aparência dos objetos estudados (Rossi, 2018).

A segunda direção diz respeito às construções conjuntas. Considerando que a proximidade supera a dimensão física e alcança as subjetividades dos envolvidos, os estudos excedem a interpretação do pesquisador e transformam os MEIs em parceiros colaborativos na pesquisa, contrapondo uma trajetória metodológica que trata os trabalhadores como sujeitos, no sentido epistemológico da palavra (Bratich, 2018).

Avançando em nossa reflexão, sublinhamos a categoria das **relações sociais**, a qual favorece a identificação dos vínculos entre pessoas e entre pessoas e instituições (Bratich, 2018; Minayo & Costa, 2019). Sua contribuição também está inserida no conteúdo das relações, incluindo questões como tipos de vínculos, papéis desempenhados, práticas de poder e na

interlocução entre relações e outras dimensões, tais como contexto, experiências e subjetividades.

Estes caminhos são destacados, pois as relações sociais no contexto do MEI dispõem de potencial para apresentarem alta diversidade e complexidade. As interações se revelam de diferentes maneiras, como vínculos familiares, de amizade, profissionais, comerciais, comunitários, eletrônicos, entre outros. Essa visão ampliada abre possibilidades de identificação das relações significativas ao MEI e dos conteúdos estabelecidos em cada uma delas.

Como último ponto, realçamos a **dimensão material**. A vida do indivíduo está permeada de aspectos físicos que influem nas dinâmicas sociais e são, portanto, relevantes aos estudos. Esta dimensão pode ser observada em quaisquer materiais incorporados aos ambientes, como estruturas físicas, residências, móveis, veículos, dispositivos eletrônicos, utensílios de trabalho, máquinas, entre outros. Empregados nas práticas cotidianas, tais materiais podem se constituir como ingredientes importantes aos estudos do conjunto microempreendedor e sua análise é capaz de identificar elementos de diferentes naturezas, econômicos, técnicos ou legais, que contribuem ou dificultam as práticas de trabalho do participante. Ao mesmo tempo, é importante entender que os objetos possuem sentidos subjetivos, produzindo significados dentro das dinâmicas de interação dos indivíduos.

4.2 Entrevista Narrativa

A fase seguinte foi a realização da Entrevista Narrativa (EN), caracterizada pela fala livre do participante sobre a questão inicial, somente depois seguida pelas perguntas do pesquisador. Para sua realização, elaboramos uma proposta de roteiro utilizando como base os procedimentos concebidos por Jovchelovitch e Bauer (2008). A Tabela 1 apresenta e sintetiza as fases do procedimento utilizado.

Tabela 1

Fases da entrevista narrativa

Fases	Orientações
Preparação	Formulação da questão inicial
	Formulação de questões de interesse da pesquisa
Início	Apresentação do contexto de investigação
	Detalhamento sobre questões éticas

Narração central	Apresentação da questão inicial Encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar sinais de finalização da narrativa
Perguntas	Questões do tipo "o que aconteceu então?" Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não fazer perguntas do tipo "por que?" Perguntas que surgiram durante a narração
Conclusão	Parar de gravar Realizar perguntas do tipo "por que?" Fazer anotações após a entrevista

Nota. Adaptado de Jovchelovitch e Bauer (2008).

Acerca da análise, após a transcrição dos dados, procedemos uma exploração individual de cada narrativa, onde foram contemplados aspectos temáticos objetivos e subjetivos de interesse da pesquisa para, posteriormente, realizar a integração analítica entre os relatos e a socialização da análise no contexto da investigação (Schütze, 1983).

A literatura indica uma variedade de contribuições da narrativa, no entanto, algumas marcas podem ganhar maior evidência ao longo da pesquisa, a depender de uma série de circunstâncias, tais como: campo, número de encontros entre pesquisador e participante, e técnicas utilizadas em conjunto. Nossa experiência metodológica elevou quatro categorias que apresentaram solidez em suas contribuições, são elas: tempo, voz dos participantes, subjetividade e experiências.

O primeiro elemento de contribuição da EN é a perspectiva de **tempo** (Santos & Davel, 2021). Ao nível individual, a linha temporal oferece um resgate da história que permite uma compreensão apurada do cotidiano e a visualização de perspectivas (Vogt et al., 2021). Assim, o tempo conecta, não apenas linearmente, mas de modo dinâmico e relacional, passado, presente e futuro.

No cenário do microempreendedorismo, a conexão entre os elementos temporais traz vestígios sobre o processo empreendedor, iluminando ações ao longo de uma carreira, tais como motivações ou influências. Além disso, a visualização panorâmica da história abre espaços à análise de conteúdos relacionados às habilidades e experiências do trabalhador. A perspectiva oferece ainda olhares para além do indivíduo, ampliando a lente de análise para o dinamismo temporal dos níveis organizacional e social (Marroni, 2017), propiciando um diálogo entre a história do participante e as transformações das instituições e do espaço social onde ele vive sua trajetória.

Outro diferencial da EN é trazer à pesquisa a **voz dos participantes** (Chase, 2018; Santos & Davel, 2021). Ao oferecer espaço para que o indivíduo se posicione e abra suas

experiências ao mundo, as histórias microempreendedoras emergem e repercutem dentro das discussões, em especial aquelas distantes dos *cases* de sucesso.

A visibilidade destas histórias possui particular relevância para os contextos acadêmico, profissional e público que envolvem o microempreendedorismo (Wissmann, 2021), especialmente por dirigir a atenção ao que realmente importa aos participantes. Suas vozes servem de orientação aos seus interesses e conferem um caráter transformativo à pesquisa.

Outro ponto de destaque é a categoria da **subjetividade** do indivíduo. Na medida em que investiga as experiências, as narrativas expressam a perspectiva de alguém cuja história é marcada pelas suas representações do mundo (Riessman, 2012). A subjetividade como categoria de contribuição favorece o acesso aos detalhes, complexidades do indivíduo, (re)construções representativas e o mergulho nas relações entre trabalhador e contexto.

Na esteira das contribuições também está o estudo das **experiências**, que permite uma concentração em momentos relevantes às biografias, sobretudo aquelas significativas ao trabalhador (Lee & Cochran, 1997; Costa et al. 2021). Sendo assim, a EN é uma forma de visualizar fenômenos sociais a partir das trajetórias vividas, pois nessas histórias também estão presentes memórias coletivas que transcendem o participante (Marroni, 2017).

4.3 Pesquisa documental

A técnica da pesquisa documental abriu portas para materiais importantes ao trabalho. Ao passo em que os encontros foram acontecendo, a técnica foi apresentando resultados complementares à construção do *corpus* de análise. Durante os diálogos, por meio de apontamentos e exemplificações, os MEIs sublinhavam materiais pessoais relevantes ao fenômeno. Em conjunto, também exploramos documentos institucionais relativos ao objeto da pesquisa proposta naquele momento. A Tabela 2, por meio das categorias de documentos estabelecidas, apresenta os materiais acessados.

Tabela 2

Fontes de documentos

Categorias	Fontes	Materiais
Documentos pessoais	Redes sociais	Interações em grupos de discussão e publicações nas redes.
	Páginas digitais	Páginas de pesquisa e interações com instituições de apoio.
	Arquivos de trabalho	Registros jurídicos e administrativos.

Documentos institucionais	Jurídicas	Constituição, decretos, portarias, leis ordinárias e complementares.
	Governamentais	Registros estatísticos e materiais de divulgação.
	Não governamentais	Relatórios técnicos e materiais de orientação.
	Mídia	Extratos de jornais e canais digitais.

Tais materiais fizeram parte do estudo na medida em que apresentaram relevância à pesquisa. Por este motivo, cada uma das interações com os MEIs trouxe um quadro distinto de materiais. Com relação à análise documental, utilizamos três pontos de exploração: pré-análise, exploração do material e fase interpretativa (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009).

A pesquisa documental confere uma série de possibilidades aos trabalhos, sendo que em nosso trajeto metodológico quatro categorias mostraram maior peso: resgate histórico, dimensões legal e econômica, panoramas estatísticos e o caráter performativo.

O **resgate histórico** é a primeira contribuição. A investigação dos materiais permite a descoberta de raízes ligadas ao fenômeno, bem como o acompanhamento e a compreensão de seus desdobramentos ao longo do tempo (Lopes & Ipiranga, 2021). Nesse processo, ampliamos o entendimento do objeto para além do fragmento de tempo presente, avaliando o contexto histórico do fenômeno.

A categoria mostra valor ao microempreendedorismo em quatro áreas. A primeira refere-se ao histórico sociopolítico, onde os arquivos resgatam justificativas das dinâmicas governamentais e características dos cenários sociais que levaram a determinadas decisões. A segunda área concerne ao histórico legal e sua recuperação de documentos jurídicos que contribuem para o entendimento das transformações da tipologia microempresarial. A terceira área diz respeito aos discursos sobre o MEI, em que o resgate de arquivos midiáticos aponta traços e inclinações na maneira como o grupo é representado, oferecendo subsídios para o entendimento de interesses ou disposições que os cercam. A quarta e última diz respeito ao universo populacional microempresarial, onde os conteúdos de materiais, como relatórios periódicos de organizações não governamentais, fornecem dados sobre mudanças de perfil e características profissionais desde a criação do enquadramento.

O segundo ponto de contribuição dos documentos são os conteúdos dispostos nas **dimensões legal e econômica**, que, em relação dialética com a categoria histórica, retratam a interdependência de diferentes contextos ligados aos fenômenos (Gorsky & Mold, 2020; Tight, 2019).

Ao cenário microempresarial, diretamente ligado a índices de desemprego, renda e inflacionários, a dimensão econômica dos documentos oferece detalhes que podem ser vistos

de maneira ampliada, em nível nacional, e em esferas mais restritas, em níveis estaduais e municipais. Tais conteúdos iluminam os efeitos gerados na economia, tal como mudanças nas estruturas organizacionais, que, por sua vez, impactam na movimentação de trabalhadores rumo ao enquadramento.

Em termos legais, os materiais sobre o MEI oferecem reflexões sobre os efeitos práticos decorrentes de sua constituição jurídica. O olhar apurado às alíneas dos arquivos, em conjunto das observações realizadas sobre relações de trabalho, oferece diretivas que permitem a análise sobre lacunas jurídicas do enquadramento, efeitos rebotes ocasionados pela proposta legal e usos indevidos da tipologia.

O terceiro ponto refere-se aos **panoramas estatísticos**. Esse traço contributivo oferece conteúdos que são pontos de aproximação entre um quadro contextual e um fenômeno de pesquisa. Os dados objetivos são fontes de informação que registram particularidades e oferecem suporte para o estudo de um objeto (Prior, 2016).

Mesmo que os dados quantitativos não se configurem como inquietação central da abordagem qualitativa para estudo do microempreendedor, o panorama oferecido traz uma visão importante à investigação, inclusive, sendo fonte de perguntas que originam as pesquisas. Detalhes como marcadores sociais, atividades e intenções, bem como caracterizações referentes ao quadro de trabalho, renda e setoriais, também são recursos produtivos para o diálogo entre o panorama dos documentos e outros dados qualitativos.

Como último ponto, sublinhamos o **caráter performativo** carregado pelos documentos. Além daquilo que o material informa, os pesquisadores podem perguntar o que um documento faz, por quem ele foi criado, de que modos atua ou com quem ele se relaciona (Lopes & Ipiranga, 2021; Tight, 2019). Trazendo a subjetividade da produção dos materiais, esta dimensão é o que denominamos de performatividade dos documentos (Grant, 2019).

Entendendo os materiais como agentes ativos, que produzem e são produzidos com propósitos e diante de contextos, a categoria pode enriquecer as pesquisas a respeito do MEI por meio da reflexão dos aspectos de sua construção, divulgação, estrutura e conteúdos. Os estudos podem questionar as formas de apresentação do material, as intenções ou direcionamentos do conteúdo e de que maneiras ele opera sobre a realidade microempreendedora. Somada aos dados subjetivos dos participantes, esse tipo de reflexão tem o potencial de contribuir para o entendimento das implicações dos discursos sobre o campo.

A Tabela 3 reúne as contribuições da abordagem qualitativa e das técnicas de pesquisa utilizadas.

Tabela 3*Contribuições da abordagem e das técnicas de pesquisa para os estudos sobre o MEI*

Abordagem e Técnicas	Contribuições	
Qualitativa	Descrição texturizada	Transversalidade de conceitos
Observação	Proximidade	Dimensão material
	Microcontexto	Relações sociais
Entrevista Narrativa	Tempo	Subjetividade
	Voz dos participantes	Experiência
Pesquisa documental	Resgate histórico	Panoramas estatísticos
	Dimensões legal e econômica	Performatividade

Tais contribuições foram construídas como matérias de enriquecimento aos elementos analíticos definidos pelos pesquisadores em razão dos múltiplos fenômenos, objetivos e campos de pesquisas. Isso quer dizer que elas devem ser vistas como conteúdos transversais e de densidade dentro do universo de reflexões dos cientistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço teve como objetivo apresentar as contribuições teóricas e empíricas que um percurso metodológico qualitativo pode oferecer aos estudos de investigação dos MEIs. Em paralelo, buscamos sustentar futuros trabalhos de campo ao apresentar uma trajetória de pesquisa experienciada e (re)construída a partir do contexto e das características dos participantes.

Foi possível identificar que cada uma das estratégias de pesquisa qualitativa adotadas oferece contribuições importantes ao campo. No entanto, o uso conjunto da observação, narrativa e documentos alcança níveis que não seriam possibilitados individualmente. A triangulação das técnicas favorece, sobretudo, dois aspectos: a multiplicidade de perspectiva e os aspectos relacionais. A **multiplicidade de perspectivas** (Lune & Berg, 2017) possibilita aos pesquisadores uma construção baseada em diferentes pontos de vista, perpassando indivíduo, organizações e contexto, formando uma lente múltipla. Nos **aspectos relacionais**, a utilização conjunta permite pontos de interlocução entre elementos centrais das estratégias. Assim, o cruzamento de perspectivas somado às conexões entre elementos de análise possibilita a visualização de um cenário amplo e profundo.

Também buscamos contrapor os posicionamentos que questionam a relevância de estudos qualitativos e sua capacidade de mostrar resultados à sociedade (Aspers & Corte, 2019; Bratich, 2018). A reunião entre as contribuições da abordagem metodológica e das técnicas de

pesquisa, somadas às reflexões de como as categorias podem auxiliar as investigações e o universo microempreendedor, sublinha a significância e os caminhos que podem trazer valor em termos práticos.

Além disso, reforçamos o posicionamento de que a representatividade dos dados não reside apenas no número de casos de uma amostra. A quantidade de participantes é apenas um dado dentre todas as esferas que envolvem um percurso qualitativo. Agregam-se ao número de pessoas, horas de observação dos participantes e de seus ambientes físicos de trabalho, registros em diários de campo e leituras de documentos, que levam a um quantitativo de dados e de representatividade de natureza qualitativa, bastante distinta das de caráter quantitativo (Rubin, 2021).

Do ponto de vista do conceito de empreendedorismo e do MEI, colocamos em discussão lentes que tratam o microempreendedorismo a partir de visualizações dominantes e representações homogêneas. Assim, nossa proposta teórica e metodológica busca auxiliar na direção de desafiar *mainstreams* estabelecidos no campo do empreendedorismo, vinculados à noção de agência, espírito empreendedor e realização pessoal, ou traços atrelados ao campo do MEI, como inovação, tecnologia, crescimento e flexibilidade (Alvesson & Sandberg, 2013; Ciccarino et al., 2019; Salgado, 2021; Wissmann, 2021).

Acrescentando contrastes e ampliando olhares sobre esses trabalhadores, as incursões científicas têm a possibilidade de construir efeitos significativos performativos. Partindo dos esforços acadêmicos, o fortalecimento de uma vertente qualitativa no campo dos MEIs, em um sentido de construção de resultados sólidos de pesquisa, permitiria que a comunidade científica visualizasse a importância da aproximação entre pesquisadores e MEIs. Isso poderia incentivar outras incursões na mesma direção, provocando a criação de um retrato denso do universo microempreendedor no Brasil.

Na medida em que as pesquisas aprofundem os conhecimentos de determinadas realidades, apresentando as especificidades de grupos ou contextos dos MEIs, é permitido aos agentes públicos avançarem para além das ações horizontais e homogêneas direcionadas aos mesmos. Dessa forma, poderiam fundar práticas que considerem os traços particulares dessas categorias populacionais ou seus cenários sociais distintivos (Hammes & Silveira, 2015; Nogueira, 2019), representando uma implicação prática deste estudo.

Os efeitos interativos entre academia e esfera pública ainda podem reverberar em contribuições relacionadas aos discursos produzidos pela mídia. Os resultados podem sustentar retratos discursivos na contramão das atuais representações sobre o microempreendedorismo,

elaboradas com base em visualizações homogêneas ou dominantes (Wissmann, 2021), constituindo outra contribuição deste estudo.

Todo esse cenário resulta em uma construção científica próxima do trabalhador, ciente de suas particularidades, imersa em suas práticas e inserida em seu local de atuação. Por estes motivos, acredita-se que a elaboração de pesquisas que partam do contexto e da proximidade dos MEIs favorece a investigação da realidade, do cotidiano, das vivências, dos problemas e dos desafios, possibilitando o encontro de pontos fundamentais para o avanço científico e prático desse campo.

Referências

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: Sage Ltda. <https://www.doi.org/10.4135/9781446270035>
- Ana, W. P. S., & Lemos, G. C. (2018). Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 4(12). Recuperado de <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RECEI/article/view/1710>
- Aspers, P., & Corte, U. (2019). What is qualitative in qualitative research. *Qualitative sociology*, 42(2), 139-160. <https://doi.org/10.1007/s11133-019-9413-7>
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (15a ed.) Editora Vozes Limitada.
- Benatti, L. N., da Silva, E. E., & Prearo, L. C. (2021). Microempreendedores individuais e o desenvolvimento econômico nos municípios paulistas de 2010 a 2014. *Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business. Early View* <https://doi.org/10.14211/regepe.e1676>
- Bratich, J. (2018). Observation in a surveilled world. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 911-945). London: Sage.
- Brodsky, A. E. (2008). Fieldnotes. In L. M. Given (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 341-342). London: Sage.
- Campanha, L. J., Lorenzo, H. C. de, Fonseca, S. A., & Paulillo, L. F. D. O e. (2017). Formulação e implementação, convergências e desvios: facetas da política pública do MicroEmpreendedor Individual (MEI) no plano local. *Gestão & Produção*, 24, 582-594. <https://doi.org/10.1590/0104-530X3896-16>
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Chase, S. E. (2018). Narrative inquiry: Toward theoretical and methodological maturity. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 946-970). London: Sage.

- Ciccarino, I., Teixeira, A. C. C., & Moraes, A. (2019). Um ensaio sobre a ineficácia da política pública vinculada ao Microempreendedor Individual [MEI]. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 7(2), 1-14. <https://doi.org/10.32888/cge.v7i2.28966>
- Colbari, A. de L. (2015). Do Autoemprego ao Microempreendedorismo Individual: desafios conceituais e empíricos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4(1), 165-189. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v4i1.10909>
- Corbetta, P. (2003). The use of documents. In P. Corbetta (Ed.), *Social Research: Theory Methods and Techniques* (pp. 287-309). London: Sage.
- Costa, C. L., Oliveira, J. P., & Cavas, I. (2021). Investigação biográfica e análise com software: cooperação, empoderamento, (des)envolvimento. *Práxis Educacional*, 17(44), 1-22. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i44.8021>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 29-71). London: Sage.
- Fanton, M. (2011). Sujeito, sociedade e linguagem: uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 11(3), 529-543. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2011.3.10064>
- Fielding, N. G., Lee, R. M., & Blank, G. (Eds.). (2017). *The Sage Handbook of Online Research Methods* (2a ed.). London: Sage.
- Gorsky, M., & Mold, A. (2020). Documentary analysis. In C. Pope & N. Mays, *Qualitative research in health care* (4a ed., pp. 83-96). John Wiley & Sons Ltd.
- Grant, A. (2019). *Doing excellent social research with documents: Practical examples and guidance for qualitative researchers*. New York: Routledge.
- Hammes, E. D., & Silveira, R. L. L. da. (2015). O microempreendedor individual (MEI) e o desenvolvimento territorial: uma análise da importância da legislação em diferentes escalas para efetivação da política pública. *Revista do Desenvolvimento Regional*, 12(2). <https://doi.org/10.26767/coloquio.v12i2.317>
- Hewson, C. (2017). Research design and tools for internet research. In N. G. Fielding, R. M. Lee, & G. Blank (Eds.), *The Sage Handbook of Online Research Methods* (2a ed., pp. 57-75). London: Sage.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2008). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed., pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Lee, G., & Cochran, L. (1997). Becoming Self-Employed. *The Career Development Quarterly*, 46(1), 98-108. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.1997.tb00695.x>
- Lopes, L. L. S., & Ipiranga, A. S. R. (2021). Etnografando Arquivos Históricos: Caminhos Possíveis para Pesquisas em Estudos Organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 28(96), 35-53. <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9602PT>

- Lune, H., & Berg, B. L. (2017). *Qualitative research methods for the social sciences*. (9a ed.). Pearson.
- Marietto, M. L. (2018). Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 17(4), 5-18. <https://doi.org/10.5585/ijsm.v17i4.2717>
- Marroni, M. D. G. (2017). ¿“Dar voz al Otro”? Los métodos biográficos y las narrativas de los migrantes: un debate ejemplar en ciencias sociales. *Tla-melaua*, 10(41), 202-221. <http://dx.doi.org/10.32399/rtla.10.41.214>
- McKechnie, L. E. F. (2008). Observational research. In L. M. Given (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 573-575). London: Sage.
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320-332.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Mills, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. New York: Oxford Univ. Press.
- Minayo, M. C. D. S., & Costa, A. P. (2019). *Técnicas que fazem o uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação*. Aveiro: Ludomedia.
- Nassaji, H. (2020). Good qualitative research. *Language Teaching Research*, 24(4), 427-431. <https://doi.org/10.1177/1362168820941288>
- Nogueira, M. O. (2019). *Um Pirilampo no porão: um pouco de luz nos dilemas da produtividade das pequenas empresas e da informalidade no país* (2a Ed.). Brasília: IPEA.
- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>
- Petriglieri, G., Ashford, S. J., & Wrzesniewski, A. (2019). Agony and ecstasy in the gig economy: Cultivating holding environments for precarious and personalized work identities. *Administrative Science Quarterly*, 64(1), 124-170. <https://doi.org/10.1177/0001839218759646>
- Portal do Empreendedor. (2024). *Estatísticas*. Brasília. Recuperado de <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.
- Prior, L. (2016). Using documents in social research. In: D. Silverman. *Qualitative research*, 171-185. Sage Publications Ltd.
- Riessman, C. K. (2012). Analysis of personal narratives. In J. F. Gubrium, J. A. Holstein, A. B. Marvasti, & K. D. McKinney (Eds.), *The Sage Handbook of Interview Research: The complexity of the craft* (pp. 367-379). Los Angeles: Sage.
- Rossi, R. (2018). Traduzir ou aplicar: as técnicas de pesquisa como fim ou meio?. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, (10), 60-70.

- Rubin, A. T. (2021). *Rocking qualitative social science: An irreverent guide to rigorous research*. Stanford University Press.
- Sabino, G. T. (2010). Empreendedorismo: reflexões críticas sobre o conceito no Brasil. *Anais do Seminário do Trabalho*, 7, 1-16.
- Salgado, J. (2021). Microempreendedor individual e a noção de cidadania empresarial. *Revista Mídia e Cotidiano*, 15(1), 192-212. <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i1.46319>
- Santos, F. P., & Davel, E. P. B. (2021). Métodos biográficos para a pesquisa em Administração: princípios, potencialidades, práticas e desafios. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, 27(2), 430-461. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.320.103048>
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15.
- Schütze, F. (1983). Biographieforschung und narratives Interview. *Neue Praxis*, 13(3), 283-293.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/013_0319_APRE_MEI_v15_principais-resultados-inicio.pdf
- Souza, M. M., & Borges, L. de O. (2020). Salão parceiro na prática: submissão ou autonomia?. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218817>
- Tight, M. (2019). *Documentary research in the social sciences*. Sage Publications Ltd. <https://dx.doi.org/10.4135/9781529716559>
- Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>
- Vogt, S., Bulgacov, Y. L. M., & Elias, S. R. (2021). Entrepreneurial learning among practices: aesthetic and sensible knowledge in the life trajectory of entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-04-2020-0204>
- Wissmann, A. D. M. (2021). Desconstrução e Discursos sobre a Figura do Microempreendedor Individual (MEI). *Pretexto*, 22(4), 96-106.
- Wissmann, A. D. M., & Leal, A. P. (2018). Experiências de Microempreendedorismo Individual (MEI) na ótica das Relações de Trabalho no Município de Rio Grande-RS. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 3(2), 5-19.

ARTIGO 3

AS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA NA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO

CAREER CONSTRUCTIONS IN THE TRANSITION FROM FORMAL EMPLOYMENT TO MICRO ENTREPRENEURSHIP

Alexandre Dal Molin Wissmann
Lisiane Quadrado Closs

Resumo

Nosso trabalho objetivou compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo individual (EF-MEI), exercendo atividades que exigem baixa especialização em uma região urbana periférica. Partindo de uma investigação do microespaço social da pesquisa e do seu contexto ampliado, analisamos as carreiras dos participantes fazendo uma analogia dessa trajetória como uma viagem, contemplando seus elementos objetivos e subjetivos, bem como as interações existentes ao longo destes itinerários. Adotamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa básica, utilizando três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevistas narrativas. Participaram do estudo seis Microempreendedores Individuais (MEIs) que atuam em regiões urbanas periféricas, no interior do Rio Grande do Sul, em atividades com baixa especialização. Os achados descortinaram trajetórias semelhantes entre os MEIs, envolvendo, sobretudo, aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos relacionais de suporte e a ausência de planejamento nessa mudança de posição laboral. Evidenciam-se fragilidades no momento de transição, tais como o insucesso na busca por oportunidades de emprego formal antes do ingresso no microempreendedorismo e a velocidade requerida em busca de renda para atender a conjuntura socioeconômica da família. Além disso, como raízes e efeitos da transição EF-MEI, estão incluídos aspectos como o cenário local de trabalho flexível e os dilemas dos participantes equilibrando perspectivas positivas e negativas atreladas à atuação como MEI. Ao mesmo tempo, aspectos como o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores ou a procura de significado, elementos importantes na literatura de carreira, não foram centrais nas transições do EF-MEI, especialmente em razão das frágeis conjunturas socioeconômicas dos participantes. A mala pesada portada pelos trabalhadores dificulta as ações em razão da falta de autonomia e também não permite que eles incluam em seus pertences experiências, habilidades e vivências mais ricas que abram novas perspectivas de futuro profissional.

Palavras-chave: Carreira. Emprego. Empreendedorismo. Microempreendedor Individual. Transição.

Abstract

Our work aimed to understand how the career constructions of people who experienced the transition from formal employment to individual microentrepreneurship (EF-MEI) occur, carrying out activities that require low specialization in a peripheral urban region. Starting

from an investigation of the social microspace of the research and its expanded context, we analyzed the careers of the participants by making an analogy of this trajectory as a journey, contemplating its objective and subjective elements, as well as the interactions that exist along these itineraries. We adopted basic qualitative research as a methodological approach, using three data collection techniques: documentary research, observation and narrative interviews. Six Individual Microentrepreneurs (MEIs) who work in peripheral urban regions, in the interior of Rio Grande do Sul, in activities with low specialization, participated in the study. The findings revealed similar trajectories among the MEIs, involving, above all, aspects related to economic barriers, supportive relational ties and the lack of planning in this change of work position. Weaknesses are evident at the time of transition, such as the failure to search for formal employment opportunities before entering micro-entrepreneurship and the speed required in searching for income to meet the family's socioeconomic situation. Furthermore, as roots and effects of the EF-MEI transition, aspects such as the local flexible work scenario and the participants' dilemmas balancing positive and negative perspectives linked to acting as a MEI are included. At the same time, aspects such as constant development, workers' agency or the search for meaning, important elements in career literature, were not central to EF-MEI transitions, especially due to the participants' fragile socioeconomic circumstances. The heavy suitcase carried by workers makes actions difficult due to the lack of autonomy and also does not allow them to include richer experiences, skills and experiences in their belongings that open up new perspectives for their professional future.

Keywords: Career. Job. Entrepreneurship. Individual Microentrepreneur. Transition.

1 INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea de carreira caracteriza o contexto de trabalho por frequentes movimentações individuais e posiciona essas transições como um traço em evidência em suas diversas concepções (Hirschi, 2018). Em conjunto, temos um mercado de trabalho nacional onde o empreendedorismo ganha força, abraçando grupos de trabalhadores que partem em sua direção (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021). Nesse contexto são comuns as transições de carreira em direção ao empreendedorismo, sobretudo de pessoas advindas de vínculos empregatícios (Burton, Sørensen, & Dobrev, 2016).

Imerso nessa conjuntura está o movimento de transição do emprego formal ao enquadramento jurídico do Microempreendedor Individual (MEI), reconhecido como uma alternativa simplificada e de baixa tributação para pessoas que buscam uma fonte de trabalho e renda (Portal do Empreendedor, 2024). No último relatório divulgado sobre o perfil do MEI, os trabalhadores que tiveram o emprego formal como ocupação anterior ao microempreendedorismo já representavam mais da metade desse conjunto social (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae], 2022).

Do ponto de vista organizacional e econômico, na medida em que a tipologia do MEI possibilita a inclusão social dessas pessoas por meio do enquadramento jurídico e da

regularização (formalização) de suas atividades, permite também o desdobramento de suas relações de trabalho (Ansiliero, Costanzi, & Fernandes, 2020). Em conjunto, a transição do emprego formal ao MEI, transição de carreira denominada a partir de agora pela sigla EF-MEI, está imersa em um quadro de reconfigurações nas práticas de gestão de pessoas e nos modelos produtivos que, de diferentes formas, impactam nas suas experiências e trajetórias (Krein, Abílio, Freitas, Borsari, & Cruz, 2018).

Objetivando adentrar na compreensão desse fenômeno de transição EF-MEI, partimos de uma abordagem teórica e disciplinar integrada, utilizando como base os conceitos de empreendedorismo e carreira. As concepções teóricas adotadas estão fundadas em pressupostos construtivistas que observam indivíduo e contexto em conjunto (Denzin & Lincoln, 2018). Essa concepção de mundo é marcada por diferentes contextos socialmente constituídos, onde estão presentes, em diálogo e em transformação, formas objetivas e interpretações subjetivas (Weber, 1999; Mayrhofer, Meyer, & Steyrer, 2007; Baruch, 2015; Carmo et al., 2021).

Apoiando-nos em tais perspectivas, neste trabalho objetivamos compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo individual, exercendo atividades que exigem baixa especialização em uma região urbana periférica. À vista disso, o estudo parte da investigação da bagagem histórica-contextual ampliada e do microespaço social onde estão localizadas as carreiras dos MEIs, visando analisar a trajetória desses trabalhadores, contemplando seus elementos subjetivos, como as experiências da mudança de atividade e suas interações na carreira, e objetivos, como as características do empreendimento, marcadores temporais e indicadores contextuais.

Refletindo sobre essa mudança na carreira, ao analisarmos as transformações decorrentes da passagem do emprego formal ao empreendedorismo, é possível notar que esta última modalidade de trabalho, embora possibilite maior autonomia, requer maior número de horas trabalhadas, enfraquece as fronteiras entre vida privada e profissional, possui menor proteção social, assim como instabilidade nos rendimentos em relação à ocupação anterior (Rosenfield, 2015).

A individualidade provocada pelo empreendedorismo intensifica os desafios dentro do trabalho (Ashford, Caza, & Reid, 2018). Para o indivíduo, a transição de carreira dispara transformações que ele precisa enfrentar, tais como os elementos que constituem o conteúdo de sua atividade, os novos papéis desempenhados e os relacionamentos necessários para sua ação (Souza & Borges, 2020).

Entendemos que as transições são eventos marcantes na carreira da pessoa e que, no entanto, poucos são os estudos que investigam a transição entre ocupações identificando os processos de ajuste do indivíduo integrando a uma análise contextual (Brown, 2015; Chudzikowski et al., 2009), sobretudo em conjuntos sociais distantes dos tradicionalmente analisados (Briscoe et al., 2018), como é o caso dos MEIs.

O trabalho também tem como intuito oferecer uma perspectiva alternativa sobre a noção de agência que predomina em grande parte dos modelos contemporâneos de carreira (Rummel, Akkermans, Blokker, & Van Gelderen, 2019). Tais propostas consideram o indivíduo como capaz de gerenciar sua trajetória e também colocam sob a sua responsabilidade os resultados decorrentes de suas ações (Hall, Yip, & Doiron, 2018). Sob essa ótica, o indivíduo seria capaz de flutuar em diferentes espaços e optar por diversos caminhos em sua vida (Duarte, Machado, & Silva, 2018).

O presente trabalho questiona essa posição ao direcionar a análise para grupos que se localizam em estratos econômicos inferiores, o que muitas vezes faz com que sua ação, por si só, não contenha força suficiente para promover mudanças ou direcionamentos profissionais esperados. Por esse caminho, buscamos suprir uma lacuna no que tange à investigação das construções de carreira, sobretudo na transição EF-MEI, envolvendo configurações não tradicionais de trabalho e grupos subrepresentados nos debates acadêmicos (da Silva, da Silva Junior, Paz, & Laurentino, 2023), procurando alternativas à tradicional noção de agência e integrando uma análise contextual ao cenário de trabalho da pessoa.

Para alcançar nosso objetivo, estruturamos o trabalho em sete partes: o primeiro capítulo corresponde à introdução; o segundo se dedica à discussão do quadro teórico de carreira e empreendedorismo; a transição EF-MEI é explorada no terceiro capítulo; o percurso metodológico do estudo é o tema do quarto capítulo; o quinto apresenta as construções de carreira dos MEIs; o sexto capítulo analisa os achados da pesquisa; e, por fim, o sétimo exhibe as conclusões do trabalho.

2 CARREIRA E EMPREENDEDORISMO

A concepção de carreira empregada em nossa investigação é sustentada a partir de uma perspectiva de ecossistema de carreira, onde há um entendimento de que as trajetórias dos indivíduos estão localizadas em um ambiente influenciado por diferentes atores e em constante influência mútua (Baruch, 2015; Tran, Baruch, & Bui, 2019). A partir de seu traço processual, histórico e contextual, essa concepção possibilita observar a construção da trajetória de uma

pessoa em um quadro amplo, envolvendo pessoas, grupos, organizações e sociedade (Hughes, 1958; Mayrhofer et al., 2007; Savickas et al., 2009).

A visão temporal nos permite observar diferentes retratos relacionados ao objeto de investigação, bem como suas transformações ao longo do tempo (Hughes, 1937). Já o caráter relacional proporciona que todos os níveis de análise mencionados anteriormente, assim como os elementos presentes em nossa discussão sejam articulados (Arthur, Hall, & Lawrence, 1989). Ademais, abrem-se caminhos para a associação entre elementos objetivos das carreiras dos MEIs, tais como as características individuais e do empreendimento, marcadores temporais e indicadores contextuais, e subjetivos, onde estão as interpretações pessoais, experiências da mudança de atividade e as relações sociais existentes na trajetória dos indivíduos (Baruch, 2015; Moore, Gunz, & Hall, 2007).

Por fim, o olhar contextual permite verificar o papel das estruturas sobre as ações, comportamentos e experiências dos trabalhadores (Gunz & Mayrhofer, 2015; Souza & Lemos, 2020). Dessa maneira, temos a oportunidade de identificar padrões de carreira, bem como suas barreiras ou promotores subjetivos, econômicos ou sociais. O contexto localiza a análise da transição EF-MEI, contemplando o contexto ampliado (cenário macro), onde se encontram as matérias que possuem maior amplitude (aspectos econômicos, sociais e legais), e os microespaços, onde estão os cenários sociais por onde passa a vida do indivíduo (comunidade, bairro, espaços de trabalho, empreendimento ou residência). O olhar contextual ainda possibilita reconhecer trajetórias individuais ou padrões de carreira de um grupo que, por sua vez, podem retratar fenômenos sociais e políticos relacionados ao movimento do EF-MEI (Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011).

A perspectiva de ecossistema de carreira ainda nos permite analisar elementos tais como a noção de agência, a mobilidade das trajetórias, a realização pessoal e o desenvolvimento profissional dos trabalhadores (Vaclavik, Rocha-de-Oliveira, & Oltramari, 2021; Moore et al., 2007).

O quadro conceitual de empreendedorismo adotado neste trabalho, por sua vez, parte de uma vertente teórica sociológica (Gartner, 1985; Weber, 1999). Sob essa concepção, entende-se que, além de aspectos individuais do MEI, estão presentes fatores que influenciam o processo empreendedor, como a visão organizacional e contextual do estudo, incluindo a bagagem histórica do espaço onde transcorre a vida dos empreendedores, oferecendo um olhar ampliado sobre o fenômeno.

A vertente sociológica do empreendedorismo, ao passo que abriga o microempreendedorismo em seu guarda-chuva conceitual, abre portas para uma visão

interdisciplinar do fenômeno em estudo (Vale, 2014), contemplando traços psicológicos, demográficos, econômicos e organizacionais (Cuervo, Ribeiro, & Roig, 2007). Também nos oportuniza a aproximação dos níveis individual, organizacional e contextual (Dyer, 1995; Low & MacMillan, 2007), favorecendo o olhar à complementaridade das dinâmicas que envolvem a transição EF-MEI.

Os quadros teóricos de carreira e empreendedorismo adotados no estudo são sustentados por pilares com elementos comuns, tais como tempo, contexto (microespaços e contexto ampliado), indivíduo e relações sociais (Baruch, 2015; Carmo et al., 2021; Weber, 1999). A interlocução dos mesmos contribui para o estudo de fenômenos de diferentes naturezas, incluindo as construções de carreira de indivíduos que experienciaram a transição EF-MEI. A Figura 1 apresenta o quadro teórico, percorrendo os pontos conceituais de partida até os conteúdos na transição EF-MEI.

Figura 1

Quadro teórico

Pontos teóricos de partida	Elementos em comum das bases teóricas	Conteúdos na transição EF-MEI
Concepção de ecossistema de carreira e vertente sociológica do empreendedorismo	Tempo	Observação histórica e temporal; barreiras ou promotores do processo empreendedor; e projeções futuras de carreira.
	Contexto	Contexto ampliado (aspectos socioeconômicos, legais e políticos); microespaço social (ambiente de trabalho, moradia e bairro); organizações e instituições; e características físicas/estéticas dos espaços.
	Indivíduo	Características de perfil; interpretações subjetivas; atividades no trabalho; mobilidade das trajetórias; agência; desenvolvimento constante; e realização pessoal.
	Relações sociais	Relações sociais, especialmente as de trabalho; vínculos de suporte; comunidade; e coletividades.

Articular a conjunção destas duas concepções teóricas nos permite uma investigação histórica, temporal, contextualizada e em diferentes níveis de análise (individual, organizacional e contextual). Somado a isso, temos uma perspectiva relacional entre aspectos objetivos e subjetivos, além de uma integração entre os diferentes atores que fazem parte da carreira do MEI, oportunizando a investigação das relações sociais estabelecidas na carreira.

3 A TRANSIÇÃO DE CARREIRA DO EMPREGO FORMAL PARA O MEI

As transições de carreira podem ser representadas por mudanças dentro de uma organização, entre organizações, entre ocupações ou entre campos profissionais (Sullivan & Baruch, 2009). Também podem ser vistas como movimentos que geram descontinuidades ou interrupções na trajetória do indivíduo, criando processos de ajustes e novas experiências (Baruch & Quick, 2007).

Como elementos relevantes à observação de transições estão: características individuais dos trabalhadores, histórico de sua trajetória, estrutura socioeconômica familiar, vínculos relacionais de suporte, percepções sobre a posição laboral passada e a atual, experiências vivenciadas e projeções futuras da carreira (Latack & Dozier, 1986; Burton et al., 2016). Além disso, o contexto ampliado e sua bagagem histórica também são elementos importantes às investigações das transições de carreira (Briscoe et al., 2018).

Neste momento, em razão disso, direcionamos nossa atenção ao fenômeno de estudo, destacando alguns aspectos do passado e do presente, em termos políticos, jurídicos e socioeconômicos, relacionados ao empreendedorismo no Brasil e também ao nível local, ligados ao território onde a pesquisa foi conduzida.

Desde a década de 1990, as políticas públicas brasileiras desenvolvem iniciativas que promovem o empreendedorismo, principalmente com o objetivo de reduzir o desemprego no país (Silva, Paiuca, & Schmidt, 2020). Resgatando tais ações, temos programas de crédito, desburocratização de instrumentos legais para a criação de negócios, programas de formação de habilidades empreendedoras e ações de mídia elevando o status da figura do empreendedor (Colbari, 2015; Ansiliero et al., 2020; Wissmann, 2021).

Em paralelo, esforços jurídicos foram feitos no sentido de minimizar o papel do Estado e aumentar o poder dos agentes (organizações e trabalhadores) para que eles próprios estabeleçam as condições de suas relações de trabalho (Campanha, Lorenzo, Fonseca, & Paulillo, 2017). Em decorrência, há um cenário de maior flexibilização das relações de trabalho e o surgimento de novas dinâmicas neste contexto. Como exemplos, podemos citar as formas precárias de contratação e as relações de emprego disfarçadas, especialmente através de contratos especiais e pejotização (Krein et al., 2018).

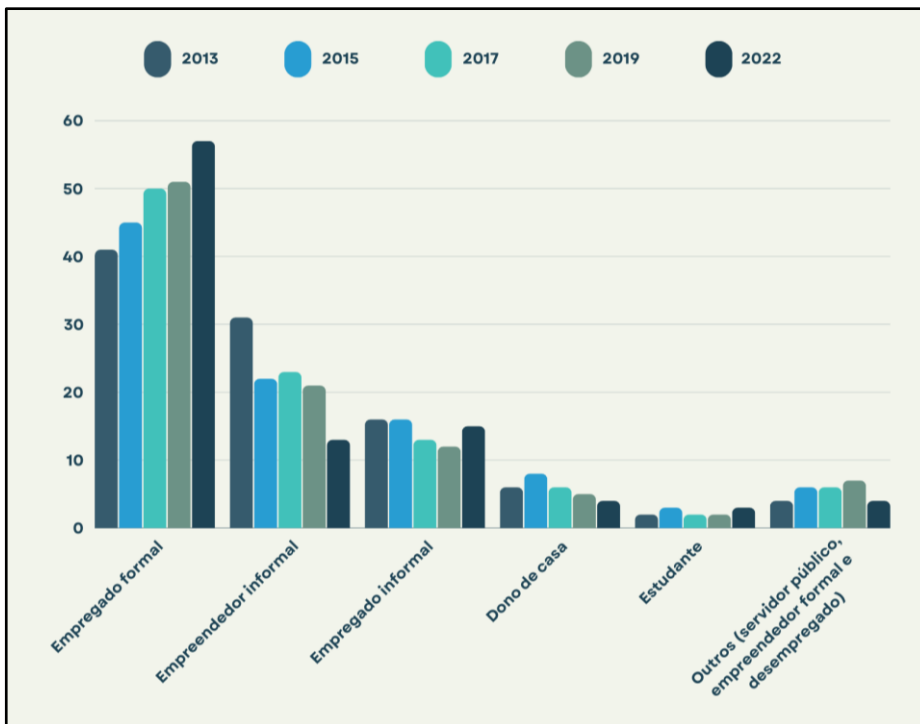
Inseridos nestas dinâmicas, estão o enquadramento do MEI e o movimento do EF-MEI. Os relatórios do Sebrae (2019a, 2022) oferecem traços dos microempreendedores: pessoas que criaram sua empresa buscando independência ou uma fonte de renda; não possuem o conhecimento necessário para a organização do negócio; a maior parte tem o ensino médio

completo; localizam-se em estratos econômicos inferiores, com renda per capita familiar de até um salário mínimo; e trabalham em sua residência.

Também é possível notar que o enquadramento absorve um conjunto de trabalhadores advindos de diversas modalidades: empregado formal e informal, empreendedor formal e informal, dono de casa, servidor público e estudante (Sebrae, 2022). A Figura 2 apresenta uma série histórica entre 2013 e 2022 das ocupações anteriores dos trabalhadores registrados como MEI.

Figura 2

Taxa das ocupações anteriores ao registro como MEI



Nota. Adaptado de Sebrae (2016, 2019a, 2022).

Observamos que o emprego formal é a modalidade de onde deriva o maior número de trabalhadores ao registro. Além da sua representatividade, chama atenção que o crescimento do número anual de trabalhadores oriundos do emprego formal, a cada relatório, em média, cresceu cinco pontos percentuais. No último levantamento, esse grupo representava mais da metade das pessoas que se registraram (57%) como MEI, indicando um movimento crescente e significativo.

Diferentemente do microempreendedorismo, o emprego formal ou a relação de emprego caracteriza-se pelos seguintes elementos: pessoalidade, podendo ser feito apenas por uma pessoa física; não eventualidade; dependência ou subordinação, onde há critérios de trabalho

estabelecidos pelo empregador e sob sua direção; e onerosidade, estabelecendo um preço para o serviço (Rosenfiled, 2015).

Objetivando adentrar nas características deste fenômeno situando-o em termos territoriais, aproximamos nossa lente do campo de pesquisa, a cidade de Santa Cruz do Sul (RS). As justificativas para a escolha desse município estão atreladas às suas características históricas, produtivas e do mercado de trabalho, sobretudo quando observamos a relação entre emprego e empreendedorismo.

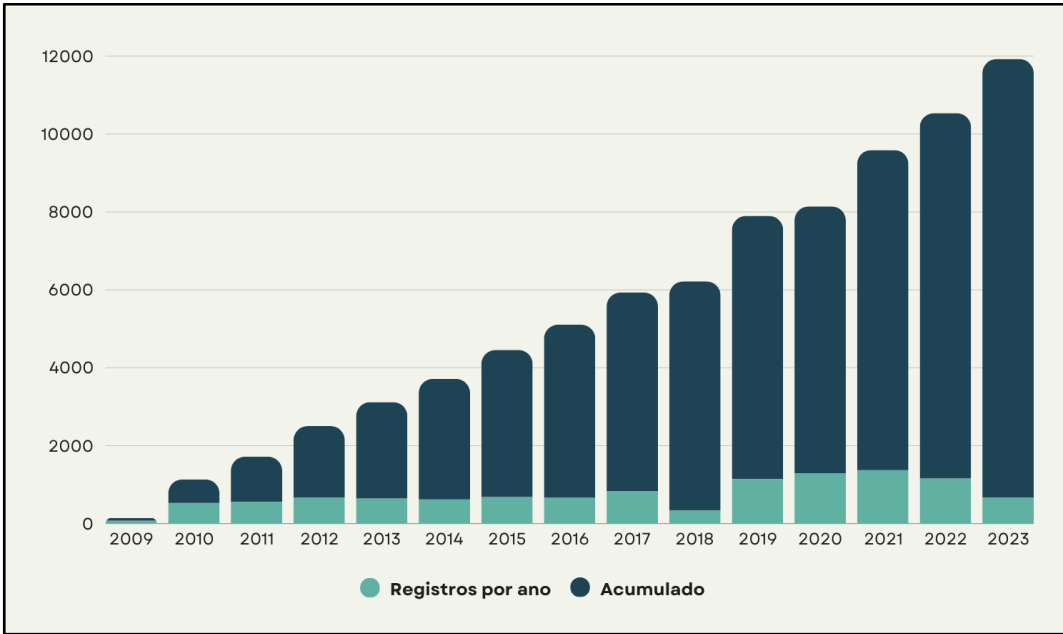
O município está localizado na região central do Rio Grande do Sul e possui cerca de 130 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022). Devido à colonização alemã, a cidade traz características socioculturais como um grande contingente de pessoas brancas e um discurso que coloca a cultura germânica como pilar de sustentação de uma ética de valorização do trabalho e também do desenvolvimento econômico da região (da Silva & Weschenfelder, 2010).

Tracionada pelo grande número de indústrias e comércio varejista sólido, a cidade possui uma quantidade de vagas de emprego elevada (Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul - Fecomércio [Fecomércio], 2022). Como particularidade, Santa Cruz do Sul traz um histórico vínculo com a produção do tabaco e a atual presença de grupos multinacionais que desenham dinâmicas próprias para o mercado de trabalho da região. Dentre elas, estão a sazonalidade dos empregos, onde alguns trabalhadores permanecem com vínculo empregatício apenas durante seis meses do ano e nos demais meses dependem de outras atividades para a manutenção de sua renda (Cadoná, 2017).

Alinhado com as políticas neoliberais das últimas décadas, o mercado de trabalho do município carrega atributos como relações de trabalho flexíveis, formas inseguras de emprego e crescimento do empreendedorismo (Cadoná, 2017). Acompanhando o cenário nacional, Santa Cruz do Sul possui um crescimento do número de MEIs. A Figura 3 apresenta a série histórica referente ao quantitativo de microempreendedores registrados de 2009 até 2023 nesta cidade e aponta o total acumulado durante o período, totalizando 11.252 MEIs ao final desse período.

Figura 3

Série histórica do número de MEIs em Santa Cruz do Sul



Nota. Adaptado de Portal do Empreendedor (2024).

A cidade, em 2024, já possuía mais de 11 mil registros de MEIs. Considerando a população ativa do município, este grupo já representava 12% dos seus trabalhadores (Sebrae, 2019b; Portal do Empreendedor, 2024). Os números mostram a representatividade deste conjunto social e apontam para uma perspectiva cada vez maior de relevância para esse grupo ao nível municipal.

4 METODOLOGIA

Em nosso trajeto metodológico adotamos como estratégia a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 2009), que nos possibilitou percorrer trajetórias distintas em busca de fontes de informação que se complementassem. Como base do estudo, realizamos uma pesquisa exploratória, onde recolhemos dados de fontes secundárias acerca dos tópicos explorados na fundamentação teórica: carreira e empreendedorismo e o movimento do EF-MEI. Em conjunto, contemplamos um resgate histórico de características produtivas e do mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul, local onde as trajetórias dos participantes se desenvolveram, visando o posterior entrelaçamento entre tempo e espaço nas carreiras.

Na sequência, iniciamos a etapa de campo, que teve uma duração de seis meses, desde a aproximação aos espaços urbanos até o último contato com os participantes. Nosso primeiro passo foi identificar espaços urbanos onde os MEIs poderiam ser encontrados. Para isso, percorremos regiões periféricas no município, especialmente ruas onde havia trânsito intenso

de pessoas e veículos e, por consequência, maior probabilidade da existência de pequenos empreendimentos comerciais e de serviços.

Buscando uma segmentação territorial, definimos três zonas comerciais com quantidade significativa de negócios. A seguir, iniciamos a etapa de identificação dos participantes, visitando empreendimentos nessas regiões a fim de localizar MEIs circunscritos a estratos econômicos inferiores e oriundos de uma relação empregatícia formal, atendendo aos requisitos da pesquisa.

Ainda como pré-requisito para participação no estudo, definimos um mínimo de 18 meses ou mais de atuação como MEI, a fim de que o participante tivesse um tempo mínimo de experiências na posição de microempreendedor. Ademais, estabelecemos como faixa etária pessoas entre 30 e 49 anos, em função de, possivelmente, já terem trajetórias profissionais de duração significativa e uma perspectiva ainda longa de atuação no mercado de trabalho, pontos importantes para a análise do passado e do futuro na carreira.

Definimos também duas áreas de atividades de trabalho: comércio varejista e serviços de manutenção de veículos. A escolha deu-se em razão do maior número de trabalhadores identificados atuando nestas ocupações na fase de prospecção dos MEIs. A definição por duas áreas de atividade oferece condições de traçar paralelos e verificar pontos compartilhados em áreas de trabalho distintas, reconhecendo aspectos que podem ser coletivos ao conjunto social.

Após a identificação de cada MEI, realizamos a sensibilização para a participação na pesquisa apresentando o propósito e a dinâmica de realização do estudo. Aqueles que aceitaram participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A seguir, organizou-se um cronograma de encontros, tendo em vista a frequência de contatos necessária à pesquisa. Esta etapa de trabalho de campo teve inspiração em estudos etnográficos, havendo uma aproximação das pessoas e de seu cotidiano, a observação direta, a presença regular em situações ordinárias vividas e o reconhecimento das suas diversidades e singularidades (Ferraço, 2007; Rocha & Eckert, 2008). Isso permitiu a construção de um nível de confiança favorável a um relacionamento aberto e amigável com os MEIs (Minayo & Costa, 2019).

Tivemos a participação de seis MEIs, três deles eram proprietários de estabelecimentos varejistas, comercializando roupas, brinquedos e eletrônicos, e os outros três eram prestadores de serviços automotivos, tendo a lavagem de veículos como principal atividade. A Tabela 1 detalha os traços socioeconômicos, de formação, trajetória e ocupação dos MEIs.

Tabela 1

MEIs participantes da pesquisa

Participante	1	2	3	4	5	6
Sexo	Mulher	Mulher	Homem	Homem	Homem	Homem
Idade	31	38	40	40	47	49
Raça	Branca	Branca	Parda	Branca	Negro	Branco
Estado civil	Casada	Solteira	Casado	Casado	Casado	Casado
Filhos	2	2	2	1	1	1
Escolaridade	Médio completo	Fundamental incompleto	Médio incompleto	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Fundamental completo
Tempo como MEI	20 meses	24 meses	18 meses	60 meses	36 meses	48 meses
Ramo	Comércio varejista	Comércio varejista	Comércio varejista	Serviços automotivos	Serviços automotivos	Serviços automotivos
Faturamento bruto mensal	2 mil	1 mil	6 mil	3 mil	2 mil	3 mil
Local do negócio	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa
Funcionários	Não	Não	Sociedade com esposa e filho sob demanda	Sobrinho sob demanda	Filho sob demanda	Não

Em relação às técnicas de coleta de dados, utilizamos três ações que formam a base da pesquisa qualitativa: ler, referindo ao uso de documentos; observar, por meio da técnica da observação; e perguntar, remetendo às narrativas (Corbetta, 2003).

A pesquisa documental consiste em buscar informações, interpretações e dinâmicas sobre um assunto em diferentes materiais. A técnica tem particular importância na pesquisa de fenômenos em andamento e que já se estendem por significativos períodos de tempo (Tight, 2019). A pesquisa documental envolveu duas categorias de documentos: pessoais e institucionais. A primeira categoria teve como fontes atividades em redes sociais, em páginas digitais e arquivos de trabalho (registros administrativos e jurídicos); a segunda abarcou documentos jurídicos, de órgãos governamentais e não governamentais, além de arquivos de mídia. Para a análise documental, realizamos a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos registros (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009).

A técnica de observação (McKechnie, 2008), permitiu a construção de significados, e o reconhecimento de subjetividades na interação entre o pesquisador e os participantes, auxiliando a compreensão profunda do fenômeno investigado, estando presente desde o primeiro contato com os participantes.

Como forma de registro e organização dos seus conteúdos utilizamos o diário de campo. Ao longo de 54 horas de observação junto aos MEIs foram registrados 18 diários. Como estratégia de organização dos diários, utilizamos a ordenação cronológica e temática dos conteúdos. A análise destes materiais avançou a partir das temáticas estabelecidas e apoiada

nas características retroativa e cíclica, ou seja, na medida em que as reflexões teóricas avançavam, a análise retornava aos dados coletados e os reexaminava a partir de uma nova perspectiva (Corbetta, 2003).

Já as entrevistas narrativas tiveram, cada uma, a duração média de 120 minutos, contemplando a narração central e a subsequente conversa. O estudo das narrativas ilumina a interseção entre biografia, história e sociedade (Mills, 1959). A narratividade faz emergir o passado das pessoas, contribui com a construção histórica dos fenômenos sociais, auxilia na compreensão da realidade contemporânea e oferece pistas para projetar o futuro.

Após a transcrição das entrevistas procedemos uma análise individual de cada narrativa, onde foram contemplados aspectos temáticos para, posteriormente, realizar a integração analítica entre os relatos e também a socialização da análise dentro do espaço de investigação (Jovchelovitch & Bauer, 2008).

Por fim, vale destacar que nossa trajetória seguiu um caráter orgânico, dinâmico e processual da abordagem qualitativa (Alvesson & Sandberg, 2013), onde os processos de pesquisa foram se sobrepondo ao longo do roteiro metodológico.

5 CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS MICROEMPREENDEDORES

Analisar a carreira dos MEIs é como observar uma viagem, onde o trabalhador, através de suas vivências, preenche sua bagagem de acordo com seu itinerário e experiências. A composição da mala está relacionada aos espaços percorridos, às pessoas que integram a história vivenciada e a como o viajante interpreta suas experiências. De formas distintas, os utensílios da bagagem atuam sobre os passos seguintes da caminhada e os destinos do roteiro. Seguindo essa analogia, na sequência apresentamos os achados de pesquisa e analisamos as construções de carreira dos microempreendedores.

5.1 Origens e adolescência: os primeiros utensílios da viagem

Para analisarmos os primeiros itens das bagagens, iniciamos nossa exploração olhando para as origens dos MEIs (Souza & Lemos, 2020). Os dados revelam um passado onde as famílias destes trabalhadores eram de baixa renda, compostas por, no mínimo, três filhos e com uma baixa formação escolar dos pais, que possuíam, geralmente, o ensino fundamental incompleto.

Comecei a trabalhar com 10, 12 anos, fazer algo pra juntar uma graninha, cortar a grama do vizinho, pra ajudar a família. Desde pequeno trabalhando, carregando lenha. A família era muito pobre, minhas duas irmãs foram pegadas para morar com os tios pela pobreza da família (Participante 5).

Ao observarmos suas adolescências, foi comum o trabalho antes da maioridade, geralmente ligadas à necessidade de ampliar a renda familiar. Tal cenário direcionou os jovens a relações de trabalho informais e sob demanda, em atividades manuais e de baixa complexidade, tais como a capina de terrenos e o trabalho na lavoura.

Quanto à formação educacional dos MEIs, além da inexistência do ensino superior ou curso técnico, chama a atenção as interrupções dos estudos ao longo do ensino fundamental ou médio. As trilhas escolares, cursadas em escolas públicas e rurais, foram marcadas por hiatos entre anos estudantis, geralmente decorrentes de exigências de trabalho. Os retornos à escola foram por curtos períodos – cerca de um ou dois anos – até os participantes se afastarem em definitivo dos estudos.

5.2 Maioridade e percurso profissional: as interações durante o itinerário

Tal qual o viajante, que interage e leva *souvenirs* dos locais de seu itinerário, o trabalhador leva consigo subjetividades, transforma e se transforma a partir dos espaços perpassados. Por meio do enfoque ao ecossistema de carreira, envolvendo os micro cenários e o contexto ampliado, examinamos a interação entre participante, ambientes e instituições, bem como verificamos efeitos produzidos na carreira durante seu percurso profissional antes do ingresso no microempreendedorismo (Baruch, 2015; Hughes, 1937; Mayrhofer et al., 2007).

Diferentemente dos trabalhos informais experienciados na adolescência dos participantes, na maioridade, houve uma predominância dos vínculos formais de trabalho, embora algumas atividades informais pudessem ser identificadas.

Neste vínculo laboral, os trabalhadores exerciam cargos operacionais e desempenhavam papéis de auxiliares em funções de maior complexidade, tais como atendente, auxiliar de mecânico e operador(a) de linhas fabris. Além da alta intensidade de energia física requerida nestas tarefas, podemos citar como características dos vínculos estabelecidos com os empregadores, os baixos salários, raros benefícios e carga horária elevada.

Rotina pesada, morava longe do trabalho, dormia 4 horas por noite. Sentia que era trabalho escravo, mãos sangrando, produtos químicos na linha (de produção), ficava

doente... A gente pegava às 7, saía meio dia, voltava uma (hora) e ficava até às seis (horas) da tarde (Participante 2).

O número de empregos anteriores a tornarem-se MEI é outro aspecto relevante. Se excluídas as atividades informais e que antecedem a maioria, cada um dos participantes trabalhou em, no mínimo, 6 empresas, sendo a média de permanência em cada local de 3 anos.

Com base nas memórias e circunstâncias que levaram os trabalhadores a deixarem seus postos, nota-se um equilíbrio entre saídas por decisão do empregador e por iniciativa própria. Nestes últimos casos, a priorização de questões pessoais, tais como saúde e família, e adversidades na relação com gestores autoritários e abusivos foram as principais causas da descontinuidade. Dificilmente as saídas por iniciativa própria estavam ligadas a melhores oportunidades de trabalho. Os casos mais próximos de uma transição dessa natureza apresentavam variações pouco significativas em termos de rendimento e se relacionavam a propostas recebidas de amigos. Vale mencionar a ausência de qualquer forma de planejamento ou objetivo claro nestas transições, não havendo aderência das escolhas a planos de carreira, indicando um padrão de carreira do grupo (Gunz et al., 2011).

Observando as trajetórias em termos de áreas de atuação, notamos que as atividades de trabalho, sobretudo as primeiras, foram determinantes para os próximos passos. A carreira do Participante 5 reflete este ponto. Sua primeira atividade foi em um posto de gasolina, como lavador automotivo. Posteriormente, trabalhou em diferentes espaços, atuando como auxiliar mecânico, auxiliar de pintura automotiva e auxiliar eletricitista mecânico. Passados 20 anos, ele empreende em uma lavagem e oficina de veículos, na mesma área onde começou e teve proximidade durante sua carreira.

As credenciais confeccionadas pelos nossos viajantes no início da caminhada, parecem permitir acesso apenas a espaços físicos semelhantes, oferecendo os primeiros indícios da reduzida capacidade de agência do trabalhador e da sua baixa mobilidade na trajetória (Vaclavik et al., 2021), tanto em termos de níveis ocupados, como em relação às áreas de atuação.

Analisando os micro cenários, destacamos a interação entre os participantes e dois ambientes: escolares e de trabalho. Conforme mencionamos anteriormente, as vivências em espaços escolares desenrolaram-se em escolas públicas, periféricas ou rurais, produzindo um distanciamento de universidades, cursos qualificantes, escolas de línguas e de outras oportunidades. Já nos ambientes de trabalho, onde as experiências transcorreram em pequenas empresas, os vínculos formais e de baixa qualidade, bem como a ocupação em cargos

operacionais, reproduziam uma baixa perspectiva de crescimento na organização entre os trabalhadores.

O quadro de trabalho do município também influenciou para que as trajetórias estivessem ligadas ao trabalho formal de baixa qualidade. Embora a cidade possuísse um grande número de empregos (Noronha, 2020), pessoas com menores níveis de escolaridade voltam-se para oportunidades nas indústrias, mediante formas inseguras de emprego, como o trabalho temporário, ou em pequenas empresas que possuem requisitos flexíveis para ocupação das vagas e conseqüentemente, vínculos de menor qualidade (Cadoná & Góes, 2015).

As recentes transformações nos níveis organizacional e contextual sobre as relações de trabalho também interagem com a carreira dos MEIs (Baruch, 2015; Weber, 1999). Nota-se que as mudanças relativas à flexibilização dos vínculos trabalhistas, seguindo um compasso neoliberal, refletiram no entendimento de que experiências passadas em empregos formais garantiam maior segurança:

É engraçado... a proposta não parecia emprego. Eles queriam me contratar tipo funcionário, mas sob demanda (se referindo ao contrato de trabalho intermitente permitido pela Lei 13.467/17), falaram que eu seria igual aos outros, mas um pouco diferente. Também me disseram que poderiam me contratar caso eu tivesse uma PJ, naquelas condições achei complicado (Participante 6).

Combinando o cenário flexível de trabalho e a reduzida capacidade de direcionamento dos percursos em razão dos ambientes percorridos, temos o ingresso no microempreendedorismo como um resultado da viagem.

5.3 Próxima parada: microempreendedorismo

Entendendo a bagagem construída nas trajetórias, passamos à análise das transições do EF-MEI, examinando dois momentos: a saída do último emprego e o início das atividades como MEI. Atentando às circunstâncias da saída do emprego, temos um quadro difuso entre demissões e iniciativas próprias, onde as características apresentadas anteriormente, tais como conflitos no trabalho e necessidade de cuidar dos filhos, voltam a aparecer nas transições de carreira.

Com exceção de um caso, nos cinco outros a saída do emprego não possuía relação com a futura atividade. A reflexão sobre alternativas (e se essas existiam) acontecia apenas após a saída da empresa. Alguns relatos ainda indicaram a procura por oportunidades de emprego

formal, seguida pelo insucesso em razão de barreiras como baixa escolaridade e falta de qualificação técnica.

Considerando a instabilidade das situações socioeconômicas dos participantes, não havia tempo disponível para a prospecção de oportunidades e apreciação de opções de trabalho ao longo das semanas que sucederam a saída da empresa, sejam alternativas de emprego ou no empreendedorismo.

A velocidade requerida para atender a conjuntura socioeconômica foi um ponto comum entre os participantes. Sempre preocupados com necessidades imediatas, os trabalhadores deixavam de lado outras dimensões de sua vida, tais como qualificações que trouxessem estabilidade na carreira ou a busca de realização pessoal através do trabalho (Moore et al., 2007). Ao quadro ainda somamos a baixa capacidade de aplicação financeira nos negócios pelos participantes. O recurso decorrente da rescisão do vínculo empregatício supria o cotidiano da família, não sendo uma alternativa para viabilizar a estrutura nascente do negócio.

Assim, começar um empreendimento com recursos mínimos foi uma tarefa complexa e desgastante para os MEIs. Não possuir dinheiro para a compra de produtos que conseguissem preencher as prateleiras, para pagar um técnico para regularização das atividades ou para investir na fachada do negócio, foram exemplos de aspectos objetivos que impactaram negativamente nas subjetividades narradas pelos participantes.

Valendo-se da perspectiva temporal e processual das concepções de carreira e empreendedorismo (Hughes, 1958; Low & MacMillan, 2007), destacamos, nas escolhas ao empreender, o vínculo entre as trajetórias de carreira e os tipos de atividades exercidas pelo MEI. Os empreendimentos criados estavam estritamente ligados às habilidades do participante e às suas vivências em experiências prévias de trabalho.

Quando eu chego na loja eu faço exatamente o que eu fazia lá, guarda as coisas, passa pano no chão, bate roupa para tirar o pó, querendo ou não, é uma coisa que eu fazia antes. Até no outro emprego, eu atendia, escolhia os looks para comprar, o que estão usando, as cores, é o meu chão (Participante 1).

Todas as experiências dos trabalhadores resgatadas na pesquisa exibem uma empolgação inicial com a atividade microempreendedora relacionada ao movimento considerável de clientes e às novas vivências. Ao mesmo tempo, a maioria dos relatos apontou uma redução escalonada da clientela após os primeiros meses do negócio, acompanhada pela dissipação da euforia dos participantes em razão da rotina e de aspectos atrelados ao

empreendedorismo (Rosenfield, 2015), a citar a instabilidade nos rendimentos e a ansiedade gerada pelas incertezas.

A pandemia de Covid-19, que teve início em março de 2020 (OMS, 2024), foi outro evento importante no momento de transição para o MEI, desencadeando processos de ajustes e novas experiências (Baruch & Quick, 2007). Questões como adaptação de atividades, frustração de expectativas, redução radical de rendimentos e o auxílio emergencial como minimizador de angústias foram tópicos comuns nas narrativas. Além de acentuar características do empreendedorismo, como a instabilidade nos rendimentos, os participantes evidenciaram transformações nos relacionamentos durante a pandemia. Nem mesmo os canais digitais, como WhatsApp, Instagram e sites de fornecedores, foram suficientes para evitar percepções de enfraquecimento de vínculos, distanciamento de parceiros e dificuldade na construção de laços.

Outro evento atípico que atravessou as carreiras dos participantes foi um alagamento de grande proporção ocorrido na cidade (Globoplay, 2021), que gerou grandes prejuízos no bairro onde realizamos a pesquisa. Embora reforçando a traumaticidade do evento, devido aos valores perdidos e falta de suporte do poder público municipal, os participantes sinalizaram que o episódio despertou conexões na comunidade e, mesmo que de modo frágil, ampliou a rede dos empreendedores com novas amizades.

É dessa maneira, carregando seus itens, trazendo suas dificuldades e contando com o auxílio de algumas pessoas no caminho, que os trabalhadores vivenciaram o seu traslado do EF-MEI.

5.4 Cotidiano presente: as descobertas durante o caminho

Vivenciar o cotidiano junto com os participantes trouxe contornos importantes ao estudo (Ferraço, 2007), permitindo analisar quais foram as características deste momento na viagem do trabalhador. Começamos atentando ao contexto do bairro onde estavam localizados os microempreendimentos. Situados às margens do centro da cidade, os locais possuíam uma circulação de pessoas moderada, que se concentrava nas ruas de revestimento asfáltico, onde estava a maioria dos pequenos e médios estabelecimentos comerciais e de serviços da região. Nas ruas situadas nas entranhas dos bairros também foi possível identificar microempreendimentos (formais e informais) ativos, especialmente os que dividiam o espaço físico do negócio com a residência.

No que concerne ao ambiente físico dos microempreendimentos participantes do estudo, embora cada ambiente fosse único e possuísse suas peculiaridades, haviam alguns aspectos

comuns entre eles. Os locais, alguns de alvenaria e outros de madeira, em geral, possuíam como características baixa metragem, estruturas desgastadas pelo tempo e equipamentos bastante utilizados.

Nos estabelecimentos que comercializavam produtos, a pequena quantidade de itens nas prateleiras era constante. Nos empreendimentos voltados à prestação de serviço, eram comuns a falta de organização dos materiais e as irregularidades documentais em termos fiscalizatórios ambientais, especialmente em razão da destinação inadequada dos resíduos gerados pelas atividades (Lei Complementar nº 741, 2019).

A estética dos empreendimentos suscitava desconfiança e afastamento de clientes. Os participantes relataram que algumas pessoas, sobretudo as que descobriram o negócio digitalmente, pareciam desconfortáveis pelo que encontraram ao conhecerem o espaço. Tal comportamento se estendia para parcerias com empresas. A estética, aliada ao enquadramento como MEI e ao curto espaço de tempo como empreendedor, geravam desconfianças em tentativas de conexão com pessoas jurídicas.

Só atendo clientes pessoa física, no máximo consigo clientes fixos (aqueles que pagam por mês) e descontam dos serviços utilizados. Várias vezes fui atrás de empresas no início (da trajetória como microempreendedor) para fechar parcerias, mas não consegui... O registro (enquadramento do MEI), local do negócio (se referindo ao bairro periférico) e a lavagem aqui (mencionando o espaço físico e fazendo um movimento facial que levava ao entendimento da necessidade de melhorias) não ajudaram (Participante 4).

O fato de residir ou não no mesmo local do empreendimento também trazia implicações. Entre os participantes que possuíam o negócio na residência, notamos a integração das atividades de trabalho com atividades familiares, informalidade em relacionamentos e efeitos negativos sobre a imagem do negócio entre os clientes. Entretanto, estes possuíam despesas menores e uma comunidade, composta por vizinhos e amigos, atuando como aliada para a sustentação do negócio, seja no papel de cliente ou em sua divulgação.

Para os MEIs que não residiam no local do empreendimento o cenário era outro. Além das despesas serem maiores, o fato de não residirem neste local pareceria refletir em uma não construção de vínculos significativos com a comunidade onde o negócio estava inserido, não a colocando como aliada no desempenho do negócio. Por outro lado, a distância das rotinas da casa e da estética de uma residência oferecia uma imagem de maior profissionalização, repercutindo positivamente na quantidade de clientes.

O cotidiano também nos ofereceu um retrato das dinâmicas de relacionamentos e vínculos relacionais de suporte destes trabalhadores (Burton et al., 2016; Dyer, 1995). A maior parte das interações rotineiras dos MEIs ocorria com clientes, familiares e amigos. Em poucas oportunidades identificamos relacionamentos com fornecedores. Já o vínculo com os órgãos públicos (Prefeitura e órgãos fiscalizatórios) e instituições de apoio (Sebrae) apareceu apenas durante os encontros em relatos dos participantes sobre suas experiências passadas (Mantovani, 2019), onde tais atores desempenharam um papel orientativo e pontual no início da trajetória microempreendedora.

Cabe destacar a não identificação de nenhuma força ou atuação coletiva dos MEIs sobre organizações e instituições, seja na esfera digital (em redes sociais ou páginas digitais) ou na presencial (Ashford et al., 2018). Não houveram indícios sobre como ou se há alguma força coletiva liderada pelo conjunto social que trabalhe em prol de suas demandas. Assim, podemos figurar que a viagem do trabalhador está longe de ser uma excursão, onde um grupo de pessoas consegue formar um corpo robusto e alcançar condições mais vantajosas para viajar.

Como forma de minimizar as dificuldades decorrentes de uma atuação de trabalho autônoma, notamos uma substituição da perda do suporte social da relação empregatícia sendo compensada pelos vínculos familiares. Mesmo que o apoio e a solidariedade da família não fossem constantes e não propiciassem alavancagem dos negócios, sua atuação era no sentido de promover uma manutenção mínima das atividades, auxiliando na busca de clientes e no fôlego das subjetividades emocionais dos participantes.

Os achados também trouxeram à tona dilemas vivenciados, ponderando perspectivas positivas e negativas atreladas à atuação como MEI. Entre as positivas, destaca-se a liberdade sob diferentes óticas, estando relacionada tanto à inexistência de um gestor e de controles organizacionais, como também à possibilidade de conciliação do trabalho com outras tarefas da vida cotidiana. Como aspectos negativos estiveram a imprevisibilidade dos rendimentos e a falta de garantias trabalhistas.

5.5 Projeções de carreira: com esses itens na mala, para onde se pode ir?

A principal aspiração dos participantes era o alcance de uma estabilidade econômica que proporcionasse melhores condições à família e, conseqüentemente, maior bem-estar emocional. Considerando esse desejo, as principais perspectivas para a carreira foram a continuidade e consolidação do empreendimento, e o retorno ao emprego formal.

Para aqueles que citaram a continuidade da trajetória empreendedora, o discurso vinha acompanhado da esperança de melhora do negócio, mas de falta de clareza sobre formas para que isso ocorresse. Em comum entre os participantes, neste caso, era o entendimento de que a melhoria dos negócios estaria atrelada a mudanças nos seus espaços físicos, tal como reforma de fachada, aquisição de móveis e equipamentos ou reparo de forro.

O retorno ao emprego formal também era desejo comum entre alguns participantes, no entanto, não possuía condições desenhadas, seja em termos de planejamento ou de área de trabalho. A estabilidade era a vontade maior e independia de área ou cargo. Na contramão de qualquer conduta ativa em busca da posição que atendesse tais expectativas, os participantes mostraram-se inertes nesse sentido.

Conseguir um emprego e continuar como MEI também era uma aspiração futura dos participantes. A estabilidade do emprego somada à possibilidade de incrementar a renda via empreendedorismo não só foi ventilada, como aconteceu com o participante 4. Esta situação, embora tenha permitido superar a instabilidade, desencadeou sobrecarga de trabalho, fadiga e distanciamento da família.

Por fim, cabe destacar que nas projeções de carreira dos trabalhadores, as subjetividades vinculadas à liberdade e à segurança, em conjunto com o bem-estar da família, sempre estiveram presentes em posição de protagonismo, muitas vezes, em detrimento do negócio. Ficam claras motivações que vão além das aspirações profissionais, atreladas aos seus resultados, especialmente acerca do bem-estar.

Quando pensamos nos próximos destinos, ficam evidentes as limitações nos caminhos a serem seguidos pelos MEIs. Qualquer mudança de rumo na viagem é acompanhada por desafios. Peguemos o caso do retorno ao emprego formal como forma de ilustrá-los. As limitações iniciam no passado, tal como a baixa escolaridade, restringindo a participação em seleções para cargos de melhor qualidade de emprego, por exemplo, no nível individual de análise. Já no nível organizacional, os espaços percorridos contribuem para limitar a visão de possibilidades profissionais, especialmente sobre áreas de trabalho e oportunidades de empregos diferentes dos conhecidos, exemplificando barreiras impostas (Gunz & Mayrhofer, 2015; Weber, 1999). É como se o viajante tivesse dificuldade com uma língua estrangeira ou não possuísse um passaporte, movimentando-se com dificuldade ou não conseguindo ingressar em um território diferente.

Traços existentes no presente dos MEIs, tal como a necessidade de horários flexíveis, também diminuem a sua possibilidade de mudança (agência) (Vaclavik et al., 2021). Os papéis desempenhados (Arthur et al., 1989; Dyer, 1995) na estrutura familiar não permitem que o

participante possua outras opções a não ser o caminho empreendedor, que permite autonomia e flexibilidade para conciliar outras responsabilidades.

Se não for assim (trabalhando como MEI), não consigo cuidar dos meus dois pequenos. Passo o dia aqui, atendendo e ficando com eles quando não estão na creche (Participante 2).

As disposições contextuais nos níveis ampliado e local também agem em prol da permanência dos MEIs em suas atividades (Gunz et al, 2011; Carmo et al., 2021), destacando-se as condições de trabalho flexíveis e as configurações do mercado de trabalho local, assentado em formas inseguras e não atrativas de empregos (Cadoná & Góes, 2015). Como ilustra a fala do participante 6:

Complicado achar um emprego legal... Fico de olho, mas com as minhas condições, não acho nada bom, só coisas que vão me dar dor de cabeça, ficar seis meses e depois sair (empregos temporários), e ainda ganhar quase a mesma coisa que aqui.

Tendo em vista apresentar as construções de carreira dos MEIs, a Figura 4 sintetiza os momentos da carreira discutidos nesta seção.

Figura 4

Construções de carreira dos participantes

Momentos da carreira	Características
Origem e adolescência	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias de baixa renda e baixa formação escolar dos pais; • Atividades de trabalho antes da maioridade; • Relações de trabalho informais e sob demanda, com atividades manuais e de baixa complexidade; • Interrupções dos estudos ao longo do ensino fundamental ou médio.
Maioridade e o percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • Predominância dos vínculos formais de trabalho, com baixos salários, raros benefícios complementares e carga horária elevada; • Cargos operacionais e de auxiliares em funções de maior complexidade; • Ausência de planejamento ou objetivo claro nas transições de carreira; • Atividades de trabalho semelhantes ao longo do percurso; • Contexto de trabalho local flexível.
Próxima parada: MEI	<ul style="list-style-type: none"> • Saida do emprego formal a partir de demissão ou iniciativa própria, sem relação com a futura atividade; • Insucesso na procura por oportunidades de emprego formal; • Necessidade de velocidade na busca de trabalho e renda para atender as demandas familiares; • Empreendimentos abertos ligados às habilidades e experiências de trabalho do participante.
Cotidiano presente	<ul style="list-style-type: none"> • Empreendimentos localizados em bairros periféricos; • Empreendimentos com baixa metragem e estruturas desgastadas pelo tempo; • Estética como fonte de desconfiança e afastamento de clientes; • Vínculos relacionais de suporte e interação elevada com clientes, familiares e amigos; • Nenhuma força ou atuação coletiva dos trabalhadores; • Dilemas equilibrando perspectivas positivas e negativas atreladas à atuação como MEI.
Para onde se pode ir?	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de um futuro que oferecesse estabilidade econômica; • Consolidação do empreendimento e o retorno ao emprego formal como perspectivas de carreira; • Falta de clareza sobre como alcançar seus objetivos; • Subjetividades vinculadas à liberdade, segurança e família presentes nas projeções da carreira.

Por fim, não podemos afirmar quais serão os próximos passos, entretanto, é possível ter a compreensão de que, mesmo as carreiras sendo imprevisíveis em um sentido restrito, há um quadro de previsibilidade de insegurança e flexibilidade. A mala pesada portada pelos trabalhadores, dificulta as ações em razão da falta de autonomia e também não permite que eles incluam em seus pertences experiências, habilidades e vivências mais ricas que abram novas perspectivas de futuro profissional.

7 CONCLUSÕES

O trabalho teve como objetivo compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo individual, exercendo atividades que exigem baixa especialização em uma região urbana

periférica. Partindo de uma investigação do microespaço social da pesquisa e do seu contexto ampliado, incluindo a bagagem histórica-contextual do microempreendedorismo na cidade de Santa Cruz do Sul - RS, analisamos as carreiras dos participantes e suas vivências decorrentes da transição entre diferentes posições, contemplando seus elementos objetivos e subjetivos, bem como as interações existentes nessas trajetórias.

Investigando a carreira dos MEIs encontramos trajetórias que se assemelham em muitos aspectos. O grupo trouxe traços como barreiras econômicas, vínculos relacionais de suporte e a ausência de planejamento como principais pontos na discussão sobre a mudança entre posições. Ao mesmo tempo, aspectos como o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores ou a procura de significado, elementos importantes na literatura de carreira, não foram centrais nas transições do EF-MEI, especialmente em razão das frágeis conjunturas socioeconômicas dos participantes.

Considerando o cenário de solidificação e crescimento do microempreendedorismo no Brasil, nossa investigação também esteve direcionada à busca de elementos que contribuíssem para a redução dos desafios impostos aos trabalhadores, buscando construir um valor presente e futuro para o campo teórico e prático (Alvesson & Sandberg, 2013).

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui em quatro pontos. O primeiro é que, por meio da metodologia adotada, o trabalho contemplou a incorporação de um viés social, especialmente para o quadro teórico de empreendedorismo e aos estudos que trazem ao centro as transições de carreira (Burton et al., 2016; Nogueira, 2019). Desse modo, fomos capazes de incluir na análise elementos do contexto e aspectos que emergiram da proximidade com os participantes, incluindo características físicas e estéticas dos empreendimentos e seus efeitos sobre as atividades do MEI.

O segundo é o fortalecimento do uso da dimensão temporal para investigações de eventos específicos, sobretudo ligados ao empreendedorismo (Gunz & Mayrhofer, 2015). A observação em conjunto do passado, presente e futuro na análise nos oferece uma dimensão dos porquês nas transformações e continuidades dentro das trajetórias.

A complementaridade entre elementos objetivos e subjetivos de análise no estudo de carreiras microempreendedoras é o terceiro ponto de contribuição para os estudos que fazem interlocução dos conceitos de carreira e empreendedorismo. A utilização de relatórios estatísticos e o olhar para condições objetivas do cotidiano, somada à imersão nas experiências e subjetividades dos MEIs (Ribeiro, 2015), ofereceu profundidade de compreensão sobre o fenômeno. O quarto ponto é o modo de análise da transição, onde investigamos dois momentos distintos, a saída do emprego e o início da atividade como microempreendedor. Tal

configuração permite compreender o conteúdo existente nesses momentos e entre eles, sendo isso especialmente importante para pesquisas que reúnem os conceitos do trabalho (Burton et al., 2016; Briscoe et al., 2018).

Do ponto de vista prático, o estudo contribui em quatro aspectos. O primeiro está atrelado à tarefa de questionar a qualidade de novas configurações de trabalho e padrões de carreira (Vaclavik et al., 2021). A pesquisa favorece o olhar ao enquadramento do MEI que, embora tenha conseguido alcançar alguns dos objetivos propostos quando de sua constituição, sendo reconhecido como uma alternativa simplificada e de baixa tributação para pessoas que buscam uma fonte de trabalho e renda, ainda carece de proteções ao trabalhador contra práticas de empresas que substituem a relação de emprego formal pela pejotização através do MEI. Em conjunto, analisamos as configurações de uma transição na carreira que pode ser vista como um padrão, visto o contingente de trabalhadores que vivenciam a mesma situação. Os achados evidenciam fragilidades neste momento, como o insucesso na busca por oportunidades de emprego formal e a velocidade requerida para atender a conjuntura socioeconômica. Além disso, como raízes e efeitos do fenômeno, estão incluídos aspectos como o cenário de trabalho local flexível e os dilemas dos participantes equilibrando perspectivas positivas e negativas atreladas à atuação como MEI.

O segundo ponto é o reconhecimento das dinâmicas de relacionamentos nas carreiras. É evidente que existe espaço para maior interação entre instituições de apoio, órgãos públicos e os MEIs. Também é claro que a transição está intimamente ligada à família. Assim, ao refletirmos sobre políticas públicas para conjuntos sociais semelhantes, os aspectos a serem fomentados transcendem questões técnicas organizacionais, envolvendo outras dimensões da vida do empreendedor. Políticas que promovessem uma sustentação de aspectos que circundam a vida do microempreendedor, tais como creches para os filhos e acesso facilitado a orientações regulatórias e legais são formas de contribuir no cotidiano do negócio.

O terceiro é o olhar para a interação entre a carreira dos trabalhadores e as reconfigurações nas práticas de gestão de pessoas e dos modelos produtivos. Para reverter o cenário de flexibilização e oferecer maior equilíbrio de poderes entre atores é necessário repensar ideologias políticas que conduzam esforços pró trabalhador. Além disso, no âmbito do microempreendedorismo, há espaço à construção de práticas coletivas, como o associativismo, por exemplo, e atuações mais próximas entre os MEIs, que por sua vez, podem operar forças sobre instituições que confeccionam suas trajetórias.

Como quarto ponto, ao analisarmos em profundidade um grupo de trabalhadores situado no universo microempreendedor contemporâneo, contribuímos para discussões ao nível

internacional sobre configurações e condições de trabalho de formas emergentes do autoemprego (Ashford et al., 2018). O quadro apresentado permite que relações possam ser traçadas a partir de territórios distintos. Por sua vez, essas referências podem subsidiar a identificação de pontos de melhoria em políticas públicas a nível federal e implicações práticas nos modelos de trabalho do enquadramento jurídico.

Referências

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: Sage Ltda. <https://www.doi.org/10.4135/9781446270035>
- Ansiliero, G., Costanzi, R. N., & Fernandes, A. Z. (2020). *Análise descritiva das políticas públicas de inclusão previdenciária dos trabalhadores autônomos: o plano simplificado de previdência social e o microempreendedor individual*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea.
- Arthur, M. B., Hall, D. T., & Lawrence, B. S. (Eds.) (1989). *Handbook of career theory*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511625459>
- Ashford, S. J., Caza, B. B., & Reid, E. M. (2018). From surviving to thriving in the gig economy: A research agenda for individuals in the new world of work. *Research in Organizational Behavior*, 38, 23-41. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2018.11.001>
- Baruch, Y. (2015). Organizational and labor markets as career ecosystem. In A. De Vos & B. Van der Heijden (Eds.), *Handbook of Research on Sustainable Careers* (pp. 164-180). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Baruch, Y., & Quick, J. C. (2007). Understanding second careers: Lessons from a study of U.S. navy admirals. *Human Resources Management*, 46(4), 471-491. <https://doi.org/10.1002/hrm.20178>
- Brasil. (2017). *Lei nº 13.467, de 13 de Julho de 2017*. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Distrito Federal, BR. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm
- Briscoe J., Dickmann M., Hall T., Parry E., Mayrhofer W., & Smale A. (2018). Career Success in Different Countries: Reflections on the 5C Project. In M. Dickmann, V. Suutari, & O. Wurtz (Eds.), *The Management of Global Careers* (pp. 117-148). Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-76529-7_5
- Brown, A. (2015). Mid-career reframing: the learning and development processes through which individuals seek to effect major career changes. *British Journal of Guidance & Counselling*, 43(3), 278-291. <http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2015.1028888>
- Burton, M. D., Sørensen, J. B., & Dobrev, S. D. (2016). A careers perspective on entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(2), 237-247. <https://doi.org/10.1111%2Fetap.12230>

- Cadoná, M. A. (2017). Dinâmicas Regionais de Desenvolvimento, Trabalho e Organização dos Mercados Urbanos de Trabalho: uma Análise a Partir de Cidades Médias do Rio Grande do Sul. *Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul*, 22(3), 343-357. doi: 10.17058/redes.v22i3.7567
- Cadoná, M. A., & Góes, C. H. (2015). Dinâmicas Regionais de Mercado de Trabalho: uma análise a partir do Mercado de Trabalho na Cidade de Santa Cruz do Sul (RS). *Revista de Ciências Humanas*, 16(27), 99-115.
- Campanha, L. J., Lorenzo, H. C. de, Fonseca, S. A., & Paulillo, L. F. D. O e. (2017). Formulação e implementação, convergências e desvios: facetas da política pública do MicroEmpreendedor Individual (MEI) no plano local. *Gestão & Produção*, 24, 582-594. <https://doi.org/10.1590/0104-530X3896-16>
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Chudzikowski, K., Demel, B., Mayrhofer, W., Briscoe, J. P., Unite, J., Bogićević Milikić, B., Hall, D. T., Heras, M. L., Shen, Y., & Zikic, J. (2009). Career transitions and their causes: A country-comparative perspective. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 82(4), 825-849. <https://doi.org/10.1348/096317909X474786>
- Colbari, A. de L. (2015). Do Autoemprego ao Microempreendedorismo Individual: desafios conceituais e empíricos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4(1), 165-189. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v4i1.10909>
- Corbetta, P. (2003). The use of documents. In P. Corbetta (Ed.). *Social Research: Theory Methods and Techniques* (pp. 287-309). London: Sage.
- Cuervo, Á., Ribeiro, D., & Roig, S. (Eds.) (2007). *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective*. New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- da Silva, E. V., da Silva Junior, G. C., Paz, H. C., & Laurentino, G. K. D. S. C. (2023). A fuga da informalidade: O crescimento do microempreendedor individual. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 11(2), 86-100. <https://doi.org/10.32888/cge.v11i2.58632>
- da Silva, M. L., & Weschenfelder, V. I. (2010). Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do Rio Grande do Sul. *Revista Subjetividades*, 10(1), 259-281. Recuperado de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4924>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 29-71). London: Sage.
- Duarte, M. F. de, Machado, D. Q. de, & Silva, A. L. (2018). Interfaces do discurso sustentável na noção contemporânea de carreira. *Organizações e Sustentabilidade*, 6(1), 23-43. <https://dx.doi.org/10.5433/2318-9223.2018v6n1p23>
- Dyer, W. G. Jr. (1995). Toward a theory of entrepreneurial careers. *Entrepreneurship theory and practice*, 19(2), 7-21. <https://doi.org/10.1177%2F104225879501900202>

- Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (2022). *Mapa do Emprego 2022: o perfil do emprego formal gaúcho*. Recuperado de <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiODgwNTI2ZjktOGRmZS00MDE4LTlhN2MtYzQ1YWU5NDQ5YzIxIiwidCI6ImQxZGVhbnZvLWFlMDUtdNDkyZC1hNmU1LWZmZmU3Yjc2Y2M5NCIsImMiOiR9&pageName=ReportSection48ba13d52066c678c06e>
- Ferraço, C. E. (2007). Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, 28(98), 73-95.
- Gartner, W. B. (1985). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of management review*, 10(4), 696-706. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4279094>
- Globoplay (2021, Janeiro 21). *Chuva causa alagamentos e assusta moradores de Santa Cruz do Sul no RS*. Globoplay.Globo. Recuperado de <https://globoplay.globo.com/v/9221996/>
- Gunz, H., & Mayrhofer, W. (2015). *The social chronology framework: A multiperspective approach to career studies*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2595568>
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620. <https://doi.org/10.1177%2F0170840611421239>
- Hall, D. T., Yip, J., & Doiron, K. (2018). Protean careers at work: Self-direction and values orientation in psychological success. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 5, 129-156. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-032117-104631>
- Hirschi, A. (2018). The Fourth Industrial Revolution: Issues and implications for career research and practice. *Career Development Quarterly*, 66(3), 192-204. <https://doi.org/10.1002/cdq.12142>
- Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American journal of sociology*, 43(3), 404-413.
- Hughes, E. C. (1958). *Men and their work*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022). *População estimada em 2021 de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2008). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed., pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Krein, D., Abílio, L., Freitas, P., Borsari, P., & Cruz, R. (2018). Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para os trabalhadores. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região*, 52, 41-66.
- Latack, J. C., & Dozier, J. B. (1986). After the ax falls: Job loss as a career transition. *Academy of Management Review*, 11(2), 375-392. <https://doi.org/10.5465/amr.1986.4283254>

- Low, M. B., & MacMillan, I. C. (2007). Entrepreneurship: Past Research and Future Challenges. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 131-153). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Mantovani, E. (2019, setembro). O lugar do Sebrae na Construção Social do Microempreendedor Individual em Santa Cruz Do Sul. In *Anais do 10o Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, RS.
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 215- 240). Los Angeles: Sage.
- McKechnie, L. E. F. (2008). Observational research. In L. M. Given (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 573-575). London: Sage.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Moore, C., Gunz, H., & Hall, D. T. (2007). Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 13-38). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Mills, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. New York: Oxford Univ. Press.
- Minayo, M. C. D. S., & Costa, A. P. (2019). *Técnicas que fazem o uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação*. Aveiro: Ludomedia.
- Nogueira, M. O. (2019). Um Pirlampo no porão: um pouco de luz nos dilemas da produtividade das pequenas empresas e da informalidade no país (2a Ed.). Brasília: IPEA.
- Noronha, A. E. (2020). A industrialização do fumo e o capital estrangeiro numa comunidade de imigrantes alemães no sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1918-1976). *Fronteiras & Debates*, 7(2), 167-180. DOI: 10.18468/fronteiras.2020v7n2.p167-180
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2024). *Folha informativa sobre Covid-19*. Recuperado de <https://www.paho.org/pt/covid19>.
- Portal do Empreendedor. (2024). *Estatísticas*. Brasília. Recuperado de <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.
- Ribeiro, A. J. G. (2015). A História Avança em Marcha Ré: empreendedorismo e suas consequências no Brasil. *Anais do Encontro de Administração Política*, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, 6.
- Rocha, A. L. C. D., & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. In C. R. J. Pinto, & C. A. B. Guazzelli (Orgs.), *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

- Rosenfield, C. (2015). Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 115-128. <https://doi.org/10.17666/3089115-128/2015>
- Rummel, S., Akkermans, J., Blokker, R., & Van Gelderen, M. (2019). Shocks and entrepreneurship: a study of career shocks among newly graduated entrepreneurs, *Career Development International*. <https://doi.org/10.1108/CDI-11-2018-0296>
- Santa Cruz do Sul. (2019). *Lei Complementar nº 741, de 12 de abril de 2019*. Institui o Plano Diretor de Santa Cruz do Sul e dá outras providências. Santa Cruz do Sul, RS. Recuperado de <https://www.santacruz.rs.gov.br/pd/>
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., & Van Vianen, A. E. M. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239–250. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2022). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019a). Perfil das Cidades Gaúchas 2020 – Santa Cruz do Sul. Recuperado de https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Santa_Cruz_do_Sul.pdf
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019b). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/013_0319_APRE_MEI_v15_principais-resultados-inicio.pdf
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>
- Silva, G. S. D., Paiuca, I. R., & Schmidt, C. (2020). Cultura Empreendedora e Políticas Públicas: A Participação Social como Estratégia para Fortalecer o Desenvolvimento Econômico Municipal. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, 3(44). <http://dx.doi.org/10.36810/rde.v3i44.6081>
- Souza, M. M., & Borges, L. de O. (2020). Salão parceiro na prática: submissão ou autonomia?. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i218817>
- Souza, F. A. S. de, & Lemos, A. H. C. da. (2020). A origem como destino: trajetórias profissionais de faxineiras terceirizadas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(4), 74-92. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i4.45779>

- Sullivan, S. E., & Baruch, Y. (2009). Advances in Career Theory and Research: A Critical Review and Agenda for Future Exploration. *Journal of Management*, 35(6), 1542-1571. <https://doi.org/10.1177/0149206309350082>
- Tran, H., Baruch, Y., & Bui, H. T. M. (2019). On the way to self-employment: The dynamics of career mobility. *The International Journal of Human Resource Management*. <https://doi.org/10.1080/09585192.2019.1640267>
- Tight, M. (2019). *Documentary research in the social sciences*. Sage Publications Ltd. <https://dx.doi.org/10.4135/9781529716559>
- Vaclavik, M. C., Rocha-de-Oliveira, S., & Oltramari, A. P. (2021). Proteus looks around: agency, time and context in a Gig Economy career analysis. *BAR – Brazilian Administration Review*, 18(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2021200098>.
- Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>
- Weber, M. A (1999). *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira.
- Wissmann, A. D. M. (2021). Discursos e Desconstrução sobre a Figura do Microempreendedor Individual (MEI). *Revista Pretexto*, 22, 96-106.

ARTIGO 4

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NAS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO

LEARNING IN THE CAREER CONSTRUCTIONS OF INDIVIDUAL MICRO ENTREPRENEURS: AN ANALYSIS FROM THE TRANSITION FROM EMPLOYMENT TO MICRO ENTREPRENEURSHIP

Alexandre Dal Molin Wissmann
Lisiane Quadrado Closs

Resumo

Objetivamos neste artigo compreender os processos de aprendizagem envolvidos na carreira de trabalhadores que experienciaram a transição do emprego formal ao microempreendedorismo (EF-MEI). O estudo fundamenta-se na interlocução entre os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem. Adotamos uma estratégia de pesquisa qualitativa básica, utilizando três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevista narrativa. Participaram do estudo seis Microempreendedores Individuais (MEIs) que atuam em regiões urbanas periféricas, no interior do Rio Grande do Sul, em atividades com baixa especialização. Os resultados mostram que a carreira e os processos de aprendizagem dos MEIs foram marcados por aspectos do seu passado, tais como a fragilidade econômica das origens familiares, o afastamento dos estudos escolares e as ocupações em áreas operacionais. Desse modo, temos carreiras onde os ambientes de trabalho protagonizaram processos de aprendizagem dos trabalhadores, espaços que propiciaram as experiências mais significativas, sejam em termos de relacionamentos ou qualificações oferecidas pelas empresas. Isso se assemelhou na transição para o MEI, com diferenças em razão do menor número de interações significativas à aprendizagem e nos tipos de processos existentes, uma vez que ocorreram de maneira autônoma e sem supervisão profissional. Em destaque entre os processos de aprendizagem identificados estavam as incursões na internet, e os relacionamentos com a família, clientes, fornecedores e Sebrae, onde cada dinâmica envolvia características e conteúdos de aprendizado particulares. Analisar o microempreendedorismo através das lentes da aprendizagem situada, além de possibilitar aprofundar a compreensão desse conjunto social que ainda carece de apoio, permite propor configurações em termos de políticas assistências, coletividades ou metodologias, que podem contribuir com o desenvolvimento profissional destes trabalhadores.

Palavras-chave: Aprendizagem. Carreira. Empreendedorismo. Microempreendedor Individual. Transição.

Abstract

In this article, we aim to understand the learning processes involved in the careers of workers who have experienced the transition from formal employment to microentrepreneurship (EF-

MEI). The study is based on the dialogue between the theoretical frameworks of entrepreneurship, career and learning. We adopted a basic qualitative research strategy, using three data collection techniques: documentary research, observation and narrative interview. Six Individual Microentrepreneurs (MEIs) who work in peripheral urban regions, in the interior of Rio Grande do Sul, in activities with low specialization, participated in the study. The results show that the MEIs' careers and learning processes were marked by aspects of their past, such as the economic fragility of their family origins, their absence from school studies and occupations in operational areas. In this way, we have careers where work environments led to workers' learning processes, spaces that provided the most significant experiences, whether in terms of relationships or qualifications offered by companies. This was similar in the transition to MEI, with differences due to the smaller number of significant learning interactions and the types of existing processes, since they occurred autonomously and without professional supervision. Prominent among the learning processes identified were forays into the internet, and relationships with family, customers, suppliers and Sebrae, where each dynamic involved particular characteristics and learning content. Analyzing microentrepreneurship through the lens of situated learning, in addition to making it possible to deepen the understanding of this social group that still lacks support, allows us to propose configurations in terms of assistance policies, collectives or methodologies, which can contribute to the professional development of these workers.

Keywords: *Learning. Career. Entrepreneurship. Individual Microentrepreneur. Transition.*

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho objetivamos compreender os processos de aprendizagem envolvidos na carreira de trabalhadores que experienciaram a transição do emprego formal ao microempreendedorismo, tendo as concepções de empreendedorismo, carreira e aprendizagem como pilares conceituais que sustentam o estudo.

Primeiro, adotando como base uma vertente teórica sociológica (Gartner, 1985; Weber, 1999), visualizamos o conceito de empreendedorismo sob uma perspectiva longitudinal que envolve sua trajetória, a identificação dos fatores que influenciam o processo empreendedor, como também, um entendimento contextual do microempreendedorismo, incluindo a compreensão histórica do espaço (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021; Cuervo, Ribeiro, & Roig, 2007; Dyer, 1995).

Segundo, sustentando nossa discussão a partir de uma perspectiva de ecossistema de carreira (Baruch, 2015; Tran, Baruch, & Bui, 2019), contemplamos o conceito diante de seu caráter processual, histórico e contextual, permitindo observar, com base na trajetória de pessoas, um quadro que integra indivíduos, coletividades, organizações e sociedade (Hughes, 1958; Sullivan & Baruch, 2009; Vaclavik, Rocha-de-Oliveira, & Oltramari, 2021).

Terceiro, partindo da perspectiva da aprendizagem situada (Gherardi, Nicolini, & Odella, 1998; Lave & Wenger, 1991), assumimos que os processos de aprendizagem estão

inseridos na interseção entre pessoas, cultura, materiais e contexto (Hansman, 2001). Sob essa perspectiva, visualizamos as aprendizagens presentes nas trajetórias das pessoas, considerando suas subjetividades, experiências e práticas, constituídas de modo temporal em interação com o espaço social (Gherardi, 2008; Jarvis, 2012; Santos & Moura, 2021).

Em comum às perspectivas teóricas adotadas destacamos a relevância do caráter temporal, contexto, aspectos individuais, relações sociais, experiências e ferramentas, elementos que permitem a interlocução das mesmas, tendo em vista a compreensão do fenômeno estudado.

No contexto de trabalho contemporâneo, observamos que a abertura de um micro ou pequeno negócio é uma das únicas alternativas para uma grande parcela de trabalhadores em busca de renda, sobretudo diante das dificuldades de inserção em formas mais protetivas de emprego (Eaton & Heckscher, 2021). Em muitos casos, por ser a única opção de trabalho, esta forma de inserção produtiva pode acarretar diferentes problemas para o indivíduo, que se vê sozinho e fragilizado diante de novos desafios em suas atividades (Tran et al., 2019).

No Brasil, inserido nesse contexto está o movimento de pessoas advindas do emprego formal para o microempreendedorismo (movimento denominado a partir de agora pela sigla EF-MEI), tornando o enquadramento do Microempreendedor Individual (MEI) uma das formas de (re)inserção produtiva mais relevantes na atualidade (CMAP, 2022). Desde a criação desse enquadramento jurídico, em 2008, o número de indivíduos que buscam tornar-se MEI após a saída de um emprego só aumenta. No último relatório sobre o perfil do MEI divulgado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (2022), o número dos que tiveram o emprego como última ocupação já representava mais da metade desse conjunto social.

Ao analisarmos as transformações decorrentes da passagem do EF-MEI, é possível notar que o empreendedorismo, embora possibilite maior autonomia, enfraquece as fronteiras entre vida privada e profissional, requer maior número de horas trabalhadas, possui menor proteção social, assim como instabilidade nos rendimentos em relação à ocupação anterior (Ashford, Caza, & Reid, 2018; Rosenfield, 2015).

Para além destas diferenças, essa transição na carreira tem o potencial de provocar alterações em termos de conteúdo das atividades, papéis desempenhados, assim como nas relações de trabalho (Souza & Borges, 2020). Somadas às transformações em nível individual, também há possibilidades de mudanças decorrentes de esferas ampliadas, onde estão os espaços sociais percorridos pelo trabalhador e elementos contextuais econômicos, jurídicos e ambientais (Baruch, 2015).

Dependendo das condições vivenciadas pelos trabalhadores e das suas características individuais, as mudanças podem representar desafios ainda maiores (Souza & Lemos, 2020). Contextos urbanos periféricos, com pouco acesso a recursos públicos e sociais, e trabalhadores com baixo grau de conhecimento técnico, reduzida formação escolar e condições socioeconômicas vulneráveis, amplificam dificuldades em momentos onde há necessidade de (re)pensar atributos de perfil pessoal e profissional para traçar novos planos de carreira (Sullivan & Al Ariss, 2021).

Esse conjunto de mudanças envolvidas na transição de carreira afeta profundamente a vida do trabalhador, impactando diretamente na necessidade de novos conhecimentos e aprendizagens (Gherardi & Nicolini, 2001). Entretanto, são escassos os estudos sobre aprendizagem que investigam conjuntos sociais semelhantes aos dos microempreendedores por meio de uma lente de análise que enlace indivíduo e contexto (Igwe, Newbery, Amoncar, White, & Madichie, 2018; Stoyanov & Stoyanova, 2021). Em bases de dados de artigos nacionais não foram identificados estudos sobre a aprendizagem que tragam os traços do enquadramento do MEI como parte de uma análise em contexto.

Desse modo, buscamos contribuir com uma perspectiva de estudos da aprendizagem que vai além do indivíduo e de suas atividades e capacidades cognitivas, ampliando o retrato analítico para o contexto de atuação dos MEIs, envolvendo seu espaço social, interações e experiências (Santos & Moura, 2021; Wenger, 2018).

Compreender os processos de aprendizagem de microempreendedores, contemplando forças externas envolvidas nesse movimento de mudança, permite a proposição de políticas públicas que contribuam com o desenvolvimento das atividades de trabalho e o fortalecimento da conjuntura socioeconômica vivida pelo MEI.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O estudo dos processos de aprendizagem na carreira do MEI, a partir de uma perspectiva situada, entende que o processo psicológico de aprendizagem não acontece de maneira isolada do meio onde o indivíduo está inserido, estando intimamente relacionado e influenciado pelo meio (Baruch, 2015; Santos & Moura, 2021).

A perspectiva da aprendizagem situada reconhece que as pessoas aprendem em seu espaço de atuação, seja pela observação, pelas interações com outras pessoas ou pelas dinâmicas existentes em suas atividades. Dessa maneira, a ênfase das análises está na localização das atividades do trabalhador e na identificação de traços sociais, históricos, culturais, políticos e

econômicos que as envolvem (Gudolle, Antonello, & Flach, 2012; Moraes, Closs, Costa, & Helal, 2023).

Para além das atividades do trabalhador vistas de modo contextual, na ótica da aprendizagem situada outros elementos ganham destaque, tais como: os artefatos, onde a linguagem e a cultura presentes no cenário são observadas; a noção de interatividade, onde um elemento influi sobre o outro; a discussão sobre construção de si e a identidade dos participantes; bem como as comunidades de prática, onde são compartilhados significados e senso de pertencimento (Gudolle et al., 2012; Lave & Wenger, 1991).

Por meio da lente da aprendizagem situada se traz ao debate a noção de práticas, onde o *locus* de análise está nas ações compartilhadas. A aprendizagem baseada em práticas (*knowing-in-practice*) envolve atividades, linguagem, artefatos (materiais e culturais) e interações para observar os modos de fazer (*doing*) e de conhecer (*knowing*) que ocorrem no cotidiano da pessoa (Gallon, Magalhães, Viana, & Antonello, 2016).

No entanto, cabe destacar ainda que a aprendizagem situada não ocorre de maneira automática a partir das práticas e relacionamentos, é necessário que o trabalhador busque a reflexão e a consciência sobre cada um destes momentos que acontecem e interferem em seu desempenho enquanto trabalhador (Rodrigues, 2017). Caso contrário, os processos de aprendizagem podem ser prejudicados ou podem, ao final, não se configurarem como aprendizados.

Ao passo que esse conjunto de pressupostos representa as bases de uma perspectiva que integra indivíduo e cenário social, é possível notar outro ponto teórico circundante presente nas discussões que envolvem esse viés: a experiência (Didier & Lucena, 2008; Jarvis, 2012). Essa convergência se explica pelo entendimento de que o processo de aprendizagem concretiza-se por meio das experiências vivenciadas pelo indivíduo em um ambiente real, trazendo consigo relações e conteúdos sociais, produzindo diferentes tipos de aprendizados.

Partindo da aprendizagem situada, buscamos identificar elementos teóricos que também permeiam as noções de empreendedorismo visto sob uma base teórica sociológica e da perspectiva de ecossistema de carreira (Weber, 1999; Baruch, 2015). Através de um olhar construtivista onde indivíduo e contexto estão conectados, interagindo entre si e com os demais elementos que compõem o cenário de pesquisa (Guba & Lincoln, 1982), buscamos a construção de um quadro teórico de referência para o estudo dos processos de aprendizagem na carreira dos MEIs.

Para iniciar a discussão dos elementos teóricos em comum derivados dos quadros conceituais, entendemos que empreendedorismo, carreira e aprendizagem possuem como

confluência o elemento **tempo** (Hughes, 1937; Hoselitz, 1957; Merriam, 1999). É na análise da linha temporal da pessoa, que podemos observar onde estas três concepções se aproximam, se reúnem, se distanciam ou voltam a se encontrar. A investigação da aprendizagem pode ser vista ao longo da carreira do MEI, considerando todas as vivências no decorrer de sua história. O tempo possui uma natureza integrativa (Merriam, 1999), não apenas reunindo passado, presente e futuro, mas diferentes níveis de análise (individual e contextual) e conteúdos (papéis sociais, *status*, conhecimentos, comportamentos e responsabilidades).

O **contexto** é outro elemento presente entre as discussões dos conceitos (Baruch, 2015; Hansman, 2001; Weber, 1999). É o espaço que envolve e associa todas as dinâmicas e particularidades ligadas aos processos de aprendizagem, sendo constituído por uma série de dimensões, instituições e atores sociais. O contexto pode ser observado por meio de dois níveis: cenário ampliado (macro), onde se encontram as matérias que possuem maior amplitude, tais como a econômica, política, social, cultural e legal; e microespaço, que aproxima a lente investigativa dos espaços sociais onde a atividade microempreendedora é exercida, como o ambiente de trabalho, de moradia, sua rua, seu bairro e sua comunidade (Gherardi et al., 1998; Jarvis, 2012).

Investigações envolvendo empreendedorismo, carreira e aprendizagem também são interseccionadas pelo **indivíduo**, onde estão inclusos traços do MEI, tais como sua história, suas características pessoais, experiências, conhecimentos e sua subjetividade (Gartner, 1985; Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011). Estas particularidades podem ser analisadas por meio de elementos como idade, gênero, raça, classe, escolaridade e estrutura familiar, bem como por papéis sociais, identidade, experiências de trabalho, emoções, conhecimentos, entre outros.

A ligação entre as esferas conceituais também eleva as **relações sociais** como partes fundamentais do estudo. Ao focar as interações, é necessário sublinhar dois pontos: os atores que fazem parte do contexto de vida do microempreendedor; e os papéis exercidos por cada um dentro da interação, abrindo espaço para diferentes tipos de relacionamentos que podem ser significativos aos processos de aprendizagem (Lawrence, 2011; Low & MacMillan, 2007).

Outro ponto importante que pode contribuir em nossa discussão são as **experiências**, percorrendo o entendimento de que vivenciar uma experiência pode representar ao microempreendedor um momento importante, tanto em sua carreira, como para sua aprendizagem. Para o MEI, uma experiência pode ser o ponto de partida para o início de uma trajetória, o que pode envolver conteúdos como habilidades, comportamentos e valores (Dyer, 1995). Sob as lentes da aprendizagem, a experiência pode ser vista através da ação da pessoa em atividades, práticas, tarefas ou funções realizadas (Jarvis, 2012).

O último tópico de convergência dos conceitos são as **ferramentas** envolvidas nas atividades dos MEIs. O entendimento é de que as relações sociais ocorrem mediante a utilização de ferramentas técnicas, tais como máquinas ou equipamentos, ou ferramentas psicológicas, onde são consideradas linguagem, escrita ou estratégias de aprendizagem (Hansman, 2001; Merriam & Bierema, 2014). A partir da observação das ferramentas é possível compreender os tipos de atividades desempenhadas, os reflexos sobre a organização do negócio, a forma como elas impactam os conhecimentos do microempreendedor e também como elas influenciam os relacionamentos do mesmo.

A interlocução entre os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem põe à disposição elementos que fazem parte do estudo dos processos de aprendizagem do MEI, tais como o elemento temporal, contexto, aspectos individuais, relações sociais, experiências e ferramentas. A Figura 1 exhibe os seis elementos, destacando o conteúdo de cada um deles e os autores que sustentam tal proposição.

Figura 1

Elementos de diálogo dos quadros teóricos para análise dos processos de aprendizagem

Elementos	Conteúdo da intersecção	Autores
Tempo	O tempo reúne passado, presente e futuro. O entendimento de modo temporal da pessoa e do espaço social permite a visualização da história em sua totalidade, contemplando todos os momentos que fazem parte da investigação.	Hughes (1937); Hoselitz (1957); Merriam (1999).
Contexto	O contexto localiza o objeto, contemplando o cenário macro, onde se encontram as matérias que possuem maior amplitude, e o cenário micro, onde estão os espaços sociais por onde passa a vida do indivíduo.	Hansman (2001); Baruch (2015); Weber (1999).
Indivíduo	O indivíduo, como ser social, é visto através dos variados contornos existentes em seu perfil, tais como traços pessoais, marcadores sociais, conhecimentos, experiências e toda sua subjetividade.	Gunz et al. (2011); Gartner (1985); Nicolini (2012).
Relações sociais	As relações sociais estão dispostas na vida do indivíduo. Sua análise é feita pela observação dos atores e dos papéis desempenhados por cada um deles, bem como pela natureza e os fatores constituintes dessas interações.	Low & MacMillan, (2007); Lawrence (2011); Santos (2018).
Experiências	As experiências constituem-se pelos momentos relevantes vivenciados pelo indivíduo em sua trajetória, compreendendo o conteúdo destas atividades e suas relações com o objeto.	Dyer (1995); Gallon et al., (2016); Jarvis (2012); Nicolini (2012).
Ferramentas	As ferramentas estão atreladas às experiências e interações. São produtoras de significado e seu conteúdo pode trazer à tona elementos referentes ao objeto.	Gherardi et al. (1998); Lave e Wenger (1991).

O quadro teórico oferece um olhar onde o processo de aprendizagem dos microempreendedores se configura a depender de uma série de elementos e de como eles estão estruturados em um cenário específico. As situações de aprendizagem diferem em razão dos indivíduos, dos grupos, das relações e do contexto. Assim, para compreender a aprendizagem é preciso estar próximo dos indivíduos e do cenário onde as atividades estão localizadas.

3 MEI, TRANSIÇÃO E CONTEXTO

O MEI é um enquadramento produtivo que caracteriza-se pelo limite de faturamento anual de R\$ 81.000,00, pela baixa tributação de suas atividades e pela possibilidade de ter, no máximo, um empregado (Portal do Empreendedor, 2024). Os relatórios divulgados pelo Sebrae (2019, 2022) oferecem traços coletivos dos MEIs: trabalhadores que criaram sua empresa buscando independência ou uma fonte de renda; não possuem todo o conhecimento necessário para a organização de seu negócio; não costumam procurar ajuda para desenvolverem suas atividades; a maior parte tem o ensino médio completo e localizam-se em estratos econômicos inferiores, com renda per capita familiar de até um salário mínimo.

Embora o enquadramento absorva um conjunto de trabalhadores advindos de diversas modalidades, historicamente o emprego formal é de onde deriva o maior número de pessoas. Nos últimos anos, chama a atenção o crescimento do número anual de trabalhadores oriundos do emprego e a representatividade frente às outras modalidades (Sebrae, 2022). No último levantamento, eles compõem mais da metade das pessoas que se registraram (57%).

Observando dados relativos às trajetórias do conjunto social, os dados do Sebrae (2019) revelam que mais da metade (54%) dos indivíduos mudaram sua área de atuação profissional após o registro. Outro dado relevante é a alta taxa (77%) de microempreendedores que nunca capitanearam seu próprio negócio (Sebrae, 2016). Cabe destacar que a introdução ao empreendedorismo, muitas vezes repentina, remete a características de trabalho diferentes daquelas vivenciadas pelo indivíduo em sua trajetória, o que também impacta na necessidade de novos conhecimentos do trabalhador.

No que se refere à forma como os MEI aprenderam suas atividades de trabalho, temos o seguinte cenário: cursos e treinamentos (27%), observação de outras pessoas (22%), com familiares (21%), em empregos anteriores (18%), por conta própria (8%) e outras formas (4%) (Sebrae, 2016). Embora tenhamos esse mapeamento preliminar, características complementares sobre os processos de aprendizagem inexistem nos relatórios, bem como dados atualizados

sobre o tópico. Conjuntamente, os dados anteriores oferecem pistas sobre a transição EF-MEI em termos de carreira e aprendizagem, embora não permitam aprofundar sua compreensão.

Objetivando adentrar nos traços deste fenômeno em termos territoriais, aproximamos nossa lente do campo de pesquisa, a cidade de Santa Cruz do Sul (RS). As justificativas para a escolha desse município estão atreladas às suas características históricas, produtivas e do mercado de trabalho, sobretudo quando observamos a relação entre emprego e empreendedorismo.

O município está localizado na região central do Rio Grande do Sul e possui cerca de 130 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022). Tracionada pelo grande número de indústrias e comércio varejista sólido, a cidade apresenta uma quantidade de vagas de emprego elevada (Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul - Fecomércio [Fecomércio], 2022), consolidando-se como polo migratório na região e destino de um expressivo contingente de trabalhadores (Cadoná & Goés, 2015).

Como particularidade, Santa Cruz do Sul traz um histórico vínculo com a produção do tabaco e a atual presença de grupos multinacionais que desenham dinâmicas próprias para o mercado de trabalho da região. Dentre elas, estão a sazonalidade dos empregos, onde alguns trabalhadores permanecem com vínculo empregatício apenas durante seis meses do ano e nos demais meses dependem de outras atividades para a manutenção de sua renda (Cadoná, 2017).

Alinhado com as políticas neoliberais das últimas décadas, o mercado de trabalho do município carrega atributos como relações de trabalho flexíveis, formas inseguras de emprego e crescimento do empreendedorismo (Cadoná, 2017). Acompanhando o cenário nacional, Santa Cruz do Sul possui um crescimento do número de MEIs, contando com mais de 11 mil trabalhadores registrados (Portal do Empreendedor, 2024).

Em termos de fomento ao microempreendedorismo, o município conduz movimentos como a criação do Banco do Povo, auxiliando MEIs através de linhas de crédito, e da Sala do Empreendedor, assistenciando os trabalhadores em questões burocráticas (Prefeitura de Santa Cruz do Sul, 2024). Acrescendo ao cenário, notamos outras iniciativas como oficinas, eventos, incentivos financeiros e tecnológicos, objetivando qualificar, oportunizar negócios e desburocratizar os processos de trabalho do conjunto social (Portal Arauto, 2023; GAZ, 2022, 2023; Mantovani, 2019).

4 METODOLOGIA

Em nossa investigação adotamos uma abordagem qualitativa, onde utilizamos como estratégia a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 2009), favorecendo a captura da complexidade que envolve o tema. Além da revisão teórica, realizamos uma investigação que teve como objetivo compreender como ocorrem as construções de carreira dos MEIs, visualizando a transição EF-MEI. Desse modo, aprofundamos nosso entendimento sobre as relações entre o espaço social, a bagagem histórica-contextual e a carreira dos MEIs, contemplando as experiências da transição, bem como elementos que estiverem presentes nas trajetórias. Assim, partimos de um campo científico existente em direção às interlocuções com a aprendizagem.

A etapa de campo teve uma duração de seis meses, desde a aproximação aos espaços urbanos até o último contato com os participantes. Tal etapa foi inspirada em estudos etnográficos, havendo uma aproximação das pessoas e de seu cotidiano, a observação direta, a presença regular em situações ordinárias vividas, o reconhecimento das suas diversidades e singularidades e o retorno ao grupo pesquisado das informações e dados construídos no estudo (Ferraço, 2007; Rocha & Eckert, 2008; Barros & Carrieri, 2015).

Em regiões periféricas do município, percorremos zonas comerciais tendo em vista a identificação de MEIs circunscritos a estratos econômicos inferiores e oriundos de uma relação empregatícia formal, atendendo aos requisitos da pesquisa. Ainda como pré-requisito para participação no estudo, definimos um mínimo de 18 meses ou mais de atuação como MEI, a fim de que o participante tivesse tempo suficiente para vivenciar processos de aprendizagem na posição de microempreendedor.

Outro recorte da investigação foi a demarcação de duas áreas de atividades de trabalho: serviços de manutenção de veículos e comércio varejista. A definição decorreu do maior número de trabalhadores identificados exercendo tais ocupações na fase de prospecção dos MEIs. A deliberação por duas áreas de atividade nos assegura um número significativo de participantes, considerando um estudo com alto grau de profundidade, e oferece condições de reconhecer aspectos que podem ser coletivos ao conjunto social.

Após a identificação de cada MEI, realizamos a sensibilização para a participação na pesquisa apresentando o propósito e a dinâmica de realização do estudo. Aqueles que aceitaram participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Tivemos a participação de seis MEIs, três deles eram proprietários de estabelecimentos varejistas, comercializando roupas, brinquedos e eletrônicos, e os outros três eram prestadores de serviços automotivos, tendo a lavagem de veículos como principal atividade. Buscando detalhar o perfil

dos participantes da pesquisa, apresentamos a Tabela com os traços socioeconômicos, de formação, trajetória e ocupação dos MEIs.

Tabela 1

MEIs participantes da pesquisa

Participante	1	2	3	4	5	6
Sexo	Mulher	Mulher	Homem	Homem	Homem	Homem
Idade	31	38	40	40	47	49
Raça	Branca	Branca	Parda	Branca	Negro	Branco
Estado civil	Casada	Solteira	Casado	Casado	Casado	Casado
Filhos	2	2	2	1	1	1
Escolaridade	Médio completo	Fundamental incompleto	Médio incompleto	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Fundamental completo
Tempo como MEI	20 meses	24 meses	18 meses	60 meses	36 meses	48 meses
Ramo	Comércio varejista	Comércio varejista	Comércio varejista	Serviços automotivos	Serviços automotivos	Serviços automotivos
Faturamento bruto mensal	2 mil	1 mil	6 mil	3 mil	2 mil	3 mil
Local do negócio	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa
Funcionários	Não	Não	Sociedade com esposa e filho sob demanda	Sobrinho sob demanda	Filho sob demanda	Não

Em termos de representatividade a nível local, as duas atividades estão dentre as áreas com maior número de MEIs registrados no município. Neste ranking, o comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios ocupa o 2º lugar, com um total de 748 trabalhadores, e os serviços de manutenção e reparação mecânica de veículos está na 5ª posição, com 161 pessoas atuando na área (Portal do Empreendedor, 2024).

Em relação às técnicas de coleta de dados, se entrelaçando no tempo e no espaço ao longo do período junto aos participantes, utilizamos três ações que formam a base da pesquisa qualitativa: ler, referindo ao uso de documentos; observar, por meio da técnica da observação; e perguntar, remetendo às narrativas (Corbetta, 2003).

A pesquisa documental consiste em buscar informações e interpretações sobre um assunto em diferentes materiais, sendo que a técnica tem particular importância na pesquisa de fenômenos em andamento (Tight, 2019), caso das dinâmicas que envolvem o MEI. Em nossa investigação, a pesquisa documental abarcou duas categorias: pessoais e institucionais. A primeira categoria teve como fontes atividades em redes sociais, em páginas digitais e arquivos de trabalho (registros administrativos e jurídicos); a segunda incluiu documentos jurídicos, de órgãos governamentais e não governamentais, além de arquivos de mídia. Para a análise

documental, utilizamos três pontos de exploração: pré-análise, exploração do material e a fase interpretativa (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009).

A técnica observacional, por sua vez, constrói significados, reconhece subjetividades e atua na interatividade entre pesquisador e participante (McKechnie, 2008), auxiliando na compreensão profunda e completa dos fenômenos investigados. Tal técnica esteve presente desde o primeiro contato com os participantes, resultando em 54 horas de observação junto aos MEIs e 18 diários de campo registrados. Como estratégia de organização dos diários, utilizamos a ordenação cronológica e temática dos conteúdos. A análise destes materiais avançou a partir das temáticas estabelecidas e apoiada nas características retroativa e cíclica, ou seja, na medida em que as reflexões teóricas avançavam, a análise retornava aos dados coletados e os reexaminava a partir de uma nova perspectiva (Corbetta, 2003).

Já o estudo das narrativas é construído com base em uma tradição sociológica que ilumina a interseção entre biografia, história e sociedade (Mills, 1959). A narratividade faz emergir o passado das pessoas e a construção histórica dos fenômenos sociais, auxiliando na compreensão da realidade contemporânea e oferecendo pistas do futuro. As entrevistas narrativas com os participantes tiveram, cada uma, a duração média de 120 minutos, contemplando a narração central e a subsequente conversa. Após a transcrição das entrevistas procedemos uma análise individual de cada narrativa, onde foram contemplados aspectos temáticos para, posteriormente, realizar a integração analítica entre os relatos e também a socialização da análise dentro do espaço de investigação (Jovchelovitch & Bauer, 2008).

5 A CARREIRA DO MEI SOB O PRISMA DA APRENDIZAGEM

Iniciamos esta seção olhando para o passado dos participantes, resgatando seus primeiros passos e características que influenciarão sua carreira e as dinâmicas de aprendizagem enquanto microempreendedor (Burton, Sørensen, & Dobrev, 2016; Nicolini, 2012). A infância e a adolescência dos participantes traziam características como famílias de baixa renda e o ingresso antes da maioridade em atividades de trabalho, repercutindo em suas trilhas escolares, onde a formação era marcada por hiatos entre anos estudantis. Como resultado, temos suas escolaridades flutuando entre o fundamental incompleto e o médio completo.

Ao resgarmos a formação dos pais, também eram comuns as interrupções ao longo de suas trajetórias escolares, inclusive com maior número de hiatos e abandonos mais prematuros em relação aos participantes. No caso dos pais, em razão das situações socioeconômicas de

necessidade de renda, as histórias colocavam o trabalho em uma posição de alto grau de importância, deixando as trilhas formativas em segundo plano.

Avançando na trajetória dos participantes, notamos que o percurso profissional se desenhava de um modo linear ao longo dos anos, isto é, não existiam mudanças significativas na carreira em termos de ofícios desempenhados. As primeiras ocupações em cargos operacionais ou auxiliares, que se configuravam como um início de carreira comum dos trabalhadores, tendenciavam um caminho onde os posteriores ofícios estavam próximos das atribuições que fizeram parte de suas trajetórias.

Excluindo o período da adolescência, onde as atividades de trabalho traziam altos graus de precariedade, a carreira apresentava uma predominância de experiências em empregos formais em pequenas e médias empresas, onde características como baixos salários, raros benefícios complementares e a carga horária semanal elevada estavam presentes nos vínculos. Em paralelo, os espaços oportunizavam o desenvolvimento de habilidades a partir do aprendizado (relacionamento) com colegas mais experientes e, em menor grau, cursos qualificantes ou treinamentos para o desempenho do ofício, especialmente durante o período inicial na empresa (Gherardi et al., 1998).

Ao longo da carreira, outros cursos complementares oferecidos por instituições de ensino não podem ser tratados como pontos de relevância. Embora possamos citar cursos de curta duração que foram concluídos, eles não possuem relação com as atuais atividades desempenhadas ou não foram aproveitados pelos participantes, que não se recordam dos conteúdos trabalhados, tampouco possuem registros sobre estas formações.

Destacamos ainda que a possibilidade de empreender sempre esteve presente como um interesse entre os trabalhadores. No entanto, as incursões ao empreendedorismo, anteriores à situação atual como MEI, foram breves e acompanhadas de desafios que os levaram a renunciar seus projetos, retornando em seguida ao emprego formal.

Avançando na carreira dos participantes temos a saída do emprego formal e o ingresso no microempreendedorismo, envolvendo características como a falta de preparação para o desempenho da função e a inexistência de tempo para a exploração de oportunidades de mercado. Na maior parte dos casos, esse momento de transição carregava a necessidade de manutenção de uma renda às famílias. Evidenciando a relação entre marcadores sociais, transição e aprendizagem (Gartner, 1985; Jarvis, 2012), tal necessidade transportava rapidamente o trabalhador ao desempenho de uma atividade, o que dificultava o estabelecimento de uma estrutura mínima de recursos e conhecimentos que oferecesse maturidade ao MEI.

O início da atividade microempreendedora trazia novas práticas e atribuições (papéis) aos trabalhadores (Dyer, 1995). Nesta pesquisa identificamos atividades referentes à comercialização/prestação de serviço, administração do negócio, procedimentos burocráticos e uma série de outros tópicos que emergiram no cotidiano. Assim, o trabalho por conta própria exigia do MEI uma multifuncionalidade, onde os deveres se mesclavam dentro de sua rotina.

O olhar situado ao espaço de atuação revelou um ambiente dinâmico (Gudolle et al., 2012), onde os trabalhadores atendiam clientes, prestavam os serviços, esforçavam-se para gerirem seus negócios e mantê-los dentro da legalidade, realizavam a higienização do espaço físico e também se aventuravam em atividades de manutenção de suas estruturas, tais como o conserto de móveis e equipamentos, reparos na rede elétrica e pintura do espaço físico.

No entanto, apesar da necessidade de uma continuidade de ações em todas as áreas, notamos que havia uma preocupação maior com as atividades de vendas e prestação de serviços e com aquilo que existia na dimensão física (ferramentas) (Gherardi et al., 1998; Merriam & Bierema, 2014). Questões como produtos nas prateleiras, reforma do ambiente físico, equipamentos e fachada, eram aspectos colocados como prioridades pelos participantes. Ao mesmo tempo, reconhecemos que os aspectos intangíveis, tais como planejamento e organização de atividades do negócio e uma possível retomada aos estudos, ficavam em segundo plano no que diz respeito à relevância e a frequência de manifestações sobre os assuntos.

Em razão do cenário produtivo do microempreendedor, onde o trabalho era baseado na centralização de atividades pelo participante, qualquer situação nova, diferente e não planejada que ocorresse, estava vinculada à sua ação. Dessa forma, as oportunidades de experienciar processos de aprendizagem eram múltiplas (Didier & Lucena, 2008). Situações como o contato com novos produtos ou técnicas relativas à prestação de serviço, relacionamentos com diferentes atores e a adoção de estratégias de marketing eram exemplos comuns na rotina do MEI.

5.1 Os processos de aprendizagem no ingresso ao microempreendedorismo

Através dos relatos constatamos que o início das atividades como MEI envolveu uma alta carga de oportunidades para processos de aprendizagem, especialmente diante das novas situações e a partir de interações com diferentes atores (Gallon et al., 2016). Buscando apresentar as experiências identificadas, em seguida traremos os detalhes de cada uma das dinâmicas.

Em primeiro lugar, concentramos nossa atenção às práticas no mundo digital, uma vez que o uso da **internet** foi relevante nos processos de aprendizagem na transição entre ocupações. A falta de domínio sobre conteúdos e a necessidade de uma rápida resposta, tornavam essa ferramenta importante na busca de conhecimentos envolvendo o papel de empreendedor e a ocupação desempenhada (Ashford et al., 2018; Gherardi et al., 1998). Basicamente, as incursões digitais eram realizadas procurando conhecimentos nas áreas da prestação de serviço e da comercialização, envolvendo características de produtos.

O Youtube foi a plataforma mais presente no cotidiano dos participantes, os tutoriais e os vídeos de *reviews* (análise sobre produtos) eram os conteúdos que colocavam o recurso como um grande porto de apoio aos MEIs. A flexibilidade de acesso, somada ao baixo custo e as linguagens que alcançam públicos distintos, facilitavam o uso e a compreensão do trabalhador, tornando a utilização dessa ferramenta significativa para sua aprendizagem. Na plataforma, os processos de aprendizagem ocorriam, sobretudo, através da observação e escuta dos materiais que estavam sendo acessados.

Observamos ainda que os trabalhadores acompanhavam perfis do Instagram e Facebook, com destaque para empreendedores de sucesso em suas jornadas. Ao mesmo tempo, não identificamos interações significativas entre o participante e tais perfis, assim como não constatamos a utilização de grupos ou comunidades (de práticas) nas redes sociais como recursos para interação e aprendizagem sobre quaisquer tópicos técnicos (Lave & Wenger, 1991).

No caso das redes sociais, embora não haja intensidade ou regularidade que posicione os canais como pontos marcantes dentro dos processos de aprendizagem dos MEIs, os depoimentos indicam que tal ambiente desempenha um papel de criação de identidade e espelhamento (significados compartilhados e senso de pertencimento) no sentido daquilo que se pode alcançar na carreira, tal como uma fonte de inspiração (Gudolle et al., 2012).

Um dia ainda vou chegar lá, acho que estou no caminho certo, precisa ter paciência, não é fácil... Olhar aquilo me motiva, me traz um gás quando eu preciso, saber que ele começou desse jeito, igual aqui, e hoje tem aquelas condições, me ajuda a não desistir (Participante 6).

A transição entre ocupações também coloca em uma posição de destaque a **família**, evidenciando os diferentes papéis exercidos por ela na relação com o trabalhador, uma vez que o vínculo atuava como ponto de suporte técnico, emocional e reflexivo (Santos, 2018). Em um sentido técnico, os familiares apoiavam o participante em questões que fugiam de suas competências, especialmente em termos de habilidades de gestão, tais como controles

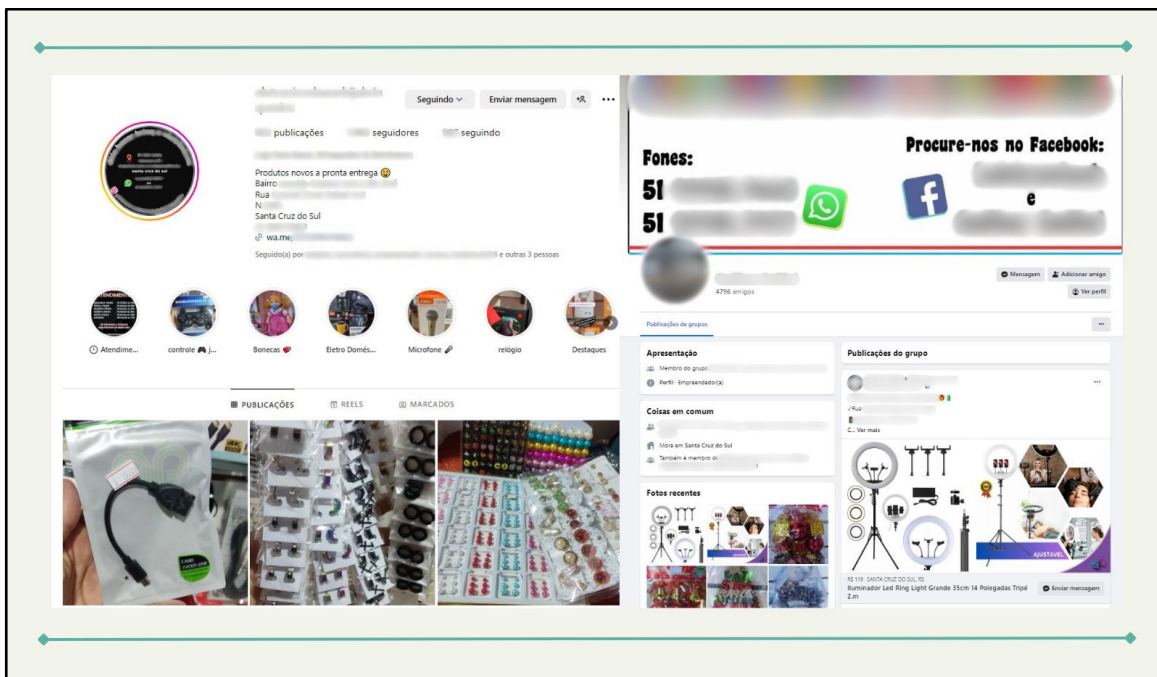
operacionais e divulgação em meios eletrônicos. Já o vínculo emocional atuava como pilar de amparo às dificuldades enfrentadas. Por fim, a proximidade entre familiares e o negócio contribuía para que o MEI tivesse maior interação com pessoas da família no trabalho, resultando em um maior grau de reflexão sobre os assuntos antes de qualquer tomada de decisão.

Minha esposa é minha cabeça, ela que me motiva, faz isso, faz aquilo. Ela me ajuda a organizar as coisas do meu negócio, se não fosse ela já ia ter pisado muito na bola, sempre conversamos antes de qualquer coisa (Participante 5).

Verificamos que os processos de aprendizagem construídos entre MEI e familiares se distribuía de diferentes formas. As construções envolviam desde parentes com maior tempo de vida e longa experiência sobre determinado tópico, até crianças e adolescentes, ainda sem vivências profissionais, mas com domínio de ferramentas digitais. A partir destas relações sociais, os processos de aprendizagem ocorriam por meio de conversas, orientações e atividades desempenhadas conjuntamente (Lave & Wenger, 1991), revelando experiências compartilhadas ligadas a boas práticas do atendimento, estratégias de compra, organização de *layout*, publicações digitais e trocas em termos de habilidades comportamentais. Na Figura 2, apresentada na sequência, é possível observar a rede social (Instagram) de um dos empreendimentos participantes. Destacamos esse material, pois as publicações, muitas vezes, foram realizadas pelo empreendedor sob orientação de seu filho.

Figura 2

Rede social de um empreendimento participante



Cabe destacar que, em muitas oportunidades, notamos dificuldade de aprendizado do MEI nestas relações. Mesmo com uma recorrência de situações orientativas, o trabalhador não desempenhava tal função em razão da falta de entendimento ou prática sobre o tópico. Como resultado, a atividade não era exercida ou ocorria uma absorção da tarefa pelo familiar, que apoiava o trabalhador de maneira intermitente.

Mesmo assim, quanto maior a proximidade de familiares nas atividades, melhores eram as condições para o aprendizado e para a manutenção do empreendimento. Em paralelo, naqueles casos onde não identificamos vínculos de apoio dos familiares nas áreas técnica, reflexiva e emocional, observamos maiores dificuldades de sustentação do negócio.

Ainda observando as relações sociais que nutrem e desenvolvem os processos de “experientiar-aprender” (Santos & Moura, 2021, p. 5), os **clientes** também apareceram como importantes atores para a aprendizagem dos MEIs nesta etapa de transição. Presenciamos diferentes momentos em que, através de conversas, o cliente trazia orientações iniciais que possibilitaram o avanço sobre um conteúdo, geralmente ligado a uma demanda de mercado. Na sequência, identificamos a continuidade de tal processo de aprendizagem por meio de pesquisa com fornecedores, especialmente o diálogo através de ligações telefônicas e conversas no WhatsApp, e na internet, onde foram observadas leituras sobre o conteúdo e reflexões visando uma compreensão do assunto. Entre os prestadores de serviços, novos produtos para utilização na lavagem de carros são exemplos que ilustram esses processos. Para os varejistas, itens

comercializáveis, como brinquedos, acessórios e peças de roupas, são exemplos de itens desconhecidos que foram analisados e inseridos nas prateleiras.

É muito comum o cliente chegar aqui e perguntar sobre um produto que eu não tenho. Quando eu entendo o que é, eu vou atrás e tento comprar para ter na loja. Eu comprava muitas coisas de maneira aleatória, não conseguia vender nada, depois fui entendendo melhor quais eram as mercadorias que meus clientes precisavam, aquilo que eu não posso deixar de ter. Também comprava coisas por um preço muito alto, não valia a pena, depois fui entendendo que precisava comprar melhor (Participante 3).

Outros atores que estavam presentes no contexto do MEI e apresentaram interlocução com a aprendizagem na transição são os **fornecedores**. No entanto, houve diferença entre as áreas de atuação exploradas na pesquisa, se para os prestadores de serviço automotivo os fornecedores não demonstraram relevância, para os MEIs exercendo atividades no comércio, embora não em um grau elevado, existiram indícios de uma relação significativa ao aprendizado.

A comercialização e giro de produtos trazia maior proximidade dos fornecedores. As interações ocorridas no próprio ambiente de trabalho ofereciam uma visão externa de um ator que circulava em empreendimentos semelhantes. Interessados no bom desempenho dos MEIs, os fornecedores auxiliavam com orientações básicas de gestão, tais como *layout*, disposição dos produtos, marcas e tendências. Desencadeando os processos de aprendizagem do MEI, tais conversas carregavam indicações técnicas e exemplos reais de outros empreendedores, facilitando a absorção do conteúdo pelo trabalhador.

Agora faz tempo que ele não vem aqui, mas ele (se referindo ao fornecedor) é meu anjo, sempre me auxilia com as dúvidas que eu tenho, e não são poucas viu (sorrindo abertamente)! Eu sei que para ele é bom que eu esteja bem, mas nossa relação ajuda muito além, já evitei de fazer muita coisa errada... Sem contar que os produtos que ele me indica e as dicas de marketing são ótimas (Participante 1).

O **Sebrae** foi a única instituição identificada como fomentadora de aprendizagens nessa transição de carreira, contemplando tópicos comportamentais, de gestão e burocráticos. Essa relação foi registrada apenas durante o ingresso no microempreendedorismo, onde os MEIs, além de receberem uma orientação inicial acerca da tipologia jurídica, participaram de formações nas áreas de compras, vendas e comportamento empreendedor. A Figura 3 apresenta os registros fotográficos feitos durante a etapa de campo dos materiais (documentos pessoais) referentes aos cursos e orientações recebidas pelos participantes.

Figura 3

Registros fotográficos de materiais apresentados pelos participantes



Observando o cotidiano dos trabalhadores em busca dos conteúdos que foram pauta destes de momentos, no entanto, não identificamos em suas práticas aprendizados referentes a tais tópicos. Os MEIs declararam não terem alcançado uma construção de conhecimentos sólida o suficiente para transformarem os conteúdos relacionados aos cursos formativos em ações em seu trabalho.

Estendendo nosso olhar para os processos de qualificação formais e de caráter presencial, cabe destacar que dificilmente observamos dinâmicas desta natureza nos relatos dos participantes. Além de suas histórias de afastamento dos estudos escolares, as características do trabalho microempreendedor atuam no distanciamento deste modelo de ensino. A individualidade, o acúmulo de atividades e a rotina de trabalho estendida eram fatores que contribuíam para que o trabalhador se distanciasse destas formações, especialmente as presenciais.

Entre os participantes havia uma sensação de que os cursos formais não atendiam suas necessidades de aprendizagem e que os conteúdos disponibilizados eram dessintonizados de seu contexto.

No segundo curso, fui pensando que seria diferente do primeiro, mas foi muito parecido. Aquilo que era falado, as ferramentas de gestão (gesticulando aspas com as mãos) eram

muito difíceis e parecia complicado de aplicar no meu dia a dia... Aí desisti e não fui mais, não se encaixava muito para mim (Participante 3).

Mesmo em um cenário atual, onde a formação passa a ser vista como ponto relevante dentro de uma trajetória profissional (Van der Heijden & De Vos, 2015), sua posição ainda é periférica para os participantes. Seja em razão das situações socioeconômicas que se mantiveram frágeis ou pelos exemplos oferecidos pelos familiares, o padrão se repetia e a distância entre trabalhadores e o ensino formal e presencial era mantida.

Os processos de aprendizagem descritos nesta seção possuem o traço de serem orientações preliminares, oferecendo um norte ao trabalhador para que, posteriormente, ele avance através destas coordenadas. Dessa maneira, os processos de aprendizagem iniciados a partir da incursão na internet, no relacionamento com a família, com os clientes, com os fornecedores e com o Sebrae, não eram concluídos na própria interação, mas dependiam de uma continuidade dada pelo trabalhador no sentido de exercitar ou buscar informações complementares que pudessem dar robustez ao conhecimento. A Figura 4 apresenta os processos de aprendizagem descritos nesta seção.

Figura 4

Processos de aprendizagem na transição EF-MEI

Atores e canais	Processos de aprendizagem	Microcontextos	Características	Conteúdos dos aprendizados
Internet	Observação e escuta dos materiais acessados.	Práticas em casa e no trabalho, com interrupções em razão de atividades profissionais e pessoais.	Incursões digitais buscando tutoriais e vídeos de reviews.	Áreas da prestação de serviço e comercialização, envolvendo características de processos e produtos.
Familiares	Interações e atividades desempenhadas conjuntamente.	Interações em diferentes momentos e locais (jornada de trabalho ou períodos de folga).	Além do suporte técnico, o vínculo familiar atuava como ponto de apoio emocional e reflexivo.	Práticas de atendimento, estratégias de compra, organização de <i>layout</i> , publicações digitais e habilidades comportamentais.
Clientes	Interações preliminares que possibilitaram o avanço posterior sobre um conteúdo.	Interações no trabalho sem planejamento e, após, pesquisas com maior profundidade.	Após o primeiro contato eram feitas ligações telefônicas, diálogos no WhatsApp e leituras na internet sobre os conteúdos.	Novos produtos e processos e itens comercializáveis, tais como brinquedos, acessórios e peças de roupas.
Fornecedores	Interações e indicações técnicas.	Interações realizadas no ambiente de trabalho, com maior tempo dedicado ao assunto.	Os diálogos traziam indicações técnicas e exemplos de outros empreendedores.	Orientações básicas de gestão, tais como <i>layout</i> , disposição dos produtos, marcas e tendências.
Sebrae	Orientações e processos formais de qualificação.	Interações no trabalho e formações na Instituição, com apoio de metodologias e recursos audiovisuais.	Interações com agentes de orientação empresarial e formações com profissionais especializados.	Tipologia jurídica, estratégias de compras, vendas e comportamento empreendedor.

Envolvendo experiências, relacionamentos, observações e acontecimentos emergidos na rotina, as práticas no ambiente de trabalho (*knowing-in-practice*) são elevadas a uma posição de destaque em termos de aprendizagem do MEI. Observando os conhecimentos construídos, tanto ao longo das trajetórias (Merriam, 1999), como nas dinâmicas existentes dentro das atividades na ocupação microempreendedora, os achados da pesquisa indicam que os processos de aprendizagem ocorridos nos espaços de trabalho foram a principal via de formação dos participantes (Bispo & Mello, 2012; Nicolini, 2012). Assim, o aprender estava no cotidiano, nos pequenos detalhes e nos acontecimentos vivenciados ao longo dos meses (Didier & Lucena, 2008).

5.2 Características dos processos de aprendizagem na transição

Os achados nos sinalizam pontos relevantes acerca do desencadeamento dos processos de aprendizagem na transição EF-MEI. Na maior parte das vezes, tínhamos como características

a necessidade de solução como ponto de partida do processo e a imposição por uma resposta rápida à demanda, exigindo que o processo de busca pelo aprendizado ganhasse velocidade.

Como a rotina gerava ações em diferentes áreas e envolvia a necessidade de conhecimentos momentâneos, eram comuns, por exemplo, processos como as incursões aos canais de vídeos em busca de tutoriais sobre diferentes assuntos e interações pelo celular (mensagens e videochamadas) com pessoas experientes no tópico.

Especialmente para os participantes que atuavam no ramo de serviços automotivos, havia uma recorrência de uso dos tutoriais e execução de serviços com base nas instruções oferecidas. No entanto, embora caracterize-se como uma prática comum, notamos que no momento em que os participantes se depararam com a mesma necessidade, retornavam ao vídeo e repetiam o processo, apoiando-se nas explicações por algumas vezes.

Analisando os traços da dinâmica de aprendizagem (Jarvis, 2012), diferente de um andamento planejado, que traria um tempo maior de preparação e entendimento sobre o conteúdo, a reatividade e a velocidade não favoreciam a solidificação do conhecimento. Notamos que na mesma velocidade em que os momentos de aprendizagem eram gerados, também eram desconsiderados pelos MEIs, que logo partiam para outras atividades do cotidiano, reduzindo a possibilidade dos momentos representarem mudanças significativas em termos de conhecimento.

Processos de aprendizagem como os identificados pareceram ser rápidos e sem processos que os validassem. A inexistência de um tutor (e de uma relação social contínua) que tenha domínio sobre o assunto, a não repetição e a falta de reflexão sobre aquilo que foi experienciado, indicaram a construção de conhecimentos superficiais (Lave & Wenger, 1991; Rodrigues, 2017). Por mais que as experiências existissem e fossem recorrentes, as configurações tornavam a aprendizagem incipiente e de curto prazo.

Outro ponto de análise está na relação entre as diferentes áreas do empreendimento e a atenção oferecida pelo trabalhador para cada uma delas. Reconhecemos um protagonismo entregue ao “fazer”, como os participantes referem as atividades de comercialização e prestação de serviço, e a desconsideração de outras tarefas que envolviam o pensar no negócio, especialmente aquelas administrativas.

Observamos que os participantes tendiam a priorizar não apenas a execução das atividades de comercialização e prestação de serviço, mas também ofereciam maior atenção às aprendizagens voltadas para esta área.

Parece haver uma interlocução de tais configurações de comportamento com as carreiras (Sullivan & Baruch, 2009). A predominância em posições de trabalho na trajetória que

possuíam como atividade central o fazer, em conjunto com a individualidade do trabalhador e a fragilidade econômica do negócio justificavam as investidas em processos de aprendizagem na direção de conhecimentos que poderiam trazer respostas rápidas, preferencialmente aquelas que impactavam nos rendimentos, formando um padrão decorrente das trajetórias dos participantes (Tran et al., 2019).

Ao mesmo tempo, notamos áreas desassistidas pelos MEIs, com destaque à gestão do empreendimento. Os assuntos administrativos, onde estão pilares como planejamento, organização e controle, bem como atividades financeiras e de marketing, não recebiam uma atenção significativa por parte dos participantes em sua execução e em termos de dedicação a aprendizagem.

Como consequência, havia uma série de dificuldades, onde podemos citar as repercussões negativas da carência de comunicação, da inexistência de controles financeiros e da falta de monitoramento sobre os pequenos estoques e produtos necessários para as atividades de prestação de serviços. Por trás, além do somatório de papéis e da fragilidade de conhecimentos dos trabalhadores, estão as carreiras (Gunz et al., 2011), onde há uma lacuna entre MEIs e habilidades voltadas ao gerenciamento.

Antes de se tornarem MEIs, a carreira dos participantes dificultava o exercício do papel de gestor, uma que vez ocupavam cargos operacionais e sem oportunidades de qualificação na área administrativa. Em diferentes oportunidades, os diálogos evidenciaram o desconhecimento de tópicos de gestão, mostrando que eles não aparecem como respostas lógicas para os problemas enfrentados.

Aqui na lavagem eu preciso vender, chamar os clientes para deixarem o carro aqui, cuidar dos carros é o meu chão... Essa organização pode ficar para depois, minha meta é ter esse pátio cheio de carros, aí sim, com calma posso pensar nessas outras coisas (se referindo às atividades de gestão do negócio) (Participante 5).

Mesmo que nos diálogos os processos de aprendizagem voltados para a área tenham emergido como assunto em algumas oportunidades, dificilmente identificamos iniciativas ou conhecimentos desta natureza sendo aplicados pelos participantes.

5.3 Subjetividades e experiências como empregado e microempreendedor

A partir das experiências dos participantes em ambientes organizacionais na carreira, especialmente em empregos formais em pequenas, médias ou grandes empresas, reconhecemos

as subjetividades e experiências que traçam a relação entre as antigas ocupações e a atual atividade (Burton et al., 2016). Em geral, havia uma sensação de isolamento, minimizada entre aqueles que possuíam algum familiar no convívio diário.

Sob a ótica da aprendizagem, como principal ponto destacado estava a carência do convívio (relações sociais) e a consequente construção de conhecimentos com os antigos colegas de trabalho (Hansman, 2001; Jarvis, 2012). A rotina da empresa oferecia oportunidades de relacionamentos com altos níveis de interação, confiança e proximidade, facilitando a aprendizagem. Em conjunto, os relatos rememoram as capacitações oferecidas pelas empresas onde os participantes tiveram a oportunidade de aprenderem seus ofícios com tempo, supervisão de pessoas qualificadas (relação entre mestre e aprendiz) e metodologias apropriadas para aquele momento (Lave & Wenger, 1991).

Comecei só lavando os carros lá, depois ganhei o mundo, andei até de avião, fui para três cidades diferentes fazer curso de mecânica, ficava em hotel, era muito legal. Aprendi muita coisa na época (...). Hoje tento acompanhar pelos vídeos no Youtube as novidades (Participante 5).

Como MEI, além de uma configuração de trabalho onde a relação de aprendizagem informal com os colegas passa a não existir, as percepções eram de que o suporte e os canais de apoio oferecidos pelas empresas, anteriormente, não são compensados pelas atuais oportunidades existentes no campo do microempreendedorismo. Afora os cursos oferecidos pelo Sebrae, dedicados a práticas administrativas e outros conteúdos disponíveis em diferentes canais digitais (Mantovani, 2019), não identificamos espaços destinados à preparação do trabalhador para o desempenho de seu ofício.

Evocando a perspectiva de tempo na observação da aprendizagem (Hughes, 1937), era comum que, durante o período de adaptação de suas funções como MEI, o trabalhador recorresse aos conhecimentos construídos ao longo de sua carreira. Desse modo, o desempenho do microempreendedorismo, mesmo que muitas vezes ocorresse de maneira precária, era parcialmente sustentado pelos conhecimentos construídos dentro das ocupações formais anteriores.

Além disso, notamos que atividades anteriores no papel de empreendedor ao longo da carreira não pareceram ser um qualificador para a experiência como MEI. Os participantes do estudo que assumiram tal papel em momentos anteriores, não demonstram como essa etapa contribui para sua atividade hoje. Inclusive, os desafios enfrentados outrora, como a falta de dedicação ao gerenciamento do negócio, se reapresentam nos mesmos moldes no presente.

Olhando para o contexto de trabalho, à primeira vista, o microempreendedorismo pode nos remeter a um contexto onde há uma grande quantidade de oportunidades para criação de relacionamentos significativos ao trabalhador. Possibilidades de interação com clientes, fornecedores, concorrentes, empreendedores das redondezas e atores institucionais são alguns exemplos. No entanto, o cenário identificado trazia traços de uma atuação mais solitária, sem uma quantidade significativa de conexões e presença de outras pessoas (Mayrhofer et al., 2007).

A sobrecarga de atividades no empreendimento, o acúmulo de papéis pessoais e profissionais, o porte do negócio e a localização periférica eram fatores que influenciavam na dificuldade de construção destes relacionamentos, ocasionando uma individualidade e precarização nas configurações de trabalho do MEI.

Além disso, o distanciamento social decorrente da pandemia e os efeitos do pós-evento contribuíram para acentuar tal individualidade (Eaton & Heckscher, 2021). Os relatos evidenciaram alterações nas dinâmicas de relacionamentos, onde amigos, vizinhos e outros empreendedores passaram a adotar maior cautela no contato. Em conjunto, fornecedores assumiram estratégias digitais de interação, restringindo a comunicação à venda e sem espaço para as interações anteriores.

Diante de um contexto de atuação individualizada e de relacionamentos diluídos, os MEIs executavam suas atividades, na maior parte das vezes, sem a existência de debates, diálogos ou consultas a pessoas com maiores níveis de experiência, o que, por sua vez, não oportunizava a construção de conhecimentos. Geralmente, a lacuna gerada pela escassez de relacionamentos acarretava em dificuldades como retrabalho, maiores custos financeiros e maior investimento de energia no desempenho de ações.

5.4 O porvir da aprendizagem na carreira

O olhar dos MEIs para o futuro de suas trajetórias traz pontos significativos sob a ótica da aprendizagem (Merriam, 1999). Inicialmente, reconhecemos a relação entre suas perspectivas e os ambientes escolares ou cursos qualificantes. Em comum entre os participantes estava o fato de que a retomada do ensino fundamental, médio e o ingresso no ensino superior ou a participação em trilhas de qualificação não eram opções presentes dentro de seus panoramas. Naquele momento, o olhar visando o desenvolvimento das habilidades, do negócio ou melhores oportunidades no mercado de trabalho, não contemplava a via da aprendizagem formal.

Outro aspecto relevante era a falta de clareza sobre quais caminhos seriam trilhados. Embora os participantes manifestassem objetivos de longo prazo, raramente nossos diálogos com eles conseguiam adentrar no conteúdo localizado entre o presente e o objetivo, não existindo planos sobre a forma como as projeções seriam realizadas.

Era comum a inexistência de planejamentos ao longo das carreiras, a tendência sempre era a necessidade de uma busca rápida por soluções para problemas e questões que se avizinhavam, não havendo a possibilidade de experienciar o pensar no futuro. Considerando a frequência de tal característica nas vivências e as próprias percepções (subjetividades) dos participantes acerca de sua baixa capacidade de agir (agência) sobre o futuro (Vaclavik et al., 2021), não havia uma predisposição, aprendizado ou hábito para traçarem seus próximos passos, configurando uma espécie de bloqueio no desenvolvimento desta ação.

6 CONCLUSÕES

O trabalho teve como objetivo compreender os processos de aprendizagem envolvidos na carreira de trabalhadores que experienciaram a transição EF-MEI. Para tanto, analisamos as histórias dos participantes, suas subjetividades, seus relacionamentos e os espaços sociais percorridos ao longo de sua trajetória, destacando a constituição interativa entre tais elementos e a aprendizagem.

A situação dos MEIs e seus processos de aprendizagem são marcados por aspectos do passado da carreira (Mayrhofer et al., 2007), tais como a fragilidade econômica das famílias de origem, o afastamento dos estudos escolares e as ocupações operacionais. Tais contornos produzem um cenário de precarização do trabalho e flexibilidade reduzida para conciliar aspectos entre vida pessoal e profissional, bem como uma trajetória onde o poder de agência sempre foi comprimido.

Ao observarmos estas características notamos as interlocuções com a aprendizagem ao longo das trajetórias e nas atuais ocupações (Hansman, 2001; Weber, 1999). A linearidade da carreira dos participantes, ocupando cargos operacionais e em áreas semelhantes, somada à baixa capacidade de dirigir suas escolhas, constrói um quadro de saberes voltados à execução operacional e distancia o trabalhador de outras experiências capazes de somar conhecimentos voltados ao microempreendimento.

Desse modo, temos carreiras onde os protagonistas para os processos de aprendizagem dos trabalhadores são os ambientes de trabalho (Bispo & Mello, 2012), espaços que carregam as experiências mais significativas, sejam em termos de relacionamentos ou qualificações

oferecidas pelas empresas. Esse cenário se repete na transição para o MEI, com diferenças em razão do menor número de interações significativas à aprendizagem e nos tipos de processos existentes, uma vez que ocorrem de maneira autônoma e sem supervisão profissional.

Em destaque entre os processos de aprendizagem identificados estavam as incursões na internet, e os relacionamentos com a família, clientes, fornecedores e Sebrae, onde cada uma destas dinâmicas envolvia características e conteúdos de aprendizado particulares. Em comum aos processos, notamos uma não repetição das práticas e a falta de reflexão sobre aquilo que foi experienciado, indicando a construção de conhecimentos superficiais (Lave & Wenger, 1991; Rodrigues, 2017).

A trajetória e as interações com o contexto não permitiram uma qualificação adequada para o exercício das atividades como empreendedor (Cuervo et al., 2007). Em conjunto, os processos formais de aprendizagem, especialmente aqueles voltados para o gerenciamento do empreendimento, ao não existirem de modo significativo na carreira, produzem dificuldades nesta área do negócio.

Os resultados oferecem condições de propormos contribuições para o campo teórico em foco, sendo a primeira delas referente à importância do olhar longitudinal que o conceito de carreira traz à concepção de aprendizagem (Hughes, 1937; Merriam, 1999), especialmente quando olhamos a ação das construções passadas nas dinâmicas atuais (Barros & Carrieri, 2015). O trabalho evidencia o vínculo dos pontos antecedentes para a compreensão do presente, onde há sinais dos espaços sociais, como os ambientes escolares e os de trabalho, e das experiências, como aquelas nas empresas que qualificaram os trabalhadores e ao mesmo tempo deixaram lacunas em termos de habilidades.

A argumentação de que a análise da aprendizagem não pode ser compreendida pensando no MEI como uma categoria única, mas necessita contemplar grupos de atividades distintos e em diferentes territórios é nosso segundo ponto de contribuição teórica. Tal ótica nos permite visualizar múltiplos conjuntos sociais dentro de um universo, cada qual com suas particularidades e necessidades (Briscoe et al., 2018).

Em relação às contribuições práticas, a primeira diz respeito às oportunidades para pensarmos em cursos qualificantes sobre gestão do negócio com metodologias que privilegiam o tangível, ou seja, a realidade dos empreendimentos dos MEIs. O baixo impacto das capacitações executadas pelas instituições parceiras do MEI, a falta de atenção oferecida à gestão do negócio pelos participantes e a prioridade dada pelos mesmos a aspectos tangíveis são pontos que fundamentam essa perspectiva. Formações apoiadas na visualização material

das dinâmicas e dos conteúdos podem ser uma alternativa para que os resultados alcancem uma transformação significativa entre trabalhadores com o perfil em destaque neste trabalho.

A segunda contribuição decorre da identificação de espaços para a construção de políticas públicas ou institucionais que tenham como objetivo a formação de coletividades (comunidades) e, por consequência, interações e criação de habilidades (Lave & Wenger, 1991). O incentivo a inserção dos MEIs em espaços formativos por meio de estratégias de atração envolvendo o compartilhamento de vivências com pares, poderia ser uma alternativa no sentido de atuar em duas frentes necessárias ao desenvolvimento econômico e social destes empreendimentos: as coletividades e a formação técnica.

Para além do relacionamento entre os próprios microempreendedores, fica claro que a interação entre MEI e outros atores é um ponto significativo à aprendizagem (Gherardi et al., 1998; Santos & Moura, 2021), favorecendo as atividades e minimizando complexidades do cotidiano. No entanto, a raridade de vínculos que possam exercer um papel de construção ao aprendizado demonstra o espaço existente para as relações de qualidade e acende o alerta para os riscos que a individualidade pode trazer aos negócios.

Para concluir, entendemos que o olhar para o microempreendedorismo através das lentes da aprendizagem é uma forma de observar com atenção esse conjunto social que ainda carece de apoio. A conjunção destes conceitos, somada à análise individual e social, atrelada aos elementos temporais e contextuais, nos ofereceu subsídios para identificar as interlocuções existentes durante suas trajetórias e propor contribuições visando o desenvolvimento destes trabalhadores.

Referências

- Ashford, S. J., Caza, B. B., & Reid, E. M. (2018). From surviving to thriving in the gig economy: A research agenda for individuals in the new world of work. *Research in Organizational Behavior*, 38, 23-41. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2018.11.001>
- Barros, A., & Carrieri, A. D. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150205>
- Baruch, Y. (2015). Organizational and labor markets as career ecosystem. In A. De Vos & B. Van der Heijden (Eds.), *Handbook of Research on Sustainable Careers* (pp. 164-180). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Briscoe J., Dickmann M., Hall T., Parry E., Mayrhofer W., & Smale A. (2018). Career Success in Different Countries: Reflections on the 5C Project. In M. Dickmann, V. Suutari, & O. Wurtz (Eds.), *The Management of Global Careers* (pp. 117-148). Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-76529-7_5

- Burton, M. D., Sørensen, J. B., & Dobrev, S. D. (2016). A careers perspective on entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(2), 237-247. <https://doi.org/10.1111%2Fetap.12230>
- Cadoná, M. A. (2017). Dinâmicas Regionais de Desenvolvimento, Trabalho e Organização dos Mercados Urbanos de Trabalho: uma Análise a Partir de Cidades Médias do Rio Grande do Sul. *Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul*, 22(3), 343-357. doi: 10.17058/redes.v22i3.7567
- Cadoná, M. A., & Góes, C. H. (2015). Dinâmicas Regionais de Mercado de Trabalho: uma análise a partir do Mercado de Trabalho na Cidade de Santa Cruz do Sul (RS). *Revista de Ciências Humanas*, 16(27), 99-115.
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- CMAP, Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas. (2022). *Relatório de Avaliação Microempreendedor Individual (MEI) - Ciclo 2021*. Brasília. Recuperado de <https://bit.ly/DEAP-SETO>
- Corbetta, P. (2003). The use of documents. In P. Corbetta (Ed.). *Social Research: Theory Methods and Techniques* (pp. 287-309). London: Sage.
- Cuervo, Á., Ribeiro, D., & Roig, S. (Eds.) (2007). *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective*. New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Didier, J. M. D. O. L., & Lucena, E. D. A. (2008). Aprendizagem de praticantes da estratégia: contribuições da aprendizagem situada e da aprendizagem pela experiência. *Organizações & Sociedade*, 15(44), 129-148. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302008000100007>
- Dyer, W. G. Jr. (1995). Toward a theory of entrepreneurial careers. *Entrepreneurship theory and practice*, 19(2), 7-21. <https://doi.org/10.1177%2F104225879501900202>
- Eaton, A. and Heckscher, C. (2021), COVID's Impacts on the Field of Labour and Employment Relations. *Journal Management Studies*, 58, 275-279. <https://doi.org/10.1111/joms.12645>
- Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul - Fecomércio - RS. (2022). *Mapa do Emprego 2022: o perfil do emprego formal gaúcho*. Recuperado de <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiODgwNTI2ZjktOGRmZS00MDE4LTlhN2MtYzQ1YWU5NDQ5YzIxIiwidCI6ImQxZGVhNzViLWFiMDUtNDkyZC1hNmU1LWZmZmU3Yjc2Y2M5NCIsImMiOiR9&pageName=ReportSection48ba13d52066c678c06e>
- Ferraço, C. E. (2007). Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, 28(98), 73-95.
- Gallon, S., Magalhães, B., Viana, D. D., & Antonello, C. S. (2016). Formas de aprendizagem e saberes no trabalho de manicures. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(1), p. 96-112.
- Gartner, W. B. (1985). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of management review*, 10(4), 696-706. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4279094>

- GAZ (2022, Fevereiro 21). Secretaria da Fazenda lança aplicativo para microempreendedores emitirem nota fiscal. *Gaz.com.br*. Recuperado de <https://www.gaz.com.br/secretaria-da-fazenda-lanca-aplicativo-para-microempreendedores-emitirem-nota-fiscal/>
- GAZ (2023, Abril 24). Senac realiza 17ª Feira de Oportunidades. *Gaz.com.br*. Recuperado de <https://www.gaz.com.br/senac-realiza-17a-feira-de-oportunidades-na-semana-que-vem-veja-como-se-inscrever/>
- Gherardi, S. (2008). Situated knowledge and situated action: What do practice-based studies promise. In D. Barry & H. Hansen (Eds.), *The SAGE Handbook of New Approaches in Management and Organization* (pp. 516-525). SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.4135/9781849200394>
- Gherardi, S., & Nicolini, D. (2001). The Sociological Foundations of Organizational Learning. In M. Dierkes, A. Berthoin Antal, J. Child, & I. Nonaka (Eds.), *Handbook of Organizational Learning and Knowledge* (pp. 35-60). New York: Oxford University Press.
- Gherardi, S., Nicolini, D., & Odella, F. (1998). Toward a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situated curriculum. *Management Learning*, 29(3), 273-297. <https://doi.org/10.1177/1350507698293002>
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1982). Epistemological and methodological bases of naturalistic inquiry. *ECTJ*, 30(4), 233-252.
- Gudolle, L. S., Antonello, C. S., & Flach, L. (2012). Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13, 14-39. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712012000100002>
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620. <https://doi.org/10.1177%2F0170840611421239>
- Hansman, C. A. (2001). Context-Based Adult Learning. In S. B. Merriam (Ed.), *The New Update on Adult Learning Theory. New Directions in Adult and Continuing Education* (n. 89). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hoselitz, B. (1957). Noneconomic Factors in Economic Development. *The American Economic Review*, 47(2), 28-41.
- Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American journal of sociology*, 43(3), 404-413.
- Hughes, E. C. (1958). *Men and their work*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Igwe, P. A., Newbery, R., Amoncar, N., White, G. R., & Madichie, N. O. (2018). Keeping it in the family: exploring Igbo ethnic entrepreneurial behaviour in Nigeria. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 26(1), 34-53. <https://doi.org/10.1108/IJEER-12-2017-0492>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022). *População estimada em 2021 de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>

- Jarvis, P. (2012). *Adult Learning in the Social Context*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203802724>
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2008). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed., pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815355>
- Lawrence, B. S. (2011). Careers, social context and interdisciplinary thinking. *Human Relations*, 64(1), 59-84. <https://doi.org/10.1177/0018726710384293>
- Low, M. B., & MacMillan, I. C. (2007). Entrepreneurship: Past Research and Future Challenges. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 131-153). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Mantovani, E. (2019, setembro). O lugar do Sebrae na Construção Social do Microempreendedor Individual em Santa Cruz Do Sul. In *Anais do 10o Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, RS.
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 215- 240). Los Angeles: Sage.
- McKernie, L. E. F. (2008). Observational research. In L. M. Given (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 573-575). London: Sage.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Merriam, S. B. (1999). Time as the Integrative Factor. In M. C. Clark, & R. S. Caffarella (Eds.), *An Update on Adult Development Theory: New Ways of Thinking About the Life Course* (n. 84, pp. 67-75). San Francisco: John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/ace.8408>
- Merriam, S. B., & Bierema, L.L. (2014). *Adult learning: Linking theory and practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Mills, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. New York: Oxford Univ. Press.
- Moraes, J. P., Closs, L. Q., Costa, S. D. M., & Helal, D. H. (2023). Lugar, Mobilidade Sistêmica e Aprendizagem Situada nas Disposições das Juventudes Populares. *Educação & Sociedade*, 44, <https://doi.org/10.1590/ES.263186>
- Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction*. London: Oxford.
- Portal Arauto (2023, Janeiro 9). Prefeitura lança edital para patrocínio de eventos em 2023. [Portalarauto.com.br](https://www.portalarauto.com.br). Recuperado de <https://www.portalarauto.com.br/Pages/219769/prefeitura-lanca-edital-para-patrocinio-de-eventos-em-2023>

- Portal do Empreendedor. (2024). *Estatísticas*. Brasília. Recuperado de <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.
- Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2024). *Secretaria Municipal da Fazenda e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo*. Recuperado de <https://www.santacruz.rs.gov.br/home>
- Eckert, C., & da Rocha, A. L. C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, 9(21). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>
- Rodrigues, D. G. (2017). *Aprendendo a ser autor da ação empreendedora: narrativas compartilhadas e situadas no alto sertão paraibano* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Rosenfield, C. (2015). Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 115-128. <https://doi.org/10.17666/3089115-128/2015>
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15.
- Santos, G. T. dos, & Moura, E. O. de. (2021, maio). Contribuições da Perspectiva Sociológica e da Aprendizagem Baseada em Prática à Aprendizagem Organizacional. *Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, On-line, 7. Recuperado de http://anpad.com.br/pt_br/event/details/111#navsidebar-1784
- Santos, G. T. dos. (outubro, 2018). A Aprendizagem dos Docentes a partir da Perspectiva Situada no contexto da Pós-Graduação em Administração. *Anais do Encontro da Anpad*, Curitiba, Paraná, 42.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. (2016). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. (2019). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/013_0319_APRE_MEI_v15_principais-resultados-inicio.pdf
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. (2022). *5ª Edição da Pesquisa Perfil do MEI*. Brasília.
- Souza, M. M., & Borges, L. de O. (2020). Salão parceiro na prática: submissão ou autonomia?. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218817>
- Souza, F. A. S. de, & Lemos, A. H. C. da. (2020). A origem como destino: trajetórias profissionais de faxineiras terceirizadas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(4), 74-92. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i4.45779>

- Stoyanov, S., & Stoyanova, V. (2021). Learning how to learn and then doing it all over again: The evolving learning modes of migrant entrepreneurs. *International Small Business Journal*, 1-28. <https://doi.org/10.1177/02662426211016449>
- Sullivan, S. E., & Baruch, Y. (2009). Advances in Career Theory and Research: A Critical Review and Agenda for Future Exploration. *Journal of Management*, 35(6), 1542-1571. <https://doi.org/10.1177/0149206309350082>
- Sullivan, S. E., & Al Ariss, A. (2021). Making sense of different perspectives on career transitions: A review and agenda for future research. *Human Resource Management Review*, 31(1), <https://doi.org/10.1016/j.hrmmr.2019.100727>
- Tight, M. (2019). *Documentary Research in the Social Sciences*, 1-232. Sage Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781529716559>
- Tran, H., Baruch, Y., & Bui, H. T. M. (2019). On the way to self-employment: The dynamics of career mobility. *The International Journal of Human Resource Management*. <https://doi.org/10.1080/09585192.2019.1640267>
- Vaclavik, M. C., Rocha-de-Oliveira, S., & Oltramari, A. P. (2021). Proteus looks around: agency, time and context in a Gig Economy career analysis. *BAR – Brazilian Administration Review*, 18(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2021200098>.
- Van der Heijden, B. I., & De Vos, A. (2015). Sustainable careers: Introductory chapter. In A. De Vos, B. I. Van Der Heijden (Eds.), *Handbook of research on sustainable careers* (pp. 1-19). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Weber, M. A (1999). *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira.
- Wenger, E. (2018). A social theory of learning. In K. Illeris (Ed.), *Contemporary Theories of Learning: Learning Theorists... In Their Own Words* (2a ed., pp. 219-228). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315147277>

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Fim? A jornada não acaba aqui” (J.R.R. Tolkien)

Enquanto pesquisadores, envolvidos com uma temática e engajados no sentido de transformar realidades, temos o compromisso de questionar novas configurações de trabalho, movimentações do mercado laboral, padrões de carreira contemporâneos e formas de aprendizagem das pessoas envolvidas nestas dinâmicas (Hirschi, 2018; Tran et al., 2019; Vaclavik et al., 2021). Estudar esses tópicos de maneira próxima dos trabalhadores nos oferece condições de entender suas histórias, seus desafios e seu cotidiano, ampliando nossas chances de promover interlocuções entre as investigações e ações que alcançam impacto nesse campo de pesquisa.

A transição de trabalhadores saindo do emprego formal em direção ao microempreendedorismo não só é um fenômeno estabelecido em nosso País, mas uma esfera onde há espaço para diferentes incursões investigativas. Diante desse cenário, escolhemos estar junto de trabalhadores que atuam em regiões periféricas, em atividades com baixa especialização, entendendo que este grupo carece de maior atenção e ação dos pesquisadores.

No conjunto dos quatro artigos apresentados, sustentamos a tese de que as construções de carreira e as dinâmicas de aprendizagem vivenciadas na transição do EF-MEI pelos trabalhadores, dados seus perfis profissionais e em face dos quadros contextuais (micro e macro) experienciados, não oferecem condições de mudança (agência) aos mesmos, levando a projeções de continuidade de suas frágeis conjunturas socioeconômicas e de precarização no trabalho.

Para tanto, adotamos uma postura qualitativa, que nos possibilitou trilhar caminhos distintos em busca de fontes de informação que se complementassem. Como base do estudo, a pesquisa exploratória dos conceitos e das temáticas que compõem a tese nos possibilitou delinear os caminhos a serem percorridos durante a investigação e serviu como alicerce para fundamentar nossas reflexões. Para a exploração do campo, utilizamos como estratégia a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 2009), favorecendo a captura da complexidade que envolve o tema. Em relação às técnicas de coleta de dados, se entrelaçando no tempo e no espaço, utilizamos três ações que formam a base da pesquisa qualitativa: ler, referindo ao uso de documentos; observar, por meio da técnica da observação; e perguntar, remetendo às narrativas (Corbetta, 2003). As investigações empíricas ocorreram por meio de:

- a) Pesquisa em documentos pessoais e institucionais, onde exploramos diferentes fontes, tais como arquivos de trabalho, páginas digitais, atividades em redes sociais, arquivos jurídicos, de órgãos governamentais e não governamentais, além de arquivos de mídia, com objetivo de apreender dinâmicas, interações e conteúdos relacionados a carreira e a aprendizagem do trabalhador, bem como visualizar panoramas quantitativos e contextuais sob diferentes óticas;
- b) Entrevistas narrativas com cada um dos 6 participantes, que tiveram uma duração média de 120 minutos, contemplando a narração central e a subsequente conversa, para resgatar suas trajetórias de vida e compreender suas construções de carreira e processos de aprendizagem;
- c) Observações ao longo de seis meses, que totalizaram 54 horas junto aos MEIs e 18 diários de campo registrados, tendo em vista a proximidade do cotidiano e a nossa submersão nas práticas vivenciadas pelos trabalhadores em seu microcontexto de vida.

Mencionamos ainda que após a conclusão das análises, retornamos ao campo para apresentar preliminarmente os resultados aos seis participantes da pesquisa. Esse momento, além de sustentar nossa posição ontoepistemológica de construção conjunta, permitiu confirmar percepções captadas ao longo do trajeto metodológico, como também excluir interpretações da análise acerca de subjetividades daqueles que são os protagonistas da tese (Guba & Lincoln, 1982; Maurente & Tittoni, 2007).

Ao longo da caminhada de pesquisa, mantivemos firmeza quanto à postura ética. Seguindo as reflexões apreendidas no curso de doutorado, especialmente fundamentadas nas reflexões de Jeanes (2016) e McGowan (2020), mais do que uma ética processual, atuamos com uma ética ligada ao indivíduo, ao contexto situado da pesquisa, ao processo de ingresso e contato ao campo e aos participantes. Essa ética envolveu um cuidado, uma sensibilidade com o outro, um pensar a quem devemos responsabilidade, um senso de empatia e uma obrigação para não expor ou machucar os participantes.

Seguindo esses passos, o **objetivo geral** desta tese, que era compreender como ocorrem os processos de aprendizagem nas construções de carreira de trabalhadores que vivenciaram a transição do EF-MEI, foi alcançado através da consecução dos quatro objetivos específicos estabelecidos, cujo resgate é feito a seguir.

- a) **Articular os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem para o estudo dos processos de aprendizagem na carreira de empreendedores.**

O primeiro objetivo específico da tese foi atendido a partir do artigo teórico apresentado, que teve como objetivo **realizar uma interlocução entre os quadros conceituais de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, buscando elementos de contribuição para o estudo da aprendizagem nas construções de carreira de empreendedores.**

A discussão foi fundamentada a partir de um olhar para o passado dos três conceitos e também com base em seus estudos contemporâneos, seguindo em direção à sua articulação. Assim, fomos capazes de apresentar uma estrutura teórica que colocou à disposição seis elementos: tempo, contexto, indivíduo, relações sociais, experiências e ferramentas. Esse conjunto de elementos possibilitou abraçar o cenário onde residem as construções de carreira de pessoas que possuíam suas atividades de trabalho ligadas ao empreendedorismo, o que permite, por sua vez, compreender os processos de aprendizagem de tais indivíduos.

Para fundamentar o entendimento sobre essa série de elementos teóricos, que julgamos ser essenciais para o propósito do trabalho, primeiro sublinhamos a importância de observar o empreendedor, sua carreira e a sua aprendizagem através da dimensão temporal (Hughes, 1937; Hoselitz, 1957; Merriam, 1999). Em seguida, debatemos a importância de contextualizar o espaço da carreira e da aprendizagem do empreendedor (Cuervo, Ribeiro, & Roig, 2007; Hansman, 2001; Hughes, 1937; Mayrhofer, Meyer, & Steyrer, 2007; Merriam, 2018; Weber, 1999). Na sequência, discutimos o olhar sobre o indivíduo, considerando todos os seus contornos sociais, objetivos e subjetivos, assim como defendemos a relevância das relações sociais, das experiências e das ferramentas para pesquisas sobre o empreendedor e sua trajetória, que, por sua vez, impactam em suas aprendizagens, tal como são impactados pelas mesmas (Arthur, Hall, & Lawrence, 1989; Dyer, 1995; Gartner, 1985; Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011; Jarvis, 2012; Lave & Wenger, 1991).

Trabalhando de modo integrado e holístico a interlocução entre os três conceitos (Muzio & Doh, 2021), avançamos analiticamente em aspectos macro e microssociais, tais como o olhar à pessoa como indivíduo-social, a perspectiva histórica, o elemento espaço-tempo, e as dimensões objetiva e subjetiva.

Assim, buscamos trazer uma estrutura teórica que pudesse ser utilizada como ponto de partida para o nosso e para outros estudos, entendendo que a conjunção desses quadros reforça a importância dos elementos para o campo, abre espaço para incursões científicas em diferentes áreas investigativas e não restringe novos elementos de se aproximarem do quadro teórico.

A interlocução também sustentou um desafio aos *mainstreams* dos conceitos, onde a figura do empreendedor ainda é predominantemente tratada como um sinônimo de inovação, a

carreira ainda é discutida principalmente sob as noções de agência e ênfase na realização pessoal, e na aprendizagem ainda prevalecem as observações restritas ao indivíduo.

Para finalizar, entendemos que as reflexões teóricas, além de solidificarem elementos importantes para a nossa análise, como a visão temporal, contextual, relacional e dinâmica, encontraram ressonância na realidade brasileira do empreendedorismo contemporâneo, oferecendo uma base importante para refletirmos, na sequência da tese, sobre a figura do microempreendedor, incluindo seus diferentes traços e atividades.

b) Construir um percurso metodológico qualitativo que contribua para a investigação de MEIs.

Sob a fundamentação teórica desenvolvida no primeiro artigo, partimos em uma caminhada metodológica que envolvesse nossas raízes de pesquisa e possibilitasse uma aproximação do campo e dos participantes do estudo, entendendo que apenas desse modo, alcançaríamos o objetivo geral do trabalho. Assim, o atendimento do segundo objetivo específico foi realizado a partir do segundo artigo, cujo objetivo foi **apresentar as contribuições que um percurso metodológico de pesquisa qualitativa pode oferecer a estudos que se proponham à investigação dos MEIs.**

Levando em consideração as características do enquadramento jurídico do MEI e o universo heterogêneo que configura esse grupo, fundamentamos o estudo em traços conceituais da abordagem qualitativa e de três técnicas de pesquisa: entrevista narrativa, observação e pesquisa documental (Ana & Lemos, 2018; Denzin & Lincoln, 2018; Patias & Hohendorff, 2019; Rubin, 2021). Apoiados na literatura e a partir de nossas vivências em campo, exibimos um percurso metodológico experimentado e construído a partir do contexto de pesquisa e das características dos participantes.

Ao longo do trabalho discorremos sobre as contribuições que a abordagem metodológica e as técnicas de pesquisa podem oferecer aos estudos que envolvam o MEI, apontando seus benefícios para o campo empírico e à literatura sobre o tema. Além de sustentar trabalhos de campo, o estudo contribui ao fortalecer uma estratégia metodológica que busca se somar às atuais representações sobre o microempreendedorismo, auxiliando uma construção científica próxima do trabalhador, ciente de suas particularidades, imersa em suas práticas e inserida em seu contexto de atuação (Nogueira, 2019).

Seguindo tal direção, podemos enxergar os diferentes contornos relacionados a esses trabalhadores, acrescentando contrastes e ampliando olhares sobre os mesmos. Partindo dos

esforços acadêmicos, o fortalecimento de uma vertente qualitativa no campo dos MEIs, em um sentido de construção de resultados sólidos de pesquisa, permite que a comunidade científica visualize a importância da aproximação entre pesquisadores e MEIs (Aspers & Corte, 2019; Bratich, 2018). Isso pode incentivar outras incursões em direções semelhantes, provocando a criação de um retrato denso do universo microempreendedor no Brasil.

Por estes motivos, acreditamos que a elaboração de pesquisas que sigam a direção proposta neste trabalho, originando sua construção do contexto e da proximidade dos MEIs, favorece a investigação da realidade, do cotidiano, das vivências e dos desafios, possibilitando o encontro de pontos fundamentais para o avanço científico e prático desse campo.

c) Analisar as construções de carreiras de indivíduos que experienciaram a transição do EF-MEI.

O terceiro objetivo específico foi atendido a partir do artigo intitulado “As construções de carreira na transição do emprego formal ao microempreendedorismo”, cujo objetivo foi **compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição EF-MEI, exercendo atividades que exigem baixa especialização em uma região urbana periférica.**

Partindo de uma investigação do microespaço social da pesquisa e do seu contexto ampliado, analisamos as carreiras dos participantes fazendo uma analogia dessa trajetória como uma viagem, contemplando elementos objetivos e subjetivos, bem como as interações existentes nessas trajetórias. Adotamos uma abordagem metodológica qualitativa básica, utilizando três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevistas narrativas.

Os dados foram apresentados através das construções de carreira dos participantes, onde dividimos as trajetórias em uma linha temporal com cinco etapas, descrevendo as características de cada período. Em cada um destes momentos nos concentramos na investigação de aspectos que demonstraram importância nas dinâmicas existentes envolvendo a transição EF-MEI:

- i. Origens e adolescência: resgate dos traços da infância (trabalho e educação) e da estrutura familiar (condições socioeconômicas) dos participantes;
- ii. Maioridade e o percurso profissional: caracterização das experiências (subjetividades e objetividades) e dos espaços sociais percorridos na jornada do trabalhador (contexto ampliado), especialmente os ambientes de trabalho;

- iii. O microempreendedorismo: detalhamento da transição do EF-MEI, observando traços de perfil, da ocupação anterior, do negócio constituído e de eventos contextuais que atravessaram o período;
- iv. Cotidiano presente: exibição de um retrato sobre o atual momento de trabalho do MEI, envolvendo o microcontexto, incluindo os espaços físicos vivenciados, e os relacionamentos, contemplando os papéis identificados, o conteúdo das interações e as possíveis coletividades;
- v. Projeções de carreira: identificação das perspectivas de carreira dos microempreendedores (integrando as esferas pessoal e profissional) e interlocução com suas experiências do passado e presente.

Articulando os achados com o quadro teórico de carreira e empreendedorismo, fomos capazes de encontrar as interações existentes ao longo da trajetória dos participantes (Lawrence, 2011), identificando as dinâmicas subjetivas e objetivas ao nível do indivíduo (Arthur et al., 1989; Dyer, 1995), as interações com atores que fizeram parte da vida dos MEIs, bem como as forças organizacionais e contextuais que atuaram sobre suas histórias (Hughes, 1937; Mayrhofer et al., 2007).

Desse modo, descortinamos trajetórias semelhantes, envolvendo, sobretudo, aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos relacionais de suporte e ausência de planejamento na mudança do EF-MEI. Também evidenciamos fragilidades no momento de transição, tais como o insucesso na busca por oportunidades de emprego formal antes do ingresso no microempreendedorismo e a velocidade requerida em busca de renda para atender a conjuntura socioeconômica da família. Em conjunto, examinando conteúdos que envolvem o quadro teórico de carreira, tópicos como o desenvolvimento constante, agência ou procura de significado não foram elementos centrais para explicarmos essas transições.

Seguindo a analogia proposta no início da análise, observando a carreira do MEI como uma viagem, entendemos que a mala pesada portada pelos trabalhadores, dificulta as ações em razão da falta de autonomia e também não permite que eles incluam em seus pertences experiências, habilidades e vivências mais ricas que abram novas perspectivas de futuro profissional.

d) Analisar os processos de aprendizagem vivenciados pelos indivíduos no movimento de transição EF-MEI.

O quarto e último objetivo desta tese permitiu a ligação entre as construções de carreira dos microempreendedores e os processos de aprendizagem envolvidos na transição EF-MEI, bem como ao longo de sua trajetória. Por meio do artigo intitulado “A Aprendizagem nas Construções de Carreira dos Microempreendedores Individuais: uma análise a partir da transição do emprego formal ao microempreendedorismo”, avançamos na **compreensão dos processos de aprendizagem envolvidos na carreira desses trabalhadores**, observando tais dinâmicas no momento da transição entre ocupações.

Partindo da aprendizagem situada (Gherardi et al., 1998), buscamos identificar elementos teóricos que também permeiam as noções de empreendedorismo visto sob uma base teórica sociológica e da perspectiva de ecossistema de carreira (Weber, 1999; Baruch, 2015). Desse modo, construímos um quadro teórico para o estudo dos processos de aprendizagem na carreira dos MEIs, onde estavam elementos como tempo, contexto, indivíduo, relações sociais, experiências e ferramentas.

Sob essa ótica, analisamos as características que emergiram do indivíduo, explorando temas como traços pessoais, subjetividades e marcadores sociais, bem como os processos de aprendizagem, formas de trabalho e experiências vivenciadas (Gartner, 1985; Mayrhofer et al., 2007; Jarvis, 2012; Merriam, 2018). Ao mesmo tempo, analisamos relacionamentos, grupos, organizações e o espaço social, para, posteriormente, visualizarmos as interações existentes entre os elementos da pesquisa (Hughes, 1958; Weber, 1999; Gherardi & Nicolini, 2001; Lave & Wenger, 1991; Santos & Moura, 2021).

Os resultados mostraram como a carreira e os processos de aprendizagem foram marcados pelo passado dos MEIs, onde estavam presentes questões como a fragilidade socioeconômica de suas famílias, o afastamento dos estudos escolares e as ocupações operacionais. Desse modo, encontramos carreiras onde os ambientes de trabalho protagonizaram processos de aprendizagem dos trabalhadores, espaços que carregavam as experiências mais significativas, sejam em termos de relacionamentos ou qualificações oferecidas pelas empresas. Esse cenário se assemelhava na transição EF-MEI, com diferenças em razão do menor número de interações significativas à aprendizagem e nos tipos de processos existentes, uma vez que ocorreram de maneira autônoma e sem supervisão profissional.

Em destaque entre os processos de aprendizagem identificados estavam as incursões na internet, e os relacionamentos com a família, clientes, fornecedores e Sebrae, onde cada uma destas dinâmicas envolvia características e conteúdos de aprendizado particulares. Em comum aos processos, notamos uma não repetição das práticas e a falta de reflexão sobre aquilo que foi

experienciado, indicando a construção de conhecimentos superficiais (Lave & Wenger, 1991; Rodrigues, 2017).

A trajetória e as interações com o contexto não permitiram uma qualificação adequada para o exercício das atividades como empreendedor. Em conjunto, os processos formais de aprendizagem, especialmente aqueles voltados para o gerenciamento do empreendimento que, inexistentes de modo significativo na carreira, produziam dificuldades no negócio.

Mesmo assim, o cotidiano dos MEIs apresentava subterfúgios em termos de processos de aprendizagem para dirimir as dificuldades em razão de um cenário flexível e instável oferecido pelo empreendedorismo. A internet, por meio da facilidade de acesso, apresentava-se como um grande ponto de apoio quando havia necessidade de algum conhecimento. Em paralelo, as interações com diferentes atores, tais como a família, os clientes e os fornecedores, mesmo que, por vezes, não apresentassem um impacto direto, ainda representavam abrigos importantes às aprendizagens e ao suporte emocional dos trabalhadores.

Ao final, é importante destacar que a aprendizagem no cenário de vida do MEI vai muito além de programas ou políticas públicas que o envolvem apenas no nível individual. As estratégias que buscam o desenvolvimento dessa camada produtiva devem considerar o seu contexto de trabalho de modo ampliado. Isso quer dizer que é preciso incluir aspectos como, por exemplo, políticas que promovessem uma sustentação de aspectos que circundam a vida do microempreendedor, tais como creches para os filhos e acesso facilitado a orientações regulatórias e legais. Medidas assistenciais às famílias e melhorias da infraestrutura à comunidade e ao negócio, poderiam permitir que o trabalho dos MEIs se desenvolvesse assentado em bases socioeconômicas mais sólidas.

3.1 Contribuições e originalidade da tese

Aproximando-se do final da escrita dessa tese, gostaríamos de destacar as principais contribuições teóricas e práticas decorrentes do alcance do objetivo do trabalho, que ao mesmo tempo permitem sublinhar a originalidade da pesquisa e o esforço empreendido ao longo de nossa trajetória:

- a) Articulamos os quadros teóricos de empreendedorismo, carreira e aprendizagem, exibindo elementos que podem contribuir, não apenas para o estudo da aprendizagem na carreira de micro ou pequenos empreendedores, mas como uma estrutura teórica que utilize, em conjunto ou separadamente, os conceitos. Nosso entendimento é de que a

intersecção proposta reforça uma perspectiva necessária às pesquisas, onde a linha temporal é visualizada, contexto e indivíduo estão entrelaçados, assim como as relações sociais, as experiências e as ferramentas estão incluídas na análise. Desse modo, não restringimos as investigações a óticas reducionistas, pelo contrário, incentivamos incursões científicas a utilizarem elementos complementares, que por sua vez, trazem solidez aos resultados de pesquisa.

- b) Constituímos um quadro de contribuições da abordagem qualitativa de pesquisa e das técnicas de observação, pesquisa documental e entrevistas narrativas, detalhando quais são os efeitos produzidos a partir de seu uso ao campo de estudo dos MEIs. Ao mesmo tempo, sublinhamos quais são os benefícios da utilização conjunta das técnicas, evidenciando os potenciais resultados decorrentes desta triangulação (Lune & Berg, 2017).
- c) Apresentamos uma trajetória de pesquisa experimentada e (re)construída a partir do contexto e das características dos participantes, oferecendo coordenadas aos pesquisadores e sustentação de trabalhos que tenham a intenção de seguir a mesma direção e observar o conjunto social dos MEIs.
- d) Desafiamos *mainstreams* estabelecidos nos campos teóricos do empreendedorismo e carreira, vinculados à noção de agência, espírito empreendedor e realização pessoal, e traços atrelados ao campo do MEI, como inovação, tecnologia, crescimento e flexibilidade (Hall et al., 2018; Rummel et al., 2019; Salgado, 2021).
- e) Detalhamos as construções de carreira e os processos de aprendizagem de um grupo de participantes que trazia características como a atuação em regiões periféricas de um município e as atividades de trabalho de baixa especialização, atendendo aos chamados por pesquisas que envolvessem conjuntos sociais distantes dos tradicionalmente analisados (Briscoe et al., 2018; Stoyanov & Stoyanova, 2021).
- f) Exploramos as relações e as condições de trabalho de uma forma emergente de empreendedorismo, evidenciando as situações individuais de trabalho e permitindo que os dados possam ser utilizados em interfaces ao nível internacional (Cho et al., 2016; De Jager et al., 2016; Todolí-Signes, 2017).
- g) Aprofundamos nosso olhar para uma transição de carreira envolvendo o EF-MEI, identificando os processos de ajuste na trajetória do indivíduo e reconhecendo as relações entre as duas configurações de trabalho (Brown, 2015; Chudzikowski et al., 2009). O modo de análise contextual e temporal para investigações de eventos específicos, também permite compreender os conteúdos e as interlocuções existentes

em cada um dos momentos, sendo isso especialmente importante para pesquisas que reúnem os conceitos do trabalho (Burton, Sørensen, & Dobrev, 2016; Briscoe et al., 2018; Gherardi, 2018).

- h) Reconhecemos as dinâmicas de relacionamentos nas carreiras e nos processos de aprendizagem (Arthur et al., 1989; Bispo & Mello, 2012; Santos & Moura, 2021; Wenger, 2018), evidenciando o espaço existente para maior interação entre instituições de apoio, órgãos públicos e os MEIs, além da proximidade dos vínculos familiares com a transição emprego-MEI. Assim, ao refletirmos sobre implicações práticas para políticas públicas tendo em vista conjuntos sociais semelhantes ao pesquisado, demonstramos que os aspectos a serem fomentados transcendem questões técnicas organizacionais, envolvendo outras dimensões da vida do empreendedor.
- i) Articulamos o olhar longitudinal que o conceito de carreira traz à concepção de aprendizagem (Hughes, 1937; Merriam, 1999), revelando a interlocução das construções passadas nas dinâmicas atuais (Barros & Carrieri, 2015) para reforçar a importância de uma visão temporal no estudo dos processos de aprendizagem.
- j) Identificamos espaços para a construção de políticas públicas ou institucionais que tenham como objetivo a formação de coletividades (comunidades) e, por consequência, interações e desenvolvimento de habilidades (Jarvis, 2012; Lave & Wenger, 1991). Demonstramos que o incentivo à inserção dos MEIs em espaços formativos por meio de estratégias de atração envolvendo o compartilhamento de vivências com pares, poderia ser uma alternativa no sentido de atuar em duas frentes necessárias ao desenvolvimento econômico e social destes empreendimentos: as coletividades e a formação técnica.
- k) Adotando uma visão da aprendizagem para além do indivíduo-microempreendedor, de suas atividades e capacidades cognitivas, ampliamos o retrato analítico da aprendizagem para o contexto de atuação de um grupo de trabalhadores pouco explorado na literatura, envolvendo seu espaço social, interações e experiências (Santos & Moura, 2021; Wenger, 2018).

Por fim, ainda cabe uma última contribuição prática, onde propomos uma ampliação de conteúdos e alteração na dinâmica de coleta, análise e apresentação dos dados referentes aos relatórios sobre o perfil do MEI, iniciativa realizada pelo Sebrae a cada dois anos. O atual modelo de investigação dos dados caracteriza-se como um retrato estático no tempo, não contemplando aspectos antecessores que influenciam para a construção do presente cenário

exibido no relatório. Além disso, os relatórios concentram-se, majoritariamente, em dados ligados à dimensão indivíduo-microempreendimento, restringindo a visualização de elementos contextuais que estão conectados ao cotidiano do trabalhador.

Nesta tese, expressamos a importância de se visualizar tanto a linha temporal de trajetória do microempreendedor, oferecendo uma análise sobre as interlocuções existentes entre passado e presente, como também os traços de um contexto (macro e micro) onde o trabalhador está localizado e que interage com suas dinâmicas de trabalho.

Dessa forma, defendemos que a pesquisa realizada pelo Sebrae para a produção do perfil do MEI passe a investigar a trajetória microempreendedora, coletando dados do passado, tais como as características (organizações e ocupações) de suas trajetórias profissionais, bem como amplie os questionamentos para o contexto de vida do trabalhador, reunindo dados, por exemplo, acerca de sua composição e estrutura socioeconômica familiar. Entendemos que o aceite de tal proposta, ao mesmo tempo em que traria maiores subsídios para definição de políticas públicas, também ofereceria aos pesquisadores acesso a um cenário sólido, ampliado e longitudinal para direcionarem suas investigações.

3.2 Limitações e possibilidades de investigações futuras

Ainda que a tese tenha alcançado seu objetivo e tenha possibilitado avançar na compreensão dos processos de aprendizagem nas construções de carreira de trabalhadores que vivenciaram a transição do EF-MEI, reconhecemos aspectos que podem ser vistos como limitações do estudo.

O número de participantes da pesquisa, seis (6), e a escolha por duas atividades laborais (comércio varejista e serviços de manutenção de veículos) para integrarem o estudo são os primeiros elementos que devem ser considerados nesta seção. Esses limitadores se desenharam a partir de nossas vivências na etapa de campo.

Inicialmente, enfrentamos dificuldade na localização de MEIs que possuíam os traços definidos no projeto. Embora tenhamos identificado um número razoável de empreendedores nas primeiras semanas de aproximação aos locais da investigação, a grande maioria destas pessoas não encaixava-se em nosso recorte de pesquisa. Os principais motivos foram: o enquadramento jurídico distinto ao MEI; o trabalho informal; trabalhadores que utilizavam o enquadramento de maneira fictícia para fins de aposentadoria, não exercendo nenhuma atividade laboral; e pessoas que substituíram a relação de trabalho formal pela figura do MEI e

ainda continuavam desempenhando as mesmas atividades do antigo posto de trabalho, não constituindo-se como uma atividade genuinamente empreendedora.

Mesmo uma planilha de apoio, disponibilizada pela Junta Comercial de Santa Cruz do Sul com os dados dos MEIs cadastrados no município, não foi suficiente para reduzir os desafios de localização dos trabalhadores. A frequente mudança de endereço dos MEIs, o fato dos locais cadastrados, em muitas ocasiões, não serem endereços comerciais, e a falta de informações do empreendimento e dos trabalhadores na planilha, reduziram o grau de relevância do arquivo na etapa de coleta, motivo pelo qual a planilha não foi mencionada na etapa metodológica.

A metodologia proposta, alinhada a uma análise em contexto, também elevou o grau de desafio na identificação dos microempreendedores. A necessidade de existência de um espaço físico onde pudéssemos estar presentes durante o desempenho das atividades, restringiu o perfil dos MEIs que poderiam fazer parte da pesquisa. Como exemplo de empreendedores que não estiveram ao alcance do estudo, estão aqueles que exerciam atividades de prestação de serviço com visitas a domicílios de terceiros, caso de pedreiros e pintores, que não possuem um estabelecimento comercial.

Reconhecemos que o maior número de participantes da pesquisa, sobretudo em uma única área de trabalho, além de permitir a investigação de outras trajetórias e experiências particulares de MEIs, poderia conferir uma profundidade ainda maior aos resultados e trazer contribuições próprias ao campo laboral de uma atividade.

Outro aspecto de nossa pesquisa que pode ser visto como uma limitação e deve ser abordado neste momento é o território da pesquisa. Nosso estudo foi conduzido dentro de um território geográfico particular, com suas características histórico-sociais e os traços delineados nos microcontextos onde os participantes vivenciaram suas histórias. Sendo assim, o estudo de outras realidades, sejam elas no próprio município, ou até mesmo em outras regiões do Brasil, pode descortinar achados importantes nos campos temáticos propostos nesta tese.

Ainda que julguemos como importante ressaltar os aspectos que podem ser vistos como limitadores em nosso estudo, especialmente para contemplar perspectivas distintas à nossa, os aspectos em destaque nesta seção devem ser vistos como características de uma jornada de pesquisa que seguiu preceitos ontoepistemológicos, linhas conceituais e também encontrou desafios ao longo de sua trajetória.

Também cabe destacar que, embora seja nossa interpretação que as configurações e dinâmicas apresentadas no trabalho possam ser de caráter comum a milhares de outros microempreendedores, nossa intenção não é pela generalização dos dados, mas pela sua

densidade. Sendo assim, mesmo que não tenhamos alcançado uma quantidade maior de participantes, uma única área de atividade laboral ou ampliado geograficamente nossa investigação, tivemos proximidade com os participantes e uma profundidade nos dados, atributos que buscamos desde o início do estudo.

Além disso, poderíamos apresentar outras limitações de ordem metodológica, analítica e conceitual, que, se excedidas, poderiam auxiliar na apreensão de outras contribuições práticas e teóricas para o campo dos MEIs e dos conceitos que envolvem o presente trabalho. Deste modo, os espaços em aberto permitem uma continuidade da exploração do microempreendedorismo e dos desdobramentos decorrentes das configurações de empreendedorismo, carreira e aprendizagem.

Campos não explorados, áreas não alcançadas e indagações não respondidas neste trabalho esboçam sugestões de pesquisas futuras:

- Quais outras perspectivas de análise e quadros teóricos podem contribuir às investigações sobre o microempreendedorismo?
- Para conjuntos como o dos MEIs, especialmente aqueles advindos do emprego formal, quais são as alternativas na esfera da coletividade (cooperativismo, associativismo ou comunidades de práticas) que poderiam dirimir os efeitos gerados pela sensação de afastamento das relações sociais?
- De que formas os canais digitais podem ser utilizados como ferramentas no que concerne às habilidades destes trabalhadores?
- Quais são as estratégias de aprendizagem mais adequadas para o desenvolvimento profissional de trabalhadores que enfrentam realidades semelhantes às aquelas identificadas na pesquisa?
- Como as organizações têm configurado suas práticas de trabalho e os discursos na área de Gestão de Pessoas visando manter os trabalhadores engajados através dos contratos de trabalho flexíveis permitidos pelo enquadramento jurídico do MEI?
- De que forma conseguirá o poder público e as instituições de apoio atuarem de maneira mais efetiva em suas ações, transpassando iniciativas horizontais e agindo sobre a heterogeneidade dos conjuntos sociais inseridos no universo microempreendedor?
- Quais ações cabem ao poder público ao nível municipal tendo em vista o apoio aos empreendedores em condições de vulnerabilidade socioeconômica?

- Que medidas podem ser tomadas na esfera dos direitos trabalhistas para enfrentar os efeitos negativos gerados ao trabalhador frente às novas configurações de trabalho possibilitadas pelo enquadramento do MEI?
- Como o fenômeno da transição do EF-MEI tem se manifestado em outros países (desenvolvidos e em desenvolvimento)? Quais são as configurações produzidas a partir desta movimentação nos níveis individual, organizacional e contextual?

Após tantos anos trabalhando diretamente com o conjunto social dos MEIs, neste momento nos sentimos à vontade para sublinhar que as indagações apresentadas não são apenas registros de uma agenda de pesquisa para terceiros. Lançamos a intenção de continuidade de estudo e ação no campo dos MEIs, uma vez que nos encontramos envolvidos pela temática e pelo conjunto social.

Os questionamentos apresentados, para além de oferecerem diretrizes às investigações, carregam o objetivo de elevar preocupações e pontos de contribuição relativos ao microempreendedorismo, demonstrando a importância das discussões futuras e os esforços que colocam em sua agenda esse grupo localizado na base da pirâmide econômica e social do Brasil.

Ao fim, destaco que a finalização desta tese significa, para além da conclusão da caminhada doutoral, o impulsionamento para trilhar novos caminhos em minha carreira, obrigado.

Referências

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: Sage Ltda. <https://www.doi.org/10.4135/9781446270035>
- Ana, W. P. S., & Lemos, G. C. (2018). Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 4(12). <http://dx.doi.org/10.21920/recei72018412531541>
- Aspers, P., & Corte, U. (2019). What is qualitative in qualitative research. *Qualitative sociology*, 42(2), 139-160. <https://doi.org/10.1007/s11133-019-9413-7>
- Ansiliero, G., Costanzi, R. N., & Fernandes, A. Z. (2020). *Análise descritiva das políticas públicas de inclusão previdenciária dos trabalhadores autônomos: o plano simplificado de previdência social e o microempreendedor individual*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea.
- Arnau, T. S., Martí, J. A. T., & Estivalis, M. L. (2020). De clandestinos a extranjeros: burocracia, dominación y aprendizaje situado en la comunidad marroquí de Sant Mateu (Castellón, España). *Revista de educación*, 387(6), 141-162. <http://dx.doi.org/10.4438/1988-592X-RE-2020-387-442>
- Arthur, M. B., Hall, D. T., & Lawrence, B. S. (Eds.) (1989). *Handbook of career theory*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511625459>
- Ashford, S. J., Caza, B. B., & Reid, E. M. (2018). From surviving to thriving in the gig economy: A research agenda for individuals in the new world of work. *Research in Organizational Behavior*, 38, 23-41. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2018.11.001>
- Barros, A., & Carrieri, A. D. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150205>
- Beech, N., Brown, A. D., Coupland, C., & Cutcher, L. (2021). Learning from difference and similarity: Identities and relational reflexive learning. *Management Learning*, 52(4), 393-403. <https://doi.org/10.1177%2F13505076211038900>
- Benatti, L. N., da Silva, E. E., & Prearo, L. C. (2021). Microempreendedores individuais e o desenvolvimento econômico nos municípios paulistas de 2010 a 2014. *Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business. Early View* <https://doi.org/10.14211/regepe.e1676>
- Bratich, J. (2018). Observation in a surveilled world. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 911-945). London: Sage.
- Bispo, M. D. S., & Mello, A. S. D. (2012). A miopia da aprendizagem coletiva nas organizações: existe uma lente para ela?. *Gestão & Planejamento*, 13(3), 728-745.
- Briscoe J., Dickmann M., Hall T., Parry E., Mayrhofer W., & Smale A. (2018). Career Success in Different Countries: Reflections on the 5C Project. In M. Dickmann, V. Suutari, & O.

- Wurtz (Eds.), *The Management of Global Careers* (pp. 117-148). Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-76529-7_5
- Brown, A. (2015). Mid-career reframing: the learning and development processes through which individuals seek to effect major career changes. *British Journal of Guidance & Counselling*, 43(3), 278-291. <http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2015.1028888>
- Burrell, G. (2007). Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In S. Clegg, C. Hardy, & W. Nord (Eds.), *Handbook de estudos organizacionais* (pp. 437-460). São Paulo, SP: Atlas.
- Burton, M. D., Sørensen, J. B., & Dobrev, S. D. (2016). A careers perspective on entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(2), 237-247. <https://doi.org/10.1111%2Fetap.12230>
- Cantillon, R. (2011). *Essai sur la nature du commerce en général*. Paris: Institut Coppet.
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Castañon, G. A. (2015). O que é construtivismo. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 1(2), 209-242.
- Cho, Y., Robalino, D., & Watson, S. (2016). Supporting self-employment and small-scale entrepreneurship: potential programs to improve livelihoods for vulnerable workers. *IZA J Labor Policy*, 5(7). <https://doi.org/10.1186/s40173-016-0060-2>
- Chudzikowski, K., Demel, B., Mayrhofer, W., Briscoe, J. P., Unite, J., Bogićević Milikić, B., Hall, D. T., Heras, M. L., Shen, Y., & Zikic, J. (2009). Career transitions and their causes: A country-comparative perspective. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 82(4), 825-849. <https://doi.org/10.1348/096317909X474786>
- Colbari, A. de L. (2015). Do Autoemprego ao Microempreendedorismo Individual: desafios conceituais e empíricos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4(1), 165-189. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v4i1.10909>
- Corbetta, P. (2003). The use of documents. In P. Corbetta (Ed.). *Social Research: Theory Methods and Techniques* (pp. 287-309). London: Sage.
- Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. London: Sage.
- Cuervo, Á., Ribeiro, D., & Roig, S. (Eds.) (2007). *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective*. New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- De Jager, W., Kelliher, C., Peters, P., Blomme, R., & Sakamoto, Y. (2016). Fit for self-employment? An extended Person–Environment Fit approach to understand the work–life interface of self-employed workers. *Journal of Management & Organization*, 22(6), 797-816. <https://doi.org/10.1017/jmo.2016.41>

- DeLuca, G., Rocha-de-Oliveira, S., & Chiesa, C. D. (2016). Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(4), 458-476. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016140080>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 29-71). London: Sage.
- Duarte, M. F. de, Machado, D. Q. de, & Silva, A. L. (2018). Interfaces do discurso sustentável na noção contemporânea de carreira. *Organizações e Sustentabilidade*, 6(1), 23-43. <http://dx.doi.org/10.5433/2318-9223.2018v6n1p23>
- Dyer, W. G. Jr. (1995). Toward a theory of entrepreneurial careers. *Entrepreneurship theory and practice*, 19(2), 7-21. <https://doi.org/10.1177%2F104225879501900202>
- Eaton, A., & Heckscher, C. (2021). COVID's Impacts on the Field of Labour and Employment Relations. *Journal of Management Studies*, 58(1), 275-279. <https://doi.org/10.1111/joms.12645>
- Gartner, W. B. (1985). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of management review*, 10(4), 696-706. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4279094>
- Gartner, W. B. (2007). Is there an elephant in entrepreneurship? Blind assumptions in theory development. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 229-243). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Gherardi, S. (2018). Practices and knowledges. *Teoria e Prática em Administração*, 8(2), 33-59. <http://dx.doi.org/10.21714/2238-104X2018v8i2S-38857>
- Gherardi, S., & Nicolini, D. (2001). The Sociological Foundations of Organizational Learning. In M. Dierkes, A. Berthoin Antal, J. Child, & I. Nonaka (Eds.), *Handbook of Organizational Learning and Knowledge* (pp. 35-60). New York: Oxford University Press.
- Gherardi, S., Nicolini, D., & Odella, F. (1998). Toward a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situated curriculum. *Management Learning*, 29(3), 273-297. <https://doi.org/10.1177/1350507698293002>
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1982). Epistemological and methodological bases of naturalistic inquiry. *ECTJ*, 30(4), 233-252.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620. <https://doi.org/10.1177%2F0170840611421239>
- Hall, D. T., Yip, J., & Doiron, K. (2018). Protean careers at work: Self-direction and values orientation in psychological success. *Annual Review of Organizational Psychology and*

Organizational Behavior, 5, 129-156. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-032117-104631>

Hansman, C. A. (2001). Context-Based Adult Learning. In S. B. Merriam (Ed.), *The New Update on Adult Learning Theory. New Directions in Adult and Continuing Education* (n. 89). San Francisco: Jossey-Bass.

Hirschi, A. (2018). The Fourth Industrial Revolution: Issues and implications for career research and practice. *Career Development Quarterly*, 66(3), 192-204. <https://doi.org/10.1002/cdq.12142>

Hoselitz, B. (1957). Noneconomic Factors in Economic Development. *The American Economic Review*, 47(2), 28-41.

Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American journal of sociology*, 43(3), 404-413.

Hughes, E. C. (1958). *Men and their work*. Chicago: The University of Chicago Press.

Igwe, P. A., Newbery, R., Amoncar, N., White, G. R., & Madichie, N. O. (2018). Keeping it in the family: exploring Igbo ethnic entrepreneurial behaviour in Nigeria. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 26(1), 34-53. <https://doi.org/10.1108/IJEER-12-2017-0492>

Jarvis, P. (2012). *Adult Learning in the Social Context*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203802724>

Jeanes, E. (2017). Are we ethical? Approaches to ethics in management and organisation research. *Organization*, 24(2), 174-197. <https://doi.org/10.1177/1350508416656930>

Krein, D., Abílio, L., Freitas, P., Borsari, P., & Cruz, R. (2018). Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para os trabalhadores. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região*, 52, 41-66.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815355>

Lawrence, B. S. (2011). Careers, social context and interdisciplinary thinking. *Human Relations*, 64(1), 59-84. <https://doi.org/10.1177/0018726710384293>

Lewis, M. W., & Grimes, A. J. (2005). Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. *Revista de Administração de Empresas*, 45(1), 72-91.

Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (2005). Paradigmatic Controversies, Contradictions, and Emerging Confluences. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research* (pp. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage.

Lune, H., & Berg, B. L. (2016). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences* (9a Ed.). Long Beach: Pearson Education.

- Martins, A. C., & Costa, L. C. da. (2014). Reestruturação Produtiva e as Políticas Públicas de Empreendedorismo: uma análise do deslocamento do direito do trabalho para o direito empresarial. *CONINTER*, 2(3), 338-356.
- Maurente, V., & Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 33–38. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300006>
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 215- 240). Los Angeles: Sage.
- McGowan, W. (2020). ‘If you didn’t laugh, you’d cry’: Emotional labour, reflexivity and ethics-as-practice in a qualitative fieldwork context. *Methodological Innovations*, 13(2). <https://doi.org/10.1177/2059799120926086>
- Meneses, R. D. B de. (2013). A Desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. *Universitas PhilosoPhica*, 60(30), 177-204.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Merriam, S. B. (1999). Time as the Integrative Factor. In M. C. Clark, & R. S. Caffarella (Eds.), *An Update on Adult Development Theory: New Ways of Thinking About the Life Course* (n. 84, pp. 67-75). San Francisco: John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/ace.8408>
- Merriam, S. B. (2018). Adult learning theory: evolution and future directions. In K. Illeris (Ed.), *Contemporary theories of learning: Learning Theorists... In Their Own Words* (2a ed., pp. 83-96). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315147277>
- Merriam, S. B., Caffarella, R. S., & Baumgartner, L. M. (2007). *Learning in Adulthood: A Comprehensive Guide* (3a ed.). San Francisco: John Wiley & Sons.
- Millán, A., Millán, J. M., & Caçador-Rodrigues, L. (2019). Disclosing ‘masked employees’ in Europe: job control, job demands and job outcomes of ‘dependent self-employed workers’. *Small Bus Econ*, 55, 461-474. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00245-7>
- Moore, C., Gunz, H., & Hall, D. T. (2007). Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 13-38). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Muzio, D., & Doh, J. (2021). COVID-19 and the Future of Management Studies. Insights from Leading Scholars. *Journal of Management Studies*. 58(5). <https://doi.org/10.1111/joms.12689>
- Nogueira, M. O. (2019). *Um Pirilampo no porão: um pouco de luz nos dilemas da produtividade das pequenas empresas e da informalidade no país* (2a Ed.). Brasília: IPEA.
- Oliveira, J. M de. (2013). Empreendedor individual: ampliação da base formal ou substituição do emprego. *Radar: tecnologia, produção e comércio exterior*, (25), p. 33-44.

- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>
- Piaget, J. (1966). The psychology of intelligence and education. *Childhood Education*, 42(9), 528-528. <https://doi.org/10.1080/00094056.1966.10727991>
- Portal do Empreendedor. (2024). *Estatísticas*. Brasília. Recuperado de <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.
- Rodrigues, D. G. (2017). *Aprendendo a ser autor da ação empreendedora: narrativas compartilhadas e situadas no alto sertão paraibano* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Rosenfield, C. (2015). Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 115-128. <https://doi.org/10.17666/3089115-128/2015>
- Rubin, A. T. (2021). *Rocking qualitative social science: An irreverent guide to rigorous research*. Stanford University Press.
- Rummel, S., Akkermans, J., Blokker, R., & Van Gelderen, M. (2019). Shocks and entrepreneurship: a study of career shocks among newly graduated entrepreneurs, *Career Development International*. <https://doi.org/10.1108/CDI-11-2018-0296>
- Salgado, J. (2021). Microempreendedor individual e a noção de cidadania empresarial. *Revista Mídia e Cotidiano*, 15(1), 192-212. <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i1.46319>
- Santos, G. T. dos, & Moura, E. O. de. (2021, maio). Contribuições da Perspectiva Sociológica e da Aprendizagem Baseada em Prática à Aprendizagem Organizacional. *Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, On-line, 7. Recuperado de http://anpad.com.br/pt_br/event/details/111#navsidebar-1784
- Say, J. B. (2001). *A treatise on political economy*. Philadelphia: Batoche Books.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., & Van Vianen, A. E. M. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239-250. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural.
- Schwandt, T. A. (1994). Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 118-137). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de

https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/013_0319_APRE_MEI_v15_principais-resultados-inicio.pdf

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2022). *Perfil do Microempreendedor Individual*. Brasília. Recuperado de https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio_perfil_mei_2022_v15.pdf

Silva, G. S. D., Paiuca, I. R., & Schmidt, C. (2020). Cultura Empreendedora e Políticas Públicas: A Participação Social como Estratégia para Fortalecer o Desenvolvimento Econômico Municipal. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, 3(44). <http://dx.doi.org/10.36810/rde.v3i44.6081>

Souza, M. M., & Borges, L. de O. (2020). Salão parceiro na prática: submissão ou autonomia?. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218817>

Stoyanov, S., & Stoyanova, V. (2021). Learning how to learn and then doing it all over again: The evolving learning modes of migrant entrepreneurs. *International Small Business Journal*. 1-28. <https://doi.org/10.1177/02662426211016449>

Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.

Telles, R., Rocha, J. S., Siqueira, J. P., Hourneaux Junior, F., & Cardoso, S. R. (2016). Formalidade ou Informalidade? Análise sobre os Fatores Presentes na Decisão do Microempreendedor Brasileiro. *Revista Alcance*, 23(2), 189-213.

Tessarini-Junior, G., & Saltorato, P. (2020). A Flexibilização como Regra: O Trabalho na Sociedade Capitalista Contemporânea. *Anais do Encontro da ANPAD*, Evento on-line, 44.

Todolí-Signes, A. (2017). The ‘gig economy’: employee, self-employed or the need for a special employment regulation? *Transfer: European Review of Labour and Research*, 23(2), 193-205. <https://doi.org/10.1177/1024258917701381>

Tran, H., Baruch, Y., & Bui, H. T. M. (2019). On the way to self-employment: The dynamics of career mobility. *The International Journal of Human Resource Management*. <https://doi.org/10.1080/09585192.2019.1640267>

Vaclavik, M. C., Rocha-de-Oliveira, S., & Oltramari, A. P. (2021). Proteus looks around: agency, time and context in a Gig Economy career analysis. *BAR – Brazilian Administration Review*, 18(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2021200098>.

Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>

Weber, M. A (1999). *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira.

Wenger, E. (2018). A social theory of learning. In K. Illeris (Ed.), *Contemporary Theories of Learning: Learning Theorists... In Their Own Words* (2a ed., pp. 219-228). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315147277>

- Wickert, C., Post, C., Doh, J. P., Prescott, J. E., & Prencipe, A. (2021). Management research that makes a difference: Broadening the meaning of impact. *Journal of Management Studies*, 58(2), 297-320. <https://doi.org/10.1111/joms.12666>
- Wissmann, A. D. M. (2020, outubro). Desconstrução e Discursos sobre a figura do Microempreendedor Individual (MEI). *Anais do Congresso Internacional de Administração – ADM 2020*, on-line, 33. Recuperado de <https://admpg.com.br/2020/anais/>
- Wissmann, A. D. M. (2021). Discursos e desconstrução sobre a figura do Microempreendedor Individual (MEI). *Revista Pretexto*, 22(4), 96-106. Recuperado de <http://revista.fumec.br/index.php/pretexto/article/view/7989>
- Wissmann, A. D. M., & Closs, L. Q. (2020, outubro). Interloquções entre Carreira e o Movimento do Emprego Formal ao Microempreendedorismo. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – Anpad*, São Paulo, São Paulo, Brasil, 44. Recuperado de https://eventos.anpad.org.br/pt_br/index
- Wissmann, A. D. M., Closs, L. Q., & da Luz, A. R. (2022). Interloquções teóricas entre empreendedorismo, carreira e aprendizagem. *Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle*, 11(3). <https://doi.org/10.18316/desenv.v11i3.10042>
- Wissmann, A. D. M., Junior, J. J., Moraes, J. P., & Andrade, A. G. M. (2020, outubro). As Marcas do Gênero na Carreira do Microempreendedor Individual (MEI). *Anais do Congresso Internacional de Administração – ADM 2020*, on-line, 33. Recuperado de <https://admpg.com.br/2020/anais/>
- Wissmann, A. D. M., Junior, J. J., Moraes, J. P., & Andrade, A. G. M. (2020, outubro). As Marcas do Gênero na Carreira do Microempreendedor Individual (MEI). In M. Vaclavik, R. K. C., & R. C. Guimarães (Eds.), *Trabalho e Carreira: perspectivas contemporâneas* (pp. 45-70). Goiânia: Espaço Acadêmico.
- Wissmann, A. D. M., & Leal, A. P. (2018). Experiências de Microempreendedorismo Individual (MEI) na ótica das Relações de Trabalho no Município de Rio Grande-RS. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 3(2), 5-19.
- Wissmann, A. D. M., & Leal, A. P. (2019, outubro). A Qualificação do Microempreendedor Individual: Uma Análise no Município de Rio Grande (RS). *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – Anpad*, São Paulo, São Paulo, Brasil, 43. Recuperado de https://eventos.anpad.org.br/pt_br/index
- Wissmann, A. D. M., Moraes, J. P., Andrade, A. G. M., & Junior, J. J. (2020, outubro). Trabalhadores do Batuque: A Carreira em uma Religião Afro-Gaúcha. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – Anpad*, São Paulo, São Paulo, Brasil, 44. Recuperado de https://eventos.anpad.org.br/pt_br/index
- Wissmann, A. D. M., Moraes, J. P., Andrade, A. G. M., & Junior, J. J. (2021). Trabalhadores do Batuque: A Carreira em uma Religião Afro-Gaúcha. *Cadernos EBAPÉ.BR*, 19(4), 1003-1015. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200190D>
- Zaccur, E. (2003). Por que não uma epistemologia da linguagem? In R. L. Garcia (Org.), *Método Métodos Contramétodo* (pp. 63-89). São Paulo: Cortez.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Alexandre Dal Molin Wissmann, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS), estou realizando uma pesquisa com Microempreendedores Individuais (MEIs). Para tanto, gostaria de contar com a sua participação, que ocorreria por meio de seu aceite para receber-me em seu espaço de trabalho algumas vezes durante o período de coleta de dados, permitindo a observação de suas atividades cotidianas, o registro de informações e dados importantes que surgirem de nossas interações e das observações, e também através de uma entrevista, individual, gravada em áudio e posteriormente transcrita, sendo devidamente arquivada após o término da pesquisa. Importante dizer que caso, durante essas interações, surja alguma informação de ordem pessoal e sigilosa, garantiremos o seu sigilo, desconsiderando a mesma da pesquisa. Embora este estudo não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenções futuras. O único incômodo previsto é o de disponibilizar o seu tempo para nossas conversas e à realização da entrevista. É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária, portanto, caso não queira participar, você não precisa assinar este termo.

A assinatura deste documento deixa claro que eu, _____, maior de idade, concordei em participar pela minha própria vontade, sem querer incentivos de qualquer ordem e sem ter qualquer ônus, tendo por finalidade exclusiva colaborar com o sucesso do trabalho desenvolvido pelo acadêmico.

Fui igualmente informado sobre a garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados a pesquisa. Me foi assegurado de que todas as informações prestadas por mim são sigilosas e serão utilizadas somente para esta pesquisa. Os resultados globais da pesquisa, não individuais, serão publicados posteriormente em algum periódico científico, porém com o anonimato assegurado. Foi esclarecido que as informações obtidas serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo destruídas após 5 anos de arquivamento.

Se eu tiver alguma pergunta a fazer antes de decidir participar ou após, fui informado que posso entrar em contato com a Profa. Dra. Lisiane Q. Closs, orientadora da pesquisa, através do e-mail lisiane.closs@ufrgs.br ou através do contato telefônico 51 3308 3536.

Data: _____ Nome do entrevistado: _____.

Assinatura: _____ Assinatura do entrevistador: _____.

Apêndice B – Questões exmanentes utilizadas na entrevista narrativa

Elementos de análise	Intenção	Questões Exmanentes
Indivíduo, tempo e contexto	Explorar o passado, características, formação e marcadores socioeconômicos	Me fala mais sobre sua infância, o lugar em que nasceu, cresceu, como você foi criado.
		Me conta um pouco mais sobre como foi acontecendo a sua formação profissional (ensino fundamental, médio, cursos e faculdade).
Experiências, atores, relações, aprendizagem e contexto	Explorar experiências, atores e contextos que influem na carreira	Me fala mais sobre sua trajetória, suas experiências profissionais (empresas onde trabalhou, atividades que exerceu e ocupações ao longo da vida).
		Me conta sobre alguma(s) pessoa(s) que teve(eram) um papel importante em sua trajetória profissional (família, amigos e vizinhos).
		Me fala mais sobre algum(s) ponto(s) em sua trajetória que teve você considera marcante (<i>turning point</i>).
		Me fala mais sobre alguma(s) instituição(ões) que teve(eram) um papel relevante em sua trajetória profissional, algum local que te ofereceu ajuda, foi importante para você.
Emprego formal, aprendizagem e significados	Explorar elementos objetivos e que envolvam a experiência no emprego formal anterior ao MEI	Me conta um pouco mais sobre como era seu trabalho antes de tornar-se MEI (atividade principal, vínculos, local e jornada de trabalho).
	Explorar elementos subjetivos e que envolvam a experiência no emprego formal anterior ao MEI	Me fala mais sobre o seu bem estar, em como você se sentia trabalhando em seu antigo emprego.
Transição, experiência, significados e aprendizagem	Explorar a experiência de transição entre as ocupações	Me conta um pouco mais sobre essa mudança, após sair de seu antigo emprego, em tornar-se um microempreendedor(a).
		Me fala mais sobre essa transição do emprego anterior para sua posição atual, o que você destacaria.
	Explorar indícios sobre os processos de aprendizagem durante a transição	Me conta mais sobre as mudanças/diferenças entre essas duas ocupações, o que houve de relevante nesse processo.
		Me conta sobre alguma(s) pessoa(s) que teve(eram) um papel importante nesse momento de transição (família, amigos e vizinhos). Me fala mais sobre os principais desafios que você enfrentou nesse momento.
MEI, contexto, significado, relações sociais e aprendizagem	Explorar a atual situação de vida do entrevistado	Me conta mais sobre como é sua vida hoje (composição familiar, rotina e atividades pessoais).
	Explorar elementos objetivos e que	Me fala um pouco mais sobre como é seu trabalho hoje como MEI (atividades principal e secundária, vínculos, local e jornada de trabalho).

	envolvam a experiência como MEI	
	Explorar elementos subjetivos na experiência como MEI	Me conta mais sobre o seu bem estar, em como você se sente trabalhando como MEI.
	Explorar as relações sociais vivenciadas no cotidiano do MEI	Me conta sobre alguma (s) pessoa(s) que possui(em) um papel importante em seu cotidiano pessoal e profissional (família, amigos, vizinhos e outros profissionais).
	Explorar indícios sobre os processos de aprendizagem como MEI	Me fala um pouco mais sobre as principais dificuldades que você encontra atualmente em seu trabalho. Me conta mais sobre como você busca fontes de aprendizado para enfrentar as questões do dia a dia.
Perspectivas futuras	Explorar quais são as perspectivas do indivíduo em sua vida pessoal e profissional	Me fala mais sobre como são suas perspectivas de futuro pessoais e profissionais para os próximos anos.

Apêndice C – Modelo de nota de campo utilizado na etapa de coleta

Frente	Verso
<p>Diário de campo, Cidade, Data.</p> <p>Horário inicial: _____ Horário final: _____</p> <p>Notas sobre os participantes da pesquisa:</p> <div data-bbox="284 461 826 645" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Observações Descritivas</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div> <div data-bbox="284 645 826 801" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Observações Reflexivas</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div>	<div data-bbox="847 383 1386 629" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Outras anotações</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div> <div data-bbox="847 658 1386 936" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Trajatória percorrida</p> </div>
<p>Notas sobre o espaço/contexto:</p> <div data-bbox="284 846 826 1003" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Observações Descritivas</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div> <div data-bbox="284 1003 826 1167" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Observações Reflexivas</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div>	<div data-bbox="847 965 1386 1223" style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> <p>Representações ilustrativas</p> </div>